



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**INSTITUTO DE LETRAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA**

**JOSÉ RAILSON DA SILVA COSTA**

**IMAGENS DE *YOUTUBERS* MARCADOS PELA TATUAGEM  
E PELO *BODY PIERCING* SOB A ÓTICA DA ANÁLISE DO  
DISCURSO E DA ENUNCIÇÃO**

Salvador

2021

**JOSÉ RAILSON DA SILVA COSTA**

**IMAGENS DE *YOUTUBERS* MARCADOS PELA TATUAGEM E  
PELO *BODY PIERCING* SOB A ÓTICA DA ANÁLISE DO DISCURSO E  
DA ENUNCIÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do título de Mestre em Língua e Cultura.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Adriana Santos Batista

Salvador

2021

Costa, José Railson da Silva.

Imagens de youtubers marcados pela tatuagem e pelo body piercing sob a ótica da análise do discurso e da enunciação / José Railson da Silva Costa. - 2021.

162 f.: il.

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Santos Batista.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2021.

1. Linguística. 2. Linguagem e línguas - Estilo. 3. Análise do discurso. 4. Marcas corporais. 5. Corpo humano - Aspectos sociais. 6. Corpo humano - Aspectos simbólicos. 7. Tatuagem. 8. Piercing. 9. Celebridades da Internet. I. Batista, Adriana Santos. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. III. Título.

CDD - 410

CDU - 81'42

**JOSÉ RAILSON DA SILVA COSTA**

**IMAGENS DE *YOUTUBERS* MARCADOS PELA TATUAGEM E  
PELO *BODY PIERCING* SOB A ÓTICA DA ANÁLISE DO  
DISCURSO E DA ENUNCIÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura,  
Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção  
do título de Mestre em Língua e Cultura.

Salvador, 21 de maio de 2021

Banca examinadora

Adriana Santos Batista – Orientadora \_\_\_\_\_

Doutora em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo

Universidade Federal da Bahia

Julio Neves Pereira \_\_\_\_\_

Doutor em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Universidade Federal da Bahia

Nilsa Brito Ribeiro \_\_\_\_\_

Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

## **Agradecimentos**

Agradeço a minha família pelo apoio e por me ensinar que a educação é o único meio de superar os determinismos sociais.

Agradeço grandemente a Kaique por ter sido um amigo tão presente nãos caminhos da UFBA – Residência e por nunca ter hesitado em dar apoio sempre que precisei.

A Lucas Aguiar e a então direção do Colégio Estadual Professor Rocha Pita por compreender as dificuldades da vida de professor estudante e sempre estarem dispostos à escuta.

A Universidade Federal da Bahia e a todos os professores do Instituto de Letras que tive a oportunidade de conhecer, compartilhar saberes e que contribuíram para minha formação acadêmica.

Ao Grupo de Estudos Sobre Texto e Enunciação (GETEn), lugar que ajudou a espantar fantasmas da pós-graduação e a melhorar minhas análises de pesquisa.

Aos professores Julio Neves Pereira e Nilsa Brito Ribeiro pelas contribuições na banca de qualificação.

A minha orientadora Adriana Santos Batista pelo suporte dado a minha pesquisa, por enriquecer e incentivar minha formação acadêmica e possibilitar novos vínculos de estudo.

Durante os dois anos seguintes Sansão permaneceu na baía. Os porcos enviaram uma garrafa contendo um remédio cor-de-rosa, encontrado no armarinho do banheiro, e Quitéria servia-o a Sansão duas vezes ao dia, após as refeições. À noite, Quitéria permanecia a seu lado, conversando com ele, enquanto Benjamin afastava as moscas. Sansão afirmava não estar triste com o acontecido. Caso se recuperasse bem, poderia viver mais três anos, e já imaginava os dias tranquilos que passaria no rincão da pastagem. Seria a primeira vez que lhe sobraria tempo de folga para estudar e melhorar seus conhecimentos. Pretendia dedicar o resto de sua existência ao aprendizado das vinte e duas letras restantes do alfabeto.

George Orwell (2015, p. 73)

COSTA, José Railson da Silva. *Imagens de youtubers* marcados pela tatuagem e pelo *body piercing* sob a ótica da Análise do Discurso e da Enunciação. 2021. Orientadora: Adriana Santos Batista. 162 f. il. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo investigar como são constituídas discursivamente as imagens dos sujeitos intitulados *youtubers*, que têm o corpo marcado pela tatuagem e pelo *body piercing*. Caracteriza-se como um estudo analítico interpretativo, que tem seu *corpus* constituído de vídeos que foram postados por internautas da plataforma de vídeos *YouTube* no período entre 2014 e 2018. Ainda tratando-se das imagens que são investigadas a partir desse *corpus*, deu-se atenção a imagem dos *youtubers* sobre o corpo marcado e sobre a marcação, além das imagens dos internautas sobre as marcações. Como suporte para contribuir com o objetivo geral e objetivos específicos, serão utilizados os conceitos advindos da teoria da Análise do Discurso e da Enunciação, estes são, respectivamente: formações imaginárias, interdiscurso e formação discursiva, memória e modalização autonímica. Serão mobilizados ainda estudos sociológicos e antropológicos para que se possa compreender a trajetória da marcação corporal e auxiliar nas análises que serão feitas. A justificativa para a escolha dos vídeos para o *corpus* se relaciona com um recorte temático dos aspectos que interpretativamente mais se destacam, além de esses aspectos também serem fomentados pelo referencial acerca do corpo. Esses aspectos que organizam as análises são: marcações corporais extensivas; marcações corporais em adolescentes; marcações corporais e emprego; marcações corporais, saúde e a dor. Os desdobramentos da pesquisa só foram possíveis pois se tomaram como base para nortear as análises e a metodologia os pressupostos para revisão de literatura advindos de Pêcheux (1995, 1997b, 2010) e Authier-Revuz (1998,1999), sendo eles referentes ao recorte linguístico. No campo da Sociologia e da Antropologia as contribuições teóricas foram feitas através das considerações de Ferreira (2010, 2014), Hall (2006, 2011), Le Breton (2012, 2013). A partir das análises, foi constatado que as imagens dos sujeitos marcados sobre si mesmos os colocam na posição de instrutores, que mobilizam conhecimentos e opiniões em defesa da marcação do corpo com a finalidade de estabelecer normas de conduta para seus internautas driblarem o preconceito. Com relação às imagens do *youtubers* e dos internautas sobre o conteúdo, se destaca a perspectiva estética da tatuagem e do *body piercing*, em detrimento da visão sobre um instrumento de revolta contra um sistema de controle do corpo. Entretanto, se destaca o papel das marcações corporais como um veículo de ressignificação da existência dos indivíduos, pois como a tatuagem e o *body piercing* recaem sobre o âmbito de uma estética almejada, eles são sempre enunciados no sentido da fetichização, muitas vezes ligadas a uma perspectiva burguesa de vida. Conclui-se que apesar das marcações corporais estarem sendo ressignificadas e se disseminando cada vez mais entre grupos socialmente favorecidos, a memória histórica e discursiva sobre seus estigmas ainda são muito recorrentes, explicitando o importante papel das plataformas digitais no combate ao preconceito, através da difusão do conhecimento e de diversos pontos de vista sobre o tema. Destaca-se também a recorrência de sentidos sobre o corpo que recaem na significação de um importante espaço simbólico e de lutas pela constituição de novas identidades.

Palavras-chave: Corpo. Identidade. Memória. Preconceito. Ressignificação.

COSTA. José Railson da Silva. Images of youtubers marked by tattoos and body piercing from the perspective of Discourse Analysis and Enunciation. Thesis advisor: Adriana Santos Batista. 2021. 162 f. ill. Dissertation: (Master in Language and Culture) – Instituto de letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

## ABSTRACT

This research aims to investigate how the images of subjects entitled youtubers, whose bodies are marked by tattoos and body piercing, are constituted discursively. It is characterized as an interpretive analytical study, which has its corpus consisting on videos that were posted by Internet users of the YouTube video platform in the period between 2014 and 2018. Still dealing with the images that are investigated, stands out to the image of youtubers on the marked body and on the marking, in addition to the images of internet users on the markings. As support to contribute to the general objective and specific objectives, the concepts arising from the theory of Discourse Analysis and Enunciation will be used, which are, respectively: imaginary formations, interdiscourse and discursive formation, memory and autonimic modalization. Sociological and anthropological studies will also be used so that can be understood the trajectory of body marking and assist in the analyzes that will be carried out. The justification for the choice of videos for the corpus is related to a thematic cut of the aspects that stand out more interpretively, in addition to these aspects being also fostered by the reference about the body. The aspects that organize the analyzes are: extensive body markings; body markings in teenagers; body markings and employment; body markings, health and pain. The developments of the research were only possible because the assumptions for literature review arising from Pêcheux (1995, 1997b, 2010) and Authier-Revuz (1998, 1999) referring as a basis to guide the the linguistic cut metodologically. In the field of Sociology and Anthropology, theoretical contributions were made through considerations by Ferreira (2010, 2014), Hall (2006, 2011), Le Breton (2012, 2013). From the analyses, it was found that the images of subjects marked about themselves place them in the position of instructors, who mobilize knowledge and opinions in defense of the marking of the body in order to establish rules of conduct for their internet users to circumvent prejudice. Regarding the images from youtubers and internet users about the content, the aesthetic perspective of tattooing and body piercing stands out, to the detriment of the vision of an instrument of revolt against a system of body control. However, the role of body markings as a vehicle for reframing the existence of individuals stands out, as tattooing and body piercing fall within the scope of a desired aesthetic, they are always enunciated in the sense of fetishization, often linked to a bourgeois perspective on life. It is concluded that although body markings are being re-signified and spreading more and more among socially favored groups, the historical and discursive memory about their stigmas are still very recurrent, explaining the important role of digital platforms in combating prejudice, through knowledge diffusion and different points of view on the subject. The recurrence of meanings about the body that fall into the meaning of an important symbolic space and struggles for the constitution of new identities is also highlighted.

Key-words: Body. Identity. Memory. Prejudice. Resignification.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 <i>Corpus</i> da pesquisa	19
Quadro 2 Imagens que podem ser geradas pelos enunciadores com base no quadro das Formações Imaginárias, proposto por Pêcheux (1997b)	39
Figura 1 Captura de tela do vídeo “TATUAGEM X EMPREGO – MISCHA LEMOS” do canal Mischa Lemos, publicado em 19 de abril de 2017	64
Figura 2 Imagem retirada do vídeo “Como ser FELIZ sendo MODIFICADA? Lutando contra o PRECONCEITO!   + Desabafo!” do canal Maryanne Davila, publicado em 29 de abril de 2017	65
Figura 3 Imagem retirada do vídeo “NOS ARREPENDEMOS DAS NOSSAS TATOOS?” do canal Ilha de Barbados, publicado em 18 de outubro de 2017	65
Figura 4 Imagem extraída do vídeo “Como ser FELIZ sendo MOIFICADA? Lutando contra o PRECONCEITO!   + Desabafo!” do canal Maryanne Davila	69
Figura 5 Imagem da Andressa Damiani caracterizada como Elsa do filme Frozen	98
Figura 6 Imagem do vídeo intitulado “Preconceito – Tatuagem, modificação corporal e profissões” publicado no canal Laah Char em 28 de agosto de 2018	112
Figura 7 Imagem extraída do vídeo vídeo “TATUAGENS E DIFICULDADE DE ARRUMAR EMPREGO” do canal Michel Moraes utilizada para demonstrar uma de suas tatuagens visíveis no pescoço	125
Figura 8 Imagem retirada do vídeo “TATUAGEM X EMPREGO – MISCHA LEMOS” do canal Mischa Lemos.	132

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	10
2 REFERENCIAL TEÓRICO .....	23
2.1 Conceitos da Análise do Discurso e da Enunciação.....	24
2.1.1 A Análise do Discurso em retrospectiva .....	24
2.1.2 Interdiscurso e formação discursiva .....	30
2.1.3 Formações Imaginárias .....	36
2.1.4 Memória Discursiva .....	41
2.1.5 Modalização autonímica .....	44
2.2 Perspectivas sobre corpo e marcações corporais.....	48
2.2.1 Antecedentes de um corpo biológico a um corpo antropológico .....	48
2.2.2 A relação do corpo com a tatuagem e o <i>body piercing</i> .....	53
2.2.3 Identidade e marcação corporal .....	57
3 ANÁLISES PRELIMINARES SOB À LUZ DA ANÁLISE DO DISCURSO E DA ENUNCIÇÃO .....	63
3.1 Marcações extensas, evidentes e invasivas .....	63
3.2 Marcações corporais em adolescentes.....	89
3.3 Marcações corporais e mercado de trabalho .....	109
3.4 Marcações corporais, saúde e dor .....	135
4 IMAGENS DISCURSIVAS QUE EMERGEM DOS VÍDEOS SOBRE MARCAÇÃO CORPORAL .....	146
4.1 Imagens formuladas pelos youtubers sobre si mesmos.....	146
4.2 Imagens formuladas sobre a prática da tatuagem e do <i>body piercing</i> .....	149
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	152
Referências .....	156

## 1 INTRODUÇÃO

Estudar o corpo marcado é um tema sugestivo para diferentes campos do conhecimento. Esse tipo de discussão teórica pode ser proveniente de diversas fontes, como livros, revistas especializadas em tatuagem ou *body piercing*, jornais de notícias, entre outros. Pode ser observado ainda, como esse tema circula no ambiente digital, caminho adotado nesta dissertação para escolha do corpus. Por isso, se buscará inicialmente, discutir sobre a importância da internet e do seu alcance como ponto importante para dar continuidade às discussões que se seguem a respeito da temática da pesquisa.

Bernadazzi e Costa (2017) pontuam que a facilidade no alcance e na veiculação de informação se dá graças à modernização dos meios de comunicação, espaço em que a televisão e o rádio deram lugar, gradativamente, aos celulares, *tablets* e a melhoria da internet. Observa-se, ainda, que os usuários desses serviços e produtos querem ser os veiculadores dessas informações e não somente receptores.

Esses dados são mais bem discutidos e aprofundados quando se toma como base a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), que na ocasião, foi extinta em 2017, após finalizar suas publicações com dados de 2015, sendo substituída por uma amostra contínua trimestral pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Ainda em uma das últimas versões anuais do PNAD, foi constatado que o Brasil registrou em 2015 uma retração no número de microcomputadores, em relação ao ano de 2014, em unidades domiciliares de todas as regiões. Em contrapartida, houve um aumento no número de pessoas conectadas à internet, caso que foi discutido pela pesquisa quando publicada, conforme abaixo:

Em 2015, 31,4 milhões de domicílios possuíam microcomputador, correspondendo a uma redução de 3,4% em relação ao ano anterior. Desse total, 27,5 milhões de unidades domiciliares tinham computador com acesso à Internet. As proporções de domicílios com microcomputador (46,2%) e com microcomputador com acesso à Internet (40,5%) registraram retrações de 2,3 e 1,6 pontos percentuais, respectivamente, na comparação com 2014 (Tabela 5). As Regiões Norte e Nordeste também apresentaram as menores proporções de domicílios com microcomputador (26,7% e 30,3%, respectivamente) e com microcomputador com acesso à Internet (19,6% e 25,8%, respectivamente). Houve redução da posse de microcomputador em

todas as Grandes Regiões. Em 2015, foi a primeira vez que se observou redução no total de domicílios com microcomputador e com microcomputador com acesso à Internet, embora o total de moradores com acesso à Internet tenha aumentado, conforme será visto adiante. Isso se deve ao crescimento do acesso por meio de outros equipamentos e em outros locais que não o domicílio. (IBGE, 2016, p. 80)

A pesquisa mostra que apesar do número de computadores nos domicílios ter diminuído, o número de moradores com acesso à internet aumentou. Isso demonstra que os cidadãos, antes conectados à rede apenas pelo *desktop* ou *notebook*, agora dispõem de outros meios pelos quais podem acessar, que não necessariamente representam novos meios para além dos que já existiam, mas podem ser também a única opção de acesso, como no caso das famílias mais carentes, que geralmente só tem um celular, e por vezes pode ser compartilhado entre os demais membros.

No ano de 2005, período no qual Bernadazzi e Costa (2017) apontam como época em que houve a compra do *YouTube* pelo *Google*, o IBGE (2006) já havia constatado que a população acima de 10 anos já tinha acesso à internet, porém mais distribuída em outros espaços externos, gratuitos ou privados. Entretanto, o acesso à internet, estava distribuído nos grupos jovens de 15 a 17 anos, destacando-se que essas pessoas em mais de 76% dos casos tinham alguma instrução.

Quase cinco anos depois desse censo, os grupos mais jovens até 29 anos, representando números próximos ou superiores a metade da população, foram os que mais tiveram destaque de avanço no acesso à internet. Essa etapa da pesquisa que faz comparativos com a de 2005 e verificou um aumento considerável de domicílios com computadores conectados à internet, em contraste com o percentual desse ano (IBGE, 2010). Observa-se, com isso, um avanço vertical do acesso à internet, como mostrados nos dados do IBGE em um período médio de cinco anos, apesar de no ano de 2015, esse acesso ser deslocado aos aparelhos móveis.

Com relação ao público que intensificou o acesso em 2015, o IBGE (2016) faz um paralelo com o ano anterior:

Em 2015, considerando a população de 10 anos ou mais de idade por grupos etários, observa-se que as pessoas de 15 a 17 anos de idade e de 18 ou 19 anos de idade apresentaram os maiores percentuais de usuários de Internet no Brasil (82,0% e 82,9%, respectivamente). Em relação a 2014, os maiores aumentos de usuários, contudo, ocorreram nos grupos de 40 a 49 anos de idade e de 50 anos ou mais (13,9% e 20,1%, respectivamente). (IBGE, 2016, p. 81)

Constata-se, que apesar do público entre crianças e adolescentes representar a grande maioria dos usuários de internet, mais de 80%, o crescimento maior no número de usuários ocorre na faixa dos 40 aos 50 anos.

Isso demonstra que apesar da predominância dos grupos mais jovens no acesso à internet, como apresentado nessa pesquisa, os grupos acima de 40 anos apresentam uma nova tendência de público etário relativo às pesquisas passadas. Isso indica também um aspecto importante relacionado à democratização do acesso à informação, indo além do pressuposto de democracia como ato político para uma sociedade, mas de democracia como ato de liberdade de opinião, possibilidade opinativa e construção de espaços de discussão coletiva, sobretudo no espaço virtual (BOBBIO, 1989), através dos fóruns, plataformas participativas, como no caso do *YouTube* e redes sociais de forma geral.

Ao se analisar o destaque que o conteúdo virtual vem recebendo, destaca-se o site de vídeos *Youtube*, que como já comentado anteriormente, foi comprado e pertence desde 2005 à empresa americana *Google*. Desde sua compra, o site começou a ter uma grande relevância na internet, pois teve um salto no seu alcance, já que milhões de internautas se conectaram a ele diariamente, chamando a atenção da sua atual dona, que desde sua aquisição, disponibiliza um espaço para que qualquer pessoa que tenha acesso à internet e um aparelho que disponha de filmagem, tenha a possibilidade de se conectar com outros usuários. Esse ponto é explanado de forma sintética na seguinte citação, ao abordar o espaço que o site conseguiu após sua compra:

O momento de sucesso chegou em outubro de 2006, quando o Google pagou 1,65 bilhão de dólares pelo YouTube. Em novembro de 2007, ele já era o site de entretenimento mais popular do Reino Unido, com o site da BBC ficando em segundo. No começo de 2008, de acordo com vários serviços de medição de acessos, já figurava de maneira consistente entre os dez sites mais visitados do mundo. Em abril de 2008, já hospedava algo em torno de 85 milhões de vídeos, um número que representa um aumento dez vezes maior em comparação ao ano anterior e que continua a crescer exponencialmente. A comScore, empresa de pesquisa de mercado da internet, divulgou que o serviço respondia por 37% de todos os vídeos assistidos nos Estados Unidos. Como uma comunidade de conteúdo gerado por usuários, seu tamanho gigantesco e sua popularidade entre as massas eram sem precedentes. (JEAN BURGERS, JOSHUA GREEN, 2009, p.18)

No que diz respeito à forma interativa com a qual o site funciona, ele situa-se numa lógica com tendências comerciais, onde também companhias se utilizam de propagandas, chegando a patrocinar usuários que possuem canais de vídeos, para que a publicidade dos seus produtos e serviços seja veiculada, como era feito e ainda é na televisão, rádio, jornais e revistas. Paralelamente aos meios tradicionais de comunicação, o *YouTube* não é somente um espaço de expressão e de interação, mas também um espaço financeiro de grande interesse e lucro na atualidade, como afirmado na seguinte citação que situa sobre sua funcionalidade:

O YouTube na realidade não está no negócio de vídeo – seu negócio é, mais precisamente, a disponibilização de uma plataforma conveniente e funcional para o compartilhamento de vídeos on-line: os usuários (alguns deles parceiros de conteúdo premium) fornecem o conteúdo que, por sua vez, atrai novos participantes e novas audiências. (JEAN BURGERS, JOSHUA GREEN, 2009, p.18)

O que torna interessante e enriquecedor na observação de como o espaço de interação entre o conteúdo e o internauta no site *Youtube* se torna dinâmica, nesse intermeio comercial, é a possibilidade de abertura a diversos públicos, desde empresas de grande e médio porte, artistas, principalmente da música e de outros segmentos, além de pessoas não famosas que ganham a vida nesse espaço, chegando a se tornar ídolos para alguns internautas.

Esses sujeitos, que se deparam cercados de novas formas de produção de conteúdo, encontram no site de vídeos um espaço onde eles possam se colocar discursivamente como autores de suas ideias, ou ideias já existentes, atraindo públicos que se identifiquem com o tipo de conteúdo veiculado ao seu canal, mas apesar de todo esse entrosamento:

Ainda não existe uma definição específica para conceituar o produtor de conteúdo para o *YouTube*, indivíduo identificado como *YouTuber*<sup>1</sup>. São chamadas de *YouTubers* pessoas que possuem canais no site YouTube, que postam produtos audiovisuais e que, a partir disso, podem acabar tendo retorno financeiro e transformando essa atividade em carreira profissional. Ou seja, esse termo foi designado a partir da prática de um fenômeno que surgiu de forma espontânea e se transformou em uma nova possibilidade no mercado audiovisual e *online*. (BERNADAZZI, COSTA, 2017, p. 148)

Percebe-se com o trecho acima, que há um destaque importante para se pensar na internet como um forte e novo espaço para a difusão de discursos e construção de novas identidade, já

que boa parte do público que acessa a rede mundial de computadores está vinculada ao site de vídeos, como também mostram as autoras:

Em 2015 o *YouTube* registrou mais de um bilhão de usuários, o que equivale a aproximadamente um terço de usuários da Internet e tem em média um crescimento de 60% do tempo de exibição dos vídeos (*Youtube, online*) e mais de 80 milhões de curtidas na *Fanpage*. Segundo a descrição da empresa no site, o “*YouTube* oferece um fórum para as pessoas se conectarem, se informarem e inspirarem umas às outras por todo o mundo, bem como atua como plataforma de distribuição para criadores de conteúdo original e anunciantes grandes e pequenos” (*Youtube, online*). (BERNADAZZI, COSTA, 2017, p. 149)

Coincidentemente, no mesmo ano da pesquisa do IBGE (2015) em relação ao número de cidadãos brasileiros com acesso a microcomputadores e internet, o próprio *YouTube* também faz um levantamento sobre seus usuários, demonstrando que o destaque para o crescimento no acesso à internet também se desdobra no engajamento de internautas através do site.

Embasadas nas questões que foram comentadas nos parágrafos anteriores, que incluem dados estatísticos sobre acesso à internet, e o alcance do *YouTube*, é que se alinham as perspectivas de interesse em ambientes virtuais para a justificativa desta pesquisa. Dessa forma, a internet se mostra como um espaço sugestivo, interativo e de fácil acesso para produção e veiculação de informação, além de se tornar uma fonte de renda.

A crescente expansão do acesso à rede mundial de computadores, mesmo que de forma portátil, desperta o desejo em investigar diversos temas que são abordados pelos *youtubers*, sejam discussões comerciais, divulgando produtos; análises de vídeos de músicas; e acontecimentos, desde os mais simples até aqueles que podem envolver temas mais específicos, como é o caso da tatuagem e o *piercing*. Assim sendo, foram delimitados vídeos do *YouTube* como material para compor o *corpus* da presente pesquisa.

Quanto ao recorte temporal, deu-se preferência aos vídeos publicados de meados de 2015 em diante, justamente pelo fato de que a população, de acordo com última publicação da pesquisa do PNAD, teve um maior acesso não somente à internet, mas a aparelhos de filmagem móveis. A reflexão que esta pesquisa pretende proporcionar estará pautada não apenas na

motivação pessoal, mas também no interesse em dar continuidade a estudos discursivos que abarcam o ambiente virtual, como também em outras áreas que abordam a temática<sup>1</sup>.

Tratando-se do tema central da pesquisa, espera-se proporcionar questionamentos e incômodos acerca das marcações corporais, especificamente das práticas da tatuagem e do *body piercing*, que podem levar a sociedade a indagar sobre a motivação desta prática, seu surgimento, suas consequências, sua simbologia, entre outras questões.

Como forma de contribuir para tais estudos, a pesquisa recorrerá a duas áreas de conhecimento: Linguística como área fundamental, situando-se na Análise do Discurso, área que era geralmente referida sob o gentílico francesa, mas que não contemplava outras vertentes da Análise do Discurso na França; e a Antropologia e Sociologia como áreas auxiliares.

A primeira área de conhecimento servirá para embasar os procedimentos teórico-metodológicos, especificamente no trabalho com as formações imaginárias, o interdiscurso e com a discussão sobre memória discursiva desenvolvidos por Michel Pêcheux, para que possam ser realizadas as análises que contam ainda, como teoria fundamental, com a Enunciação, a partir dos postulados sobre modalização autonímica de Authier-Revuz.

A segunda área do conhecimento proporcionará, com base do que foi postulado na perspectiva social e antropológica, uma compreensão geral sobre as práticas de marcação do corpo, que carecem de uma breve explanação de alguns pontos importantes situados na história.

Nesse caminho, será comentado sobre os principais teóricos e como eles contribuirão para a pesquisa a partir dos conceitos que eles desenvolveram; o quadro com o *corpus*; os objetivos geral e específicos; a metodologia e uma breve apresentação sobre os capítulos seguintes.

Para introduzir os objetivos, retoma-se o fenômeno da marcação corporal, como conhecido atualmente, pois ele tem alguns antecedentes históricos que são de extrema importância para a compreensão dos discursos como objeto de estudo na área de Letras. Por isso, se faz necessário pontuar de forma sintetizada a relação do homem com o seu corpo e com suas simbologias e os desdobramentos até o surgimento da prática tal como caracterizada na atualidade.

---

<sup>1</sup> Os estudos que influenciaram nos desdobramentos desta pesquisa não são necessariamente na área da Linguística, mas na Sociologia e na Antropologia, tomam-se como base, por exemplo, os estudos de LeBreton (2012, 2013) e principalmente Ferreira (2014). Este segundo autor serviu como uma das principais fontes teóricas por se debruçar exclusivamente sobre a temática da marcação corporal, possibilitando que pudesse ser ministrado um minicurso anterior a essa pesquisa de mestrado, amarrando questões contemporâneas e discussões sobre o corpo e a arte.



Pensar a tatuagem e o *piercing*, assim como as questões que estão em torno dessa prática popularizada, instiga o pesquisador a questionar e buscar, inicialmente: o que motivou o homem a fazer pinturas não somente em telas, paredes, pedras, roupas ou apenas pendurar amuletos, colares, adereços etc., nos seus corpos sem precisar perfurar sua pele? A busca por essas respostas inclina-se para um olhar sobre o homem em civilizações mais antigas e, sobretudo, primitivas e comunitárias e ajuda na sistematização dos objetivos de pesquisa.

David LeBreton (2013) apresenta uma passagem desde um corpo coletivo e ligado à natureza por meio do cosmos, até um corpo individualizado e ocidental, atravessado por ideologias políticas, singularidades, representatividades e de marcação de uma identidade cultural. O corpo, da forma que é apresentado pela antropologia, configura-se como tal a partir de um olhar sobre um elemento constituinte do sujeito físico que se torna motivo de tensões e conflitos baseados em um olhar sobre o “corpo diferente”, resultando em estigmas. É apresentada pelo autor, a transformação do corpo físico e material em um espaço de representação intimamente ligada às representações culturais e subjetivas.

Depara-se, então, com um dos princípios fundamentais que inspiram e proporcionam o desejo em realizar uma pesquisa sobre esse tema na área das Letras: o olhar que muitas pessoas ainda têm sobre o corpo tatuado ou corpo com *piercing* e a forma como o pensamento, os estereótipos, as imagens construídas sobre o que se fala e sobre o que é falado em relação ao corpo marcado se materializam nos discursos.

A tatuagem e o *piercing* na modernidade se tornaram pontos de tensão entre aqueles que trazem significado a sua existência, marcando-se, e aqueles que preferem o corpo naturalizado. Para ilustrar esse panorama retoma-se os estudos de Ferreira (2014), de forma a embasar as discussões que se desenrolam.

Esse corpo marcado está sujeito aos dilemas da individualidade, da posse de si mesmo e, sobretudo, como são constituídas as identidades a partir do processo de marcação corporal. Sobre esses aspectos, considera-se não só os jovens, como majoritariamente pertencentes a esse público que marca o corpo, mas diversas faixas etárias que atribuem a si tatuagens e *piercings* como uma construção simbólica, gozando desse fenômeno como forma de demarcação do domínio social sobre si (FERREIRA, 2014). O autor elenca uma série de motivos pelos quais os jovens, público percussor da arte no corpo no ocidente, se tatuam ou inserirem um *piercing* em meio a movimentos de contracultura. Entre esses motivos estão atos políticos em prol da

individualidade, atos de rebeldia, emancipação identitária etc., quase todos recaindo em um olhar sobre o cidadão marginalizado.

Em linhas gerais, Ferreira (2014) comenta sobre um processo proveniente dessas práticas, tidas como majoritariamente políticas, conceituadas por ele mesmo como *incorporação*. Esse fenômeno seria a interiorização não-verbal e inconsciente das relações de desigualdade, que estariam atravessadas pela classe social, gênero, raça, sexualidade etc. Essa absorção resultaria, por sua vez, em uma via de mão dupla. À medida que se absorve tais condições de existência, tende-se a representar uma resposta individual, simbólica e imagética, as quais tem o corpo como via de representação e a tatuagem e o *piercing* como seus produtos. Sobre esse fenômeno, comenta-se as seguintes consequências:

O corpo tem sempre, em potência, essa dupla capacidade de se revelar lugar de *conformação* e *confrontação social*, de controle e resistência, de autoridade e subversão, de contenção e excesso, de disciplina e transgressão, de poder e evasão, de alinhamento e oposição, de reprodução e inovação, de dominação e agenciamento, de subordinação e emancipação. (FERREIRA, 2014, p. 408, grifo do autor)

O “problema” que dessa questão geral, socialmente falando, são visões negativas sobre esses corpos, que carregam essa simbologia da subversão encarnada. Isso proporciona um interesse, especificamente nesta pesquisa, sobre como o preconceito está materializado nos discursos sobre o corpo marcado, elemento esse que em contrapartida pode contribuir também para o surgimento de discursos de resistência e autoafirmação.

Assim, recorreu-se, à priori, ao conceito de formações imaginárias desenvolvido por Michel Pêcheux, para proporcionar reflexões sobre as condições de produção e a forma como essas informações, no ato da comunicação, são passadas pelos enunciadores. A problemática acerca de situações comunicativas leva ao que foi postulado por Michel Pêcheux (1997b) em “Análise Automática do Discurso”, capítulo onde o autor desenvolve esse conceito. Segundo Pêcheux (1997b), as imagens sobre os sujeitos também são construídas a partir do que eles falam pela posição que eles ocupam no ato da produção discursiva, o que Pêcheux (1997b) chamou de condições de produção de discurso, o contexto que vai influenciar qual a ideia que o locutor vai passar sobre si mesmo ou sobre o seu interlocutor. Isso foi ilustrado num quadro representativo de como funcionam as formações de imagens que A e B atribuem um ao outro.

Este quadro desenvolvido por Pêcheux será apresentado de forma adaptada para esta pesquisa, na subseção relativa a este conceito, no referencial teórico.

Outro conceito desenvolvido por Michel Pêcheux, que será também de suma importância, principalmente para investigar a relação da cadeia discursiva historicamente e suas influências nos discursos observados no *corpus*, serão os de interdiscurso e formação discursiva, tal como o conceito de memória. A partir deles, Pêcheux (1995) postula que as ideologias materializadas nas formações discursivas, aquilo que é dito socialmente, não possuem uma origem pré-definida, mas partem de discursos anteriores que interpelam os sujeitos a partir do inconsciente.

Por último, dando suporte epistemológico e linguístico a teoria conhecida como Análise de Discurso, está a teoria da enunciação, na perspectiva dos estudos de Jacqueline Authier-Revuz (1998, 1999), para considerar as discussões sobre como o enunciador desdobra o signo linguístico, produzindo novos sentidos à medida que é afetado pelo inconsciente e pelo interdiscurso.

Se tratando do *corpus*, que por sua vez é constituído de 10 vídeos extraídos do site de vídeos *YouTube*, sendo a maioria de diferentes canais, estão organizados no quadro a seguir, trazendo elementos importantes como data da publicação, nome do canal, números de visualizações, entre outras informações. O principal critério de seleção para os vídeos foi o recorte temático que eles apresentam de forma bem demarcada e clara através das discussões sobre marcações extensivas, profissões, adolescência e saúde. Esse recorte surgiu não apenas pelo desejo do pesquisador sobre discussões que se sobressaem interpretativamente no interior da temática, mas também pelo fato de o referencial teórico sobre marcações corporais a ser utilizado propor reflexões que permitem dar um destaque para essas perspectivas de forma mais clara e sistemática.

Isso serviu para selecioná-los em um universo muito maior de vídeos, que muitas vezes, não trazem a temática de forma tão pontual. Apesar do número de visualizações dos vídeos serem bem diferentes, tal como a popularidade dos *youtubers*, isso não interferiu para que os vídeos constituíssem o *corpus* conjuntamente.

**Quadro 1 Corpus da pesquisa**

Nome do vídeo	Enunciador	Duração	Nome do canal	Data da publicação	Número de visualizações até o momento
1. Como ser FELIZ sendo MODIFICADA? Lutando contra o PRECONCEITO!  + Desabafo!	Maryanne Davila	8:40 minutos	Maryanne Davila	29 de abril de 2017	912 (acesso em 28 de fevereiro de 2021)
2. HISTÓRIAS REAIS DE TATUAGEM – PROFESSORA	Raquel Stapassoli	3:06 minutos	TATOOINB OX	9 de março de 2017	1.123 mil (acesso em 28 de fevereiro de 2021)
3. Meu primeiro piercing doeu muuuuito.	Julia Pontes	6:04 minutos	Julia Pontes	20 de dezembro de 2015	646.296 mil (acesso em 28 de fevereiro de 2021)
4. MINHAS modificações corporais   Experiencias e explicações :D	Maryanne Davila	3:40 minutos	Maryanne Davila	5 de maio de 2017	3.177 mil (acesso em 28 de fevereiro de 2021)
5. NOS ARREPENDEMOS DE NOSSAS TATOOS?	PC Siqueira Cauê Moura Rafinha	12:37 minutos	Ilha de Barbados	18 de outubro de 2017	1.814.255.469 milhão (acesso em 16 de maio de 2020, após junho do mesmo ano, esse e outros vídeos do canal foram desativados,

					devido as acusações de pedofilia contra PC Siqueira)
6. Piercing: como convencer os pais	Thalita Piacentini	9:47 minutos	Thalita Piacentini	5 de agosto de 2014	136.338 visualizações (acesso em 28 de fevereiro de 2021)
7. Preconceito - Tatuagem, modificação corporal e profissões	Laah Chaar	6:45 minutos	5 min com Laah Chaar	28 de agosto de 2018	136 (acesso em 28 de fevereiro de 2021)
8. Preconceito com piercing e cabelo colorido	Não informado	3:43	Unicórnio Azul	31 de março de 2016	213 (acesso em 30 de março de 2020, porém, consta como removido quando acessado em 16 de maio de 2020)
9. TATUAGEM X EMPREGO – MISCHA LEMOS	Mischa Lemos	6:02 minutos	Mischa Lemos	19 de abril de 2017	33.286 mil (acesso em 28 de fevereiro de 2021)
10. TATUAGENS E DIFICULDADE DE ARRUMAR EMPREGO	Michel Moraes	9:06 minutos	Michel Morais	18 de fevereiro de 2017	21.633 mil (acesso em 28 de fevereiro de 2021)

Alinhando ao que foi brevemente exposto e discutido na etapa anterior no quadro do *corpus*, a presente pesquisa tem como objetivo geral investigar como são construídas as imagens dos sujeitos intitulados *youtubers* que têm o corpo marcado pela tatuagem e/ou pelo *body piercing*, a partir de discursos materializados por eles em vídeos do *YouTube*. Tal contexto virtual foi pensado levando em consideração as condições de produção desses discursos, em que todos os elementos que estão à disposição do enunciador contribuem para que seja possível a formulação desses.

Essa conjuntura contribui ainda para que a enunciação se dê de maneira interativa pela possibilidade de os *youtubers* disporem também do diálogo com aqueles que assistem aos vídeos, os quais podem deixar críticas, respostas para perguntas que são colocadas nos vídeos, sugestões e pontos de vista, que também serão levados em consideração nas análises.

Após sistematizar o objetivo geral, em relação às especificidades, serão destrinchados os seguintes objetivos:

- Investigar para quais posições se inclinam os discursos dos enunciadores em relação às marcações corporais;
- Estudar como as categorias de pessoa da enunciação contribuem para a construção de sentido das imagens discursivas;
- Observar a relação do texto verbal com os demais elementos dos vídeos, a fim de enriquecer o sentido discursivo;
- Debater sobre as imagens que os *youtubers* constroem sobre si próprios e sobre as marcações corporais.
- Discutir, através dos comentários dos vídeos, quais as imagens que os internautas fazem das marcações corporais

Em relação à metodologia, para fins de chegar o mais próximo possível dos objetivos elencados anteriormente, a partir dos vídeos listados no *corpus*, serão feitas transcrições linguísticas para dar destaque aos pontos fundamentais que se pretende discutir. Esses elementos seriam: a relação do sujeito discursivo com sua vida antes e depois das marcações corporais buscando vestígios identitários; relatos de preconceito, protesto e marginalização;

interação dos *youtubers* com os inscritos dos seus canais e outros internautas<sup>2</sup> via comentário e, quando necessário, será feita uma descrição geral do trecho do discurso destacado, após a inserção da caixa de texto que irá conter a transcrição.

Em alguns casos, poderá haver supressão de transcrição, representados através de reticências entre colchetes, de trechos que apresentem repetição, informações que sejam identificadas como desnecessárias ao recorte de análise e trechos muito longos que não apresentem a problemática destacada de forma objetiva.

Associadas às transcrições linguísticas, serão também acrescentadas capturas de tela de alguns vídeos no decorrer das análises, para dar suporte de forma imagética e contribuir para as análises, tendo em vista que gestos e uma visão geral do ambiente dos vídeos e dos *youtubers* podem enriquecer as inferências do discurso.

Se tratando dos conceitos fundamentais para a realização das análises desse material, se recorrerá aos pressupostos teóricos sobre formações imaginárias, interdiscurso e formação discursiva, memória, modalização autonímica e por fim um apanhado histórico das concepções de corpo dentro da Antropologia e Sociologia, contemplando a perspectiva da marcação corporal até o período pós-moderno.

Nos capítulos seguintes, estarão presentes a análise de dados e uma síntese das imagens que foram compreendidas a partir da mobilização dos conceitos aos quais se recorreu, para que sejam apresentadas as considerações finais sobre a pesquisa.

A estrutura da pesquisa contará com um capítulo, que será o próximo, dedicado ao referencial teórico, onde serão discutidos os conceitos já mencionados. Logo após, será dado espaço ao primeiro capítulo de análises à luz dos conceitos linguísticos e com suporte dos estudos da Sociologia e da Antropologia. Dessa forma, o último capítulo culminará em um balanço das formações imaginárias observadas no *corpus*, para então chegar às conclusões finais.

---

<sup>2</sup> No *YouTube* o termo inscrito é usado para designar aqueles que têm uma conta no site e seguem outros canais, para que os internautas possam receber atualizações de vídeos, notificações e possam interagir com outras pessoas. Dessa forma, apenas aqueles que possuem conta do Google podem comentar os vídeos ou avaliá-los, positiva ou negativamente. Aqueles que se inscrevem em algum canal pode ser um interessado no conteúdo que determinada pessoa, grupo ou marca posta.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, serão apresentadas, inicialmente, as contribuições teóricas da Linguística para que se possa analisar os discursos sobre marcação corporal dos vídeos do *YouTube* e observar o que pode ser inferido discursivamente, como as imagens, elementos identitários, quais os acontecimentos e dizeres que emanam da memória discursiva dos enunciadores por intermédio das formações discursivas. Para além das concepções sobre enunciação e discurso, serão levantadas e expostas no referencial teórico discussões sobre a perspectiva histórica do corpo e como o sujeito lidava com essa questão em algumas culturas particulares, e qual as perspectivas atuais e os caminhos que se seguem na atualidade, com ênfase nas marcações corporais.

As concepções sobre discurso na Linguística e corpo na Antropologia e Sociologia serão aqui problematizadas a partir de uma revisão de literatura, devido ao fato de ambas as vertentes científicas apresentarem discussões que refletem sobre o sujeito em suas diversas condições de existência, inscritas na língua e socialmente de forma geral.

Espera-se, com a aproximação dessas duas perspectivas científicas, obter um viés aprofundado sobre a problemática do corpo marcado à medida que se levantam questões sobre seus respectivos objetos de estudos: a língua e o corpo. Tentará se desenhar essa problemática ao longo do capítulo, a partir de alguns autores que propuseram conceitos que, em alguma medida, se aproximam com a proposta da presente dissertação.

Logo, na primeira seção do Referencial Teórico, que aborda questões linguísticas, serão discutidos os seguintes conceitos: 1) Interdiscurso e formação discursiva; 2) Formações imaginárias; 3) Memória discursiva; 4) Modalização autonímica.

Na segunda parte deste capítulo, onde serão fomentadas discussões sobre o corpo pelo viés da Antropologia e Sociologia, serão abordadas: 1) Concepções de corpo em momentos da história; Concepções acerca da tatuagem e do *body piercing* no ocidente; 3) Identidade na modernidade.



## 2.1 Conceitos da Análise do Discurso e da Enunciação

A fim de apresentar os conceitos teórico-metodológicos necessários para a realização das análises do *corpus*, esta parte do capítulo, voltada para discutir questões da Linguística, contará com o auxílio e revisão de literatura de conceitos desenvolvidos pelos teóricos Michel Pêcheux e Jacqueline Authier-Revuz, respectivamente da Análise do Discurso e da Teoria da Enunciação. Será retomada a trajetória da Análise do Discurso na França com seus desdobramentos no Brasil, os conceitos de interdiscurso e formação discursiva; formações imaginárias, memória e modalização autonímica.

### 2.1.1 A Análise do Discurso em retrospectiva

A Análise do Discurso surge na França, na segunda metade do século XX, tendo Pêcheux como representação central na sua fundação e na proposição de questionamentos em relação às áreas basilares. Como um dos pontos de início do seu legado acadêmico em 1966, sob o pseudônimo de Thomas Hebert, o autor publica artigos pela *l'Ecole Normale Supérieure*, e se debruça sobre as ciências sociais e seus métodos, mas principalmente sobre críticas à Psicologia Social, revisando ainda estudos de Lacan.

Retomando as palavras de Denise Maldidier (2017), ao falar sobre o início dessa trajetória, ela aposta em uma ideia de discurso que se caracteriza como um “nó”, pois ele se figura como um lugar de encontro entre a língua, a história e o sujeito.

Falar da fundação da Análise do discurso e refletir sobre a delimitação de seu objeto de pesquisa é também falar do legado de Pêcheux enquanto filósofo, para que se possa compreender a origem dos incômodos epistemológicos e, sobretudo, o caminho que inicialmente tentou ser traçado, para propiciar a existência de uma nova teoria eminentemente científica.

Maldidier (2017) destaca dois pontos de vista importantes ao lado dos quais Pêcheux sempre esteve atrelado, o da teoria do discurso e da análise do discurso. Isso consiste em dizer que paralelo a fundação da disciplina, ele pensava constantemente em superar os métodos tradicionais das ciências humanas e aperfeiçoá-los a fim de estabelecer princípios para se fazer uma análise de discurso.

Ainda sob o nome de Thomas Hebert, Pêcheux já demonstrava o incômodo com o método adotado pelas ciências sociais e questionava os instrumentos utilizados sob o argumento que eles apresentavam um estado pré-científico. A resolução dessa problemática se firmava no caminho da publicação de *Análise Automática do Discurso*, já atrelado ao seu verdadeiro nome de pesquisador. Devido a sua convergência com os postulados de Freud e Lacan desde o início da sua carreira e o contato com a releitura de da obra marxista *O capital*, através de Louis Althusser, Pêcheux vislumbra ao lado do estruturalismo saussuriano pilares para a edificação de seu instrumento de pesquisa.

Apesar de Henry (1969) não considerar a Psicanálise o Marxismo como vertentes estruturalistas, ele destaca o fato de o estruturalismo saussuriano estar no entremeio dessas duas áreas e ser uma peça-chave para resolver o problema das ciências humanas, cuja solução recaía sobre a linguagem. O autor apresenta o seguinte sobre essa reflexão:

Isto quer dizer, também, que o que pudesse ser tornado de empréstimo para construir este instrumento precisava ser reinventado, devia poder ser "apropriado" pela teoria que ele tivesse em vista. E, em particular, o caso para aquilo que ele devia emprestar a linguística. Este instrumento não podia ser somente de análise linguística "aplicada". E por esta razão que Pêcheux, no início de sua obra, criticou as aplicações de análise linguística a "análise de textos". A mesma crítica é válida para todos os outros empréstimos feitos a lógica, a informática... (HENRY, 1969, p. 18)

A citação demonstra como a *Análise Automática do Discurso* se estrutura a partir da superação de um viés mecanicista, com o objetivo de se introduzir nas ciências humanas e investigar na língua os sentidos produzidos pelo sujeito na história. Compreender o sujeito ideologicamente e como essas ideologias se perpetuam não seria possível pela simples análise sintática ou interpretação rasa de textos. Isso representa uma revolução na própria Linguística em termos funcionalistas, como também uma possibilidade de enxergar o discurso, um objeto mais amplo que atinge, através do instrumento criado por Pêcheux, discussões no interior de outras áreas já mencionadas. Essa perspectiva foi fundamental, por exemplo, para que o autor pudesse enveredar em meio a profusão política que a França passava no período de desenvolvimento da disciplina.

Para se falar mais especificamente no interior da teoria do discurso, é necessário retomar o próprio Pêcheux (1997b) para se abordar sobre como houve a progressão da análise sintática puramente linguística à análise de discurso nos moldes que o autor se propôs. O autor afirma

que a Linguística enquanto área a ser fundada se inclinou para uma posição de cientificidade que levou a descobrir questões que ela sozinha ainda deixa de responder, como “O que quer dizer esse texto” ou “Que significação contém esse texto?”.

Na verdade, a tentativa da Linguística em tentar resolver essa problemática recai sobre o que Pêcheux chama *de análise de conteúdo*. Esse é o tipo de estudo geralmente empregado nos moldes mais tradicionais de trabalho com textos na educação básica, que se esperava ser superado com o método de trabalho pecheutiano com o discurso.

O trabalho com os textos na perspectiva que supera o campo formal da Linguística vai de encontro ao trato com um sujeito psicológico que é de preocupação de outras ciências humanas, como afirma Malidier (2017). É comentado ainda pela autora que o estudo do sujeito psicológico na Psicologia Social deixava de lado a política ao mesmo tempo que se utilizava de métodos linguísticos para realizar as análises, o que fez Pêcheux estabilizar a teoria do discurso em torno do Marxismo, da Psicanálise e da Linguística.

É necessário destacar, no início da teoria, um dos conceitos-chave para o desenvolvimento da Análise do Discurso, chamado de “condições de produção”. Esse termo designa nada mais que o contexto ou as circunstâncias sob as quais o discurso é formulado. Sobre o papel do termo, Malidier diz o seguinte:

Trata-se de uma tentativa para caracterizar nos termos de uma teoria social, os elementos do esquema da comunicação de Jakobson. A referência às condições de produção designava a concepção central no discurso determinado por um “exterior”, como se dizia então, para evocar tudo o que, fora da linguagem, faz que um discurso seja o que é: o tecido histórico-social que o constitui. (MALDIDIER, 2017, p. 23)

As palavras da autora refletem o propósito da teoria em ir para além do texto. A Análise do Discurso, no trato com seu objeto de pesquisa, que é o discurso, tenta ir além da materialidade linguística, buscando sentidos e uma representação da história através da língua e da ideologia que atravessa o inconsciente do sujeito. Dessa forma, a análise de discurso não diz respeito apenas a compreender o sentido da forma da língua, mas de buscar, a partir do que as áreas basilares oferecem, um embasamento analítico mais aprofundado com o contexto de produção desses discursos.

Com a construção do seu instrumento de pesquisa, Pêcheux se detém em uma vertente mais engessada, focalizando a Análise do Discurso em viés sintaticista, principalmente pela

primazia da maquinaria discursiva, que propõe justamente uma perspectiva lógica de análise sequencial. Esse aspecto recai também sobre a concepção de sujeito assujeitado que, atrelado às condições de produção, considera os discursos sendo oriundos de lugares sociais bem determinados, embora Pêcheux pressupunha a análise do discurso referindo-se a um conjunto de *discursos possíveis*, o que leva o olhar sobre o sujeito e sobre a maquinaria discursiva mais flexível ao longo da teoria.

O início da teoria é marcado pela instauração de polêmicas, principalmente pelo aprofundamento de críticas à Linguística, especialmente à semântica, ao lado do que Malidier (2017) chega a configurar como um pouco de imaturidade científica devido a urgência teórica, mas isso faz com que Pêcheux se aprofunde ainda mais nos estudos da língua para tentar levantar questionamentos e dar conta dos deslocamentos científicos que ele provoca.

Dessa maneira, todos os movimentos iniciais em prol de uma organização epistemológica para sua teoria levaram o próprio autor a classificar esse momento como a primeira fase da Análise do Discurso, que faz referência a “AAD 69”. Destaca-se ainda o conceito de formações imaginárias, que emergem da análise dos lugares discursivos ocupados pelos sujeitos e ilustrados em seu quadro das formações imaginárias, a partir de postulados da teoria da comunicação. Esse esquema pressupunha buscar uma ideologia estrutural no interior dos discursos a partir de uma lógica onde eram observados o papel de A: destinador; B: destinatário em relação a R: referente. Pêcheux (1997b) escreve que esse esquema vai além da presença física dos enunciadores, mas representam lugares sociais determinados em uma estrutura social, o que visa a retirada do sujeito empírico do foco do estudo e dá lugar a um sujeito constituído ideologicamente por meio da língua pertencente a uma conjuntura político-social.

Ao passo que a teoria se desenvolve, é justamente o aspecto político e os exteriores da língua que começam a incomodar Pêcheux e ganhar mais espaço na Análise do Discurso. Entre os conceitos desenvolvidos para a *Análise Automática do Discurso*, transparece a ideia de interdiscurso, devido a concepção psicanalista de linguagem, entretanto a abertura da área do discurso possibilitou que a ideia de discursos anteriores como componente de um novo discurso fosse aprofundada, à medida que Pêcheux tomava o conceito de ideologia como elemento de destaque.

Assim, Pêcheux (1995) destaca o conceito de formação discursiva como algo que se fala antes, materializando-se sob formas linguísticas, mas passíveis de serem identificadas sob a ótica da análise. Esse conceito é um empréstimo feito a partir dos postulados de Foucault, mas

detém um sentido diferente daquele empregado para se referir à uma ordem de discurso foucautiana, já que o empréstimo visa explicar como formações ideológicas são um resultado da interpelação dos indivíduos em sujeitos através do inconsciente. As formações ideológicas já viam sendo estudadas por Pêcheux e fazem referência a releituras marxistas de Louis Althusser.

A discussão posta anteriormente aparece de forma esmiuçada em uma de suas obras mais importantes, *Semântica e Discurso*. No cerne da teoria do discurso lançada na mesa das ciências sociais de forma tão emergencial, o autor retoma muitos dos seus conceitos e os organiza na sua obra. Algumas questões que são postas em “AAD 69” são mais bem discutidas, como o papel da filosofia da linguagem no desenvolvimento da linguística, da lógica e da semântica e principalmente da perspectiva de ideologia marxista que é trazida para o núcleo das discussões.

De certa forma, Pêcheux consolida suas ideias ao constatar, a partir de seus questionamentos de um filósofo que se debruçou sobre questões da Psicologia Social e da Linguística, que os métodos neopositivistas não eram mais suficientes para suprir o debate de questões que lhe pareciam urgentes na época, como a política. Por isso, ele contestava o juízo errôneo que recaía sobre as ideologias como sendo apenas ideias, já que esse elemento constituinte do sujeito na perspectiva da Análise do Discurso deveria ser visto como *forças materiais* (PÊCHEUX, 1995). Isso impulsionou cada vez mais a teoria do discurso a enveredar-se pelo caminho de estudo do sujeito e da história através da língua, já que ficou cada vez mais notória a importância desses elementos como partes constituintes do objeto de pesquisa, sobretudo pela prioridade do conceito de discurso outro, advindo da psicanálise, como um dos pilares para sustentar a matéria prima da formação discursiva através do interdiscurso.

No meio desta explanação sobre os pontos mais importantes do desenvolvimento da Análise do Discurso desenvolvida por Pêcheux, não poderia deixar de ser mencionado que as reviravoltas epistemológicas que ocorreram representam, na verdade, três fases da teoria, como esclarecido pelo próprio autor em um de seus textos acerca desses momentos.

Portanto, o terceiro momento correspondente aos estudos do autor que dizem a respeito de uma série de conferências realizadas na década de 80, onde foram colocadas em questão, juntamente com seus colaboradores de pesquisa, o futuro da Análise do Discurso. Nele, os pressupostos de memória discursiva e maquinaria discursiva são sacudidos, dando destaque aos conceitos de heterogeneidade enunciativa, sobretudo pela influência de Jacqueline Authier-Revuz; e memória.

Em um momento em que Pêcheux se volta aos estudos sobre informática e ouve críticas a “validade” da maquinaria discursiva, a *Análise do Discurso* se volta para a estrutura do discurso e seu acontecimento na história, marcada pela noção de intradiscurso e pela relação com o interdiscurso, conceito que se solidificou no decorrer da teoria. Acontece, na verdade, uma série de reformulações para melhor alinhar as preocupações da tendência mais atual de Pêcheux sobre os estudos do discurso. Isso pode ser exemplificado no exemplo de Malidier (2017):

A questão do discurso é, a partir de então, posta sob o signo da heterogeneidade. O primado do outro sobre si mesmo se impôs, eu poderia dizer, parodiando Michel Pêcheux. O que, nos anos precedentes, procurava-se através da contradição marxista ou as falhas da interpelação ideológica, se inscreve agora no termo de heterogeneidade. (p. 84)

O estudo da não-transparência da linguagem, mais tarde chamado por Authier-Revuz de não-coincidências do dizer, através de elaboração e aperfeiçoamento dos seus estudos, representa um ponto alto no legado de Michel Pêcheux e uma intersecção com o campo da enunciação.

Em meio aos inúmeros questionamentos que Pêcheux (1983) lança em “*Análise do Discurso: três épocas*”, surge também uma vasta gama de caminhos de análise do seu objeto científico. O que fica, entretanto, é um caminho traçado pelo autor para que pesquisadores possam dar seguimento ao que foi essa renovação no campo da Linguística e das ciências sociais. É o caso dos estudos enunciativos de Authier-Revuz, autora que prosseguiu nos estudos sobre enunciação, retomando discussões sobre a autonomia e o discurso outro, para problematizar a perspectiva do signo linguístico, a partir de uma visão saussuriana. Partindo desses estudos, a autora cria pontos de convergência dos aspectos da linguística formal com os exteriores teóricos, como é o caso da psicanálise.

Na ocasião, a autora se valeu de alguns conceitos da *Análise do Discurso*, como o interdiscurso, ainda durante a vida de Pêcheux, cujos trabalhos se perpetuam até hoje por ela e por novos pesquisadores, não somente na França, mas em outros países, como é o caso do Brasil, onde a área obteve uma grande expansão.

No Brasil, o trabalho com o discurso nos moldes pecheutianos foi introduzido por Haquira Osakabe e posteriormente por Eni Orlandi, professora da Unicamp que não só difundiu a área de estudos no Brasil através da tradução de toda a obra de Pêcheux do francês ao português,

mas também pela implantação de grupos de pesquisas, cursos de pós-graduação e formação continuada.

É importante ressaltar algumas questões mencionadas no texto sobre o percurso da Análise do Discurso no Brasil da professora Maria Cristina Ferreira (2005), autora que se preocupou em publicar vários trabalhos sobre a história da Análise do Discurso no Brasil. Segundo a autora, após a morte de Michel Pêcheux, houve um enfraquecimento da disciplina na França, ao ponto de ele deixar de ser uma referência por lá. Entretanto, os estudos do autor “imigraram” para a América Latina, em especial para o Brasil, onde as pesquisas deram seguimento com grande força.

É ressaltado ainda as consequências da imigração da Análise do Discurso para o Brasil e a repercussão no interior dos grupos de linguistas, sobretudo formalistas, que demonstra o poder e o refino de uma teoria minuciosamente planejada, que em tão pouco tempo, a contar da publicação de *Análise Automática do Discurso*, conseguiu ganhar espaço ao lado de áreas renomadas e muito difundidas no campo da linguística.

Ao retomar o prefácio do livro *Inquietação e Discurso: reler Michel Pêcheux hoje*, escrito por Eni Orlandi, há uma passagem em que a autora relata um passeio com Pêcheux em uma de suas vindas ao Brasil, no Rio de Janeiro. O autor comenta que Orlandi não deveria ir a Paris, pois ela estava fazendo algo mais interessante aqui no Brasil em termos de análise de discurso, do que na França naquele momento. Isso demonstra, sobretudo, a qualidade das pesquisas que vêm sendo desenvolvidas no Brasil desde então, fazendo com que a AD conseguisse demarcar seu espaço dentro da Linguística, ao lado de outras áreas com percurso mais longo.

### ***2.1.2 Interdiscurso e formação discursiva***

Para pensar conceitos de interdiscurso e formação discursiva de forma sistematizada, remete-se inicialmente aos estudos de Louis Althusser, autor que aperfeiçoou o conceito de ideologia advindo de Karl Marx. Essa reflexão associada ao patamar da Linguística formal serviu de base para que a Análise do Discurso pudesse ser estruturada a partir de uma ruptura epistemológica, como afirma Henry (1969). A primeira fase da teoria foi marcada pelo assujeitamento do sujeito e pelas maquinarias discursivas, já que essa ideologia vigente socialmente interpelaria os indivíduos em sujeitos a partir da ideologia que os discursos carregam consigo, conforme a citação abaixo:

*A análise automática do discurso*, que ali se encontrava seu objetivo profissional principal. Nesta tentativa, ele queria se apoiar sobre o que lhe parecia já ter estimulado uma reviravolta na problemática dominante das ciências sociais: o materialismo histórico tal como Louis Althusser o havia renovado a partir de sua releitura de Marx; a psicanálise, tal como a reformulou Jacques Lacan, através de seu "retorno a Freud", bem como certos aspectos do grande movimento chamado, não sem ambiguidades, de estruturalismo. No fim da década de sessenta, o estruturalismo estava no seu apogeu. O denominador comum entre Althusser e Lacan tem algo a ver com o estruturalismo, mesmo que ambos não possam ser considerados estruturalistas. (HENRY, 1969, p. 14, grifo do autor)

Este trecho retoma as ciências basilares para a Análise do Discurso e relata o fato da teoria marxista, reformulada por Althusser, ser um ponto central concomitante ao viés estrutural que embasava os discursos, tendo em vista que as ideologias se materializariam através da língua e são atravessados pelo inconsciente, na perspectiva lacaniana em um retorno a Freud. Essa estruturação de áreas do saber como suporte para a teoria do discurso e dos estudos de Michel Foucault dão origem aos conceitos de interdiscurso e formação discursiva dentro da área.

No período correspondente à sua primeira fase, o da interpelação ideológica, considerava-se que o sujeito acreditava estar exercendo sua liberdade socialmente, tanto do falar quanto do agir e protagonizava seus dizeres, quando na verdade estava sendo manipulado pelas ideologias que emanavam de uma instância denominada por Althusser de Aparelhos Ideológicos do Estado. Os discursos que emanavam da luta de classes e representavam lugares sociais estavam no campo da formação discursiva, como exemplificado na seguinte citação:

Chamaremos, então, *formação discursiva*, aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito* (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc. (PÊCHUX, 1995, p. 160 – grifo do autor)

As formações discursivas, que entraram mais fortemente na segunda fase da teoria, etapa que Pêcheux chamou de AD-2, ganharam força e foram inseridas a partir dos postulados de Michel Foucault. Essas formações são determinadas pelas formações ideológicas, estabelecendo os lugares de fala dos sujeitos em certos contextos sociais.

Cabe ressaltar ainda a importância da memória discursiva como um dos pilares da formação discursiva, já que esses ditos se inscrevem na história a partir dos acontecimentos



sociais e são refletidos no discurso. Sobre o que é memória, Pêcheux (2010, p. 50) diz o seguinte: “Memória deve ser entendida aqui não no sentido diretamente psicologista da “memória individual”, mas nos sentidos inter cruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador.”

O autor ressalta que aquilo que atravessa a história no fio do discurso não pertence ao sujeito na sua individualidade, ou seja, os acontecimentos sociais, tal como a luta de classes, são incorporados em uma memória coletiva e se materializam no discurso que, por sua vez, disseminarão as ideologias. Este momento intelectual de Pêcheux se volta de forma mais aprofundada para a relação da história com a língua, por isso é tão abordada a questão do acontecimento. Entretanto, ele se volta para contextos de uma memória da história da língua e aquilo que é perpassado por ela. Apesar do conceito de memória ser mais abordado na terceira fase da Análise do Discurso, é sempre interessante relacionar tal discussão ao conceito de formação discursiva, pois ao tratar de um *corpus*, como é o caso da presente pesquisa, é recorrente a retomada de acontecimentos históricos sobre a marcação corporal e como eles se materializam na língua por meio das formações discursivas.

As formações discursivas remetem ao inconsciente e reproduzidas através dos discursos, sem que o sujeito se dê conta da origem daquele dito. O inconsciente e o discurso na história se entrelaçam com o conceito de interdiscurso, que segundo Pêcheux (1995), faz parte de um já-dito que se materializa em novos discursos, perpassando uma ideologia através da língua, pois:

Diremos, nessas condições, que o próprio de toda formação discursiva é dissimular, na transparência do sentido que nela se forma, a objetividade material contraditória do interdiscurso, que determina essa formação discursiva como tal, objetividade material essa que reside no fato de que “algo fala” (*ça parle*) sempre “antes, em outro lugar e independentemente”, isto é, sob a dominação do complexo das formações ideológicas. (PÊCHEUX, 1995, p. 162, grifo do autor)

Por isso, os sujeitos são formados ou interpelados ideologicamente a partir desse exterior das formações discursivas, a partir daquilo que foi dito anteriormente e compõe um novo discurso. Essa, que corresponde a segunda fase da Análise do Discurso, remete às condições de produção desses discursos relativos à ideologia, lugar social, clivando o sujeito e fazendo com que esse se torne um processo complexo.

Para explicitar essas formações discursivas em termos de análise, retoma-se o vídeo intitulado “Piercing: como convencer os pais” em que a enunciativa reúne argumentos para passar aos seus seguidores. Nele, é sintetizado um jogo linguístico interdiscursivo sobre a possível autorização de responsáveis, para que seus filhos consigam colocar *piercings*, conforme abaixo:

Bom, eu acho assim, se você quer convencer os seus pais a deixar você fazer um piercing, não comecem com um piercing muito... como um piercing na língua ou no septo ou alguma coisa muito assim. Comece por algo mais simples pra eles aceitarem a ideia.

Trecho extraído do vídeo “Piercing: como convencer os pais”

Quando qualquer pessoa vai a um estúdio de tatuagem, é necessário que ele seja maior de idade, para que ele se responsabilize sobre esse ato de escarificação. Nesse contexto, a *youtuber* de um dos vídeos sobre marcação corporal, cujo discurso foi retratado no trecho acima, inicia relatando que fez seu primeiro *piercing* com 11 anos e que apesar de ter 17 anos, já possui quatro *piercings* e uma tatuagem.

Ainda com base no trecho acima, a *youtuber* gesticula durante seu discurso [gesticulação representada pela presença das reticências], produzindo um sentido de que se trata de uma marcação corporal chamativa e facilmente perceptível, que é endossado à medida que ela sugere atitudes a serem adotadas para o caso de internautas que desejem realizar marcação corporal semelhante. Atenta-se ainda ao fato de que mesmo sendo menor de idade, seu discurso demonstra uma necessidade de aceitação social.

Primeiramente, a palavra “pais” pauta a necessidade de autorização devido a prática conter riscos a integridade física e moral daqueles que ainda se encontram numa fase de descobertas, autoafirmação e construção identitária, podendo fazer alguma atividade perigosa e se arrepender na fase adulta. Para além disso, a escarificação causa lesões que ficam no corpo do indivíduo para sempre, interferindo na estética desse corpo naturalizado.

Por consequência, nota-se como perpassam em seu discurso, outras formações discursivas que são percebidas quando mobilizado o interdiscurso. Por esse ponto de vista, remonta-se a uma memória constante sobre choques e conflitos culturais relacionados a prática da marcação, que se torna mais complexa a relação da inserção desses objetos em um corpo adolescente,

problematização materializada pela *youtuber* sem necessariamente mencionar leis ou recomendações governamentais, mas que podem ser inferidas.

Apesar dessas discussões conceituais sobre formação discursiva e interdiscurso aparecerem com mais força na segunda fase da teoria, em “AAD – 69”, Pêcheux em sua primeira fase da Análise do Discurso, apresentou algumas discussões em seu texto que davam margem para uma abertura através do conceito de interdiscurso. Sobre esse estudo, apresenta-se o seguinte trecho:

Em outros termos, o processo discursivo não tem, de direito, início: o discurso se conjuga sempre sobre um discurso prévio, ao qual ele atribui o papel de matéria-prima, e o orador sabe quando *evoca* tal acontecimento, que já foi objeto do discurso, ressuscita no espírito dos ouvintes o discurso no qual este acontecimento era alegado, com as “deformações” que a situação presente introduz e da qual pode tirar partido. (PÊCHEUX, 1997b, p. 77, grifo do autor)

Apesar dessa fase da Análise do Discurso ser marcada pela ancoragem da teoria da comunicação de Jakobson, que por sua vez tinha como base uma perspectiva lógico-semântica advinda de Saussure, a percepção sobre um dito anterior na composição de um novo discurso já pairava sobre a teoria do discurso de Pêcheux.

Ao utilizar exemplos do discurso político para compreender questões sobre as condições de produção e de recepção do discurso, Pêcheux discorre sobre os signos não-linguísticos que permeiam a interação comunicativa, compondo uma cadeia discursiva multimodal. Tais gestos simbólicos podem interferir, segundo ele, na compreensão do que está sendo dito, ou mesmo contribuir para que o sirva como uma forma de intervenção não verbal no discurso do orador. A partir dessa discussão, ele pontua a necessidade de uma teoria dos gestos para enriquecer a análise de discursos em determinados contextos. Nessa perspectiva:

Existe, por outro lado, um sistema de signos não-linguísticos tais como, no caso do discurso parlamentar, os aplausos, o riso, o tumulto, os assobios, os movimentos diversos”, que tornam possíveis as intervenções indiretas do auditório sobre o orador; esses comportamentos são, na maior parte das vezes, *gestos* (atos no nível do simbólico) mas podem transbordar para intervenções físicas diretas; infelizmente, faz falta uma teoria do gesto simbólico no estado atual da teoria do significante, o que deixa muitos problemas sem solução: [...] (PÊCHEUX, 1997b, p. 78)

Assim sendo, serão considerados também os gestos em alguns momentos, já que Pêcheux pontuou a necessidade de uma forma de intervenção para associá-los ao discurso verbal. Em outras palavras, dar suporte às análises de sentido geradas pelos gestos dos enunciadores que por muitas vezes gesticulam para enfatizar um fato, chamar atenção sobre algum ponto de vista, que pode dar margem para inferir possíveis significados que não poderiam ser capturados se apenas a materialidade verbal fosse analisada.

Convém ressaltar também a forma como os gestos podem gerar discursos verbais, os quais podem servir como uma resposta não verbal ou indireta para a antecipação do discurso pelo lugar do orador, quando este se coloca no lugar do ouvinte (PÊCHEUX, 1997b). Ou seja, os gestos dão suporte ao interdiscurso de forma a demonstrar um resgate de discursos anteriores por parte do orador ou do ouvinte o que pode contribuir não somente para análise das formações discursivas, mas também de como a imagem é formada no discurso por parte do enunciador ou do enunciatário

Retomando o exemplo do trecho do texto sobre como convencer os pais a colocar um *piercing*, o relato presente no discurso referente a uma necessidade de aprovação por parte dos responsáveis devido à gesticulação<sup>3</sup>, que rompe a cadeia linguística para a produção de sentidos e de gerar uma inferência a partir do não-verbal, é resgatada uma ideologia que parte tanto da *youtuber*, como do discurso dos pais sobre ela e outros discursos que circulam socialmente sobre o ideal ou projeto de corpo que ainda é projetado na mente das pessoas.

Paralelamente a não-autorização de menores em fazer qualquer marcação corporal, reforçam-se ideologias que resgatam uma memória discursiva sobre quando a prática era vista de forma negativa, desdobrando-se no incentivo da enunciativa a um *piercing* discreto que possa passar proporcionar uma familiarização inicial com seus responsáveis.

Esse contexto dá margem para o já-dito sobre todos os discursos depreciadores sobre o corpo transgressor que está fora dos bons costumes e da lei, perpassado historicamente e dando margem para inferir possibilidades de atravessamentos de discursos dos pais da *youtuber* e o dela, para que haja um cuidado com a prática, levando a argumentos coercitivos e estratégias

---

<sup>3</sup> No trecho do vídeo em que a *youtuber* começa a explicar como convencer os pais a colocar um *piercing*, ela comenta sobre não colocar um *piercing* que chame a atenção deles, no sentido de ser exagerado. Em vez de utilizar tais essas palavras de forma literal, ela interrompe seu discurso e faz um gesto abrindo as duas mãos para a câmera, acompanhado de um sopro explosivo, dando a entender que *piercings* mais chamativos poderiam fazer eclodir algum conflito familiar, pois esses gestos geralmente são associados a descrição de explosão de bombas e afins.

que podem ser adotadas para reverter a situação e gerar aceitabilidade como elemento constituinte da identidade.

Esse tipo de análise, em que são buscadas formações discursivas, faz alusão a lugares sociais e conflitos que se apresentam ao nível dos Aparelhos Ideológicos do Estado, tal como pode ser observado na seguinte citação:

Falaremos de *formação ideológica* para caracterizar um elemento (este aspecto da luta nos aparelhos) suscetível de intervir como uma força em confronto com outras forças na conjuntura ideológica característica de uma formação social em dado momento; desse modo, cada formação ideológica constitui um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem 'individuais' nem 'universais', mas se relacionam mais ou menos diretamente a *posições de classes* em conflito umas com as outras". Somos levados, assim, a nos colocar a questão da relação entre ideologia e discurso. (PÊCHEUX, FUCHS, 1997c, p. 166, grifo do autor)

O interdiscurso e a formação discursiva aliados a atenção sobre a sutileza dos gestos como suporte analítico, constituem, pois, bases fundamentais dentro dos estudos sobre texto, sobretudo oralizado e enunciação, por levarem em consideração a partir do viés linguístico, lugares de produção de discurso, ideologias que atravessam os ditos dos enunciadores e o atravessamento de outras materialidades discursivas na composição de novas formas de enunciação, que no caso do exemplo acima, foram inferidos com algumas dessas marcas linguísticas de outras vozes.

Na próxima seção serão retomadas, porém de forma mais detalhada, como funciona o conceito de formações imaginárias, correspondente a fase fundadora da Análise do Discurso, mas que já propunha reflexões sobre o interdiscurso, antes desse conceito ser instaurado como tal, enquanto exterior das formações imaginárias.

### **2.1.3 Formações Imaginárias**

Como mencionado na seção anterior, a Análise do Discurso é uma teoria que foi desenvolvida e denominada como tal pelo filósofo francês Michel Pêcheux. A proposta do autor era de estabelecer uma ruptura com o caráter “pré-científico” das ciências sociais (HENRY, 1969) e com o formalismo da Linguística. A partir do amadurecimento desse campo de estudo, foi possível identificar três fases da Análise do Discurso até o momento em que Pêcheux

continuou produzindo, mas a área permaneceu se desenvolvendo posteriormente com a contribuição de outros autores.

Retomando as fases da teoria, observa-se o que Pêcheux denominou de *AD-1*, primeiro momento dos seus estudos em que reinou o conceito de “maquinaria discursiva”. Nessa fase, as condições de produção dos discursos eram consideradas estáveis e o sujeito era mais engessado, pois era considerado “assujeitado” às ideologias que perpassavam os discursos que eram fechados em si. Então, quem falavam eram as instituições e ideologias em vez dos sujeitos.

A segunda fase, denominada de *AD-2*, foi marcada pela contemplação do conceito de formação discursiva desenvolvido por Michel Foucault e absorvido por Pêcheux. Com esse avanço, a teoria começou a considerar um sujeito descentralizado, cujos dizeres são constituídos por outros discursos históricos e anteriores. O interdiscurso se torna conceito de grande importância nesse momento, mas ainda mantendo as “maquinarias discursivas” de formas mais flexíveis.

A terceira e última fase, chamada de *AD-3* é marcada pela heterogeneidade enunciativa (PECHEUX, 1997a), em que é considerado um tipo de sujeito discursivo heterogêneo, marcado pelo acontecimento discursivo. Considera-se nessa fase um sujeito histórico, atravessado por discursos outros e que permite uma análise a partir de “lugares discursivos enunciativos no fio do intradiscurso” (PÊCHEUX, 1997a, p. 316)

O desenvolver da teoria demarcado por fases, pelo próprio autor, demonstra que conceitos continuaram a ser amadurecidos e outros conceitos foram incorporados, contribuindo para o fortalecimento do instrumento de análise criado na *AD-1*. Assim, a utilização do método das formações imaginárias não reduz a pesquisa a ser circunscrita em uma primeira fase, mas de pensar o método da *Análise Automática do Discurso* em diálogo com as ramificações e conceitos substanciais que se solidificaram no decorrer da área e que continuam a se desenvolver na atualidade.

Antes de iniciar a discussão sobre as formações imaginárias, vale ressaltar como o conceito de sentido para a Análise do Discurso, que será utilizado para também nortear as análises, está relacionado ao de formações discursivas e de sujeito. Para Pêcheux (1997c), os significados dos sentidos que são postos materialmente através da ideologia não são estáticos, pois podem mudar de acordo com a formação discursiva que ele está relacionado. Isso remete também a concepção de sujeito centralizado que começou a ser abandonada no decorrer da

teoria e que, serviu de espaço para que o autor pudesse pensar a partir dessas ideologias que se materializam no discurso, na memória enquanto fenômeno coletivo inscrito no discurso.

No movimento dos sentidos do discurso, em seu capítulo *Análise Automática do Discurso*, Pêcheux (1997b) inaugura na teoria da Análise do Discurso, o conceito de formações imaginárias. Para o autor, nos processos de interação entre os interlocutores são projetadas imagens a partir da posição que cada sujeito ocupa no ato enunciativo. Essas imagens não são, segundo ele, representações convencionais de sujeitos empíricos voltadas para o aspecto físico e suas características ou estereótipos, mas sim de lugares que esses sujeitos ocupam discursivamente no seio social historicamente. Essa relação é concebida por ele da seguinte forma:

Fica bem claro, já de início, que os elementos A e B designam algo diferente da presença física de organismos humanos individuais. Se o que dissemos antes faz sentido, resulta, pois, dele que A e B designam lugares determinados na estrutura de uma formação social, lugares dos quais a sociologia pode descrever o feixe de traços objetivos característicos: assim, por exemplo, no interior da esfera da produção econômica, os lugares do "patrão" (diretor, chefe da empresa etc.), do funcionário de repartição, do contramestre, do operário, são marcados por propriedades diferenciais determináveis. (PÊCHEUX, 1997b, p. 82)

Pêcheux ilustra nesse trecho as posições que ele chama de A e B, as quais os sujeitos ocupam na interação comunicativa. Nesse processo discursivo, são geradas imagens de A sobre A, de A sobre B tal como o oposto. Essas formações imaginárias decorrem de um jogo linguístico que se insere no interior dos discursos e que foi esboçado pelo autor através de um quadro e que explica como esses processos decorrem a partir da lógica.

O quadro contendo o esquema do jogo das formações imaginárias será apresentado nesta seção contendo alterações como forma de adequação aos objetivos específicos, no que se refere às questões implícitas subjacentes às formações imaginárias e da interação de cada *youtuber* com seu interlocutor, podendo ser o internauta que assiste e que também comenta os vídeos em seus respectivos canais. Segue abaixo a tabela das formações imaginárias:

**Quadro 2** Imagens que podem ser geradas pelos enunciadores com base no quadro das Formações Imaginárias, proposto por Pêcheux (1997b)

	<b>Questões implícitas desenvolvidas por Pêcheux para análise de Formações Imaginárias</b>	<b>Imagens que podem ser inferidas a partir da posição que os enunciadores se colocam no discurso</b>
<b>A</b>	“Quem sou eu para lhe falar assim?”	Que imagem os <i>youtubers</i> dos vídeos fazem de si próprios para falar sobre marcação corporal aos internautas?
	“Quem é ele para que eu lhe fale assim?”	Que imagem os <i>youtubers</i> fazem dos internautas para lhes falar sobre marcação corporal?
	“de que lhe falo assim?”	Que imagem os <i>youtubers</i> fazem da marcação corporal para falar aos internautas?
<b>B</b>	“quem sou eu para que ele me fale assim?”	Que imagem o internauta faz de si mesmo ao comentar os vídeos sobre marcação corporal?
	“quem é ele para que me fale assim?”	Que imagem os internautas fazem dos <i>youtubers</i> para comentar sobre marcação corporal?
	“de que ele me fala assim?”	Que imagem os internautas fazem da marcação corporal ao comentar os vídeos dos <i>youtubers</i> ?

A complexidade da formulação lógico-racional do inter cruzamento de todas essas posições discursivas dá margem para averiguar as formações imaginárias a partir de diversas perspectivas enunciativas, entretanto, delimitam-se na pesquisa apenas algumas dessas questões implícitas para afunilar os caminhos de análise.

Para fins metodológicos, serão exploradas as seguintes questões para análise das formações imaginárias, focalizando: “Que imagem os *youtubers* dos vídeos fazem de si próprios para falar sobre marcação corporal aos internautas?” e “Que imagem os *youtubers* fazem da marcação corporal para falar aos internautas?”; na tentativa de priorizar as imagens que estão representadas nos vídeos pelos *youtubers* e qual imagens eles passam através dos discursos que são proferidos através dos vídeos. A fim de enriquecer a análise geral sobre as imagens dos dois pontos destacados acima e, conseqüentemente, os discursos dos inscritos dos canais e outros internautas, será considerada também o lugar discursivo representado por B: “Que imagem os internautas fazem da marcação corporal ao comentar os vídeos dos *youtubers*?”



Vale salientar, entretanto, que a análise das formações imaginárias, tal como Pêcheux as formulou em “AAD 69” remonta a um período que corresponde à primeira fase da Análise do Discurso, tal como aponta Fonseca-Silva (2003):

Sabemos que a primeira fase da Análise do Discurso (doravante AD), marcada pela análise automática do discurso (AAD-1969), apesar de propor aos *linguistas um modo de abordar a relação entre língua e história, ou melhor de pensar a exterioridade no interior o objeto* língua, fica restrita a um conjunto de enunciados fechados, que se relacionam entre si por justaposição, sendo passíveis de serem analisados por uma máquina lógico-semântica [...] (p. 1 – grifo do autor)

A autora pontua que apesar do marco inicial da Análise do Discurso com o texto de Pêcheux que traz a discussão sobre formações imaginárias, essa fase da teoria ainda estava restrita a uma maquinaria discursiva lógico-semântica, ou seja, as análises linguísticas ainda estavam muito presas a estrutura sintática da língua, considerando o discurso como algo homogêneo fechado em si mesmo. Nessa etapa tinha-se ainda como parâmetro a ideia de um sujeito assujeitado pela ideologia, e que tinham uma falsa noção de serem detentores dos seus discursos. Desse modo:

Um processo de produção discursiva é concebido como uma máquina autodeterminada e fechada sobre si mesma, de tal modo que um sujeito-estrutura determina os sujeitos como produtores de seus discursos: os sujeitos acreditam que "utilizam" seus discursos quando na verdade são seus "servos" assujeitados, seus "suportes". (PÊCHEUX, 1997a, p. 311)

Tal ideia é deslocada na segunda fase da AD, em que é reformulada uma concepção teórica a partir da absorção da noção de formações discursivas, advindas de Michel Foucault. Nesse momento, surge o conceito de interdiscurso e uma discussão sobre a não-homogeneidade dos discursos. Isso se dá devido às reflexões de Pêcheux sobre a complexidade da composição do seu objeto de estudo, quando contemplada a noção de que uma formação é composta por outras formações discursivas, colocando em questão as maquinarias (PÊCHEUX, 1997a).

A discussão sobre formações discursivas e interdiscurso é apresentada já nesta seção, pois representa um conceito importante que irá suceder a proposição das formações imaginárias, ampliando a noção de interdiscurso para uma visão menos engessada de assujeitamento. Portanto, as análises dos vídeos tomarão como suporte ambos os conceitos desenvolvidos por

Pêcheux, que apesar de propor uma análise lógico-semântica a um problema discursivo, já apresentava alguns indícios do papel das formações discursivas na constituição de novos discursos.

Para se chegar às análises das formações imaginárias dos enunciadores, será traçado principalmente um percurso histórico do lugar social histórico e ideológico que os sujeitos marcados pela tatuagem e o *body piercing* ocupam na cadeia discursiva através das análises dos vídeos, para que depois se possa discutir as posições discursivas dos enunciadores também a partir dos vídeos.

Entrelaçando-se às discussões realizadas nesta etapa do referencial teórico, a próxima subseção retomará e aprofundará a noção sobre memória, que será útil para possibilitar também a revisão de elementos identitários e compreender a formulação de discursos políticos, estigmas etc., a partir de discursos e possíveis dizeres anteriores que os possam ter influenciados.

#### ***2.1.4 Memória Discursiva***

No desenvolvimento da Análise do Discurso, conceitos foram introduzidos vista a necessidade de repensar questões no interior de uma teoria do discurso, partindo da *Análise Automática do Discurso*, pontapé inicial de Pêcheux. A balizagem teórica que aflorava do Marxismo, da Psicanálise e da Linguística fez a disciplina flexibilizar o conceito de maquinaria discursiva fechada em si e se aprofundar em questões sobre o sujeito no discurso e a história na língua.

Nesse caminho, com o destaque e a importância dadas para as formações discursivas, a Análise do Discurso se organiza de modo a se abrir deixando a concepção estruturada de discurso de lado, indo em busca dos exteriores que dão sentido ao discurso e constituem o sujeito em uma perspectiva que deixa o assujeitamento de lado (PECHEUX, 1997a). O althusserianismo tem uma importante influência, pois apresenta através da ideologia marxista, um caminho para enxergar o papel da história, dos acontecimentos e questionar o lugar da estrutura. É nesse espaço que se instala a concepção de interdiscurso como exterior, que aponta para outras formações discursivas que a constituem.

Na terceira fase, além das reflexões sobre os exteriores da língua, destaca-se o papel da enunciação através dos trabalhos de Authier-Revuz, que se inscreve de forma a fazer Pêcheux

repensar sobre as formações discursivas e se envolver com o conceito de Outro no sentido lacaniano. Para Authier-Revuz (1988), o trabalho com a heterogeneidade do discurso evoca exteriores da linguística, visando a perspectiva da língua ligada aos aspectos sociais e aspectos que partem da enunciação e do intralinguístico para a produção dos sentidos. A autora destaca ainda que:

A consideração dos fatos metaenunciativos, com o que eles implicam na **auto-representação** do dizer, e portanto no distanciamento interno em uma enunciação desdobrada por seu próprio reflexo, coloca de modo especificamente agudo a questão das escolhas dos exteriores teóricos, relativos à questão do **sujeito** e de sua relação com a linguagem, nos quais se apoia a descrição: a linha de fratura fundamental que passa entre o **sujeito-origem** - o da psicologia e das suas variantes “neurais” ou sociais – e o **sujeito-efeito** – aquele assujeitado ao inconsciente, da psicanálise, ou o das teorias do discurso que postulam a determinação histórica em um sentido não individual – é aqui crucial. (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 16 – grifo do autor)

A citação anterior contempla discussões que se referem ao jogo que há entre o sujeito consciente e o inconsciente, aquele que acredita ser dono do seu dizer. Observa-se ainda que ao lado dos exteriores da língua, encontra-se a teoria do discurso, a qual carrega consigo a base interdiscursiva e, ao lado do conceito de Outro, reforça a ideia de discursos que emergem de outros lugares e que faz representar um sujeito não mais tão assujeitado como presumia a primeira fase da Análise do Discurso.

Esse pressuposto de sujeito não mais assujeitado, porém mais flexível, afetado pela memória, aponta para um espaço na terceira fase da Análise do Discurso, em que surge também o papel do silêncio, como elemento de grande importância para se verificar novos sentidos no limiar discursivo. Sobre esse papel, observa-se o seguinte:

o estudo do silenciamento (que já não é silêncio, mas “por em silêncio”) nos mostra que há um processo de produção de sentidos silenciados que nos faz entender uma dimensão do não-dito absolutamente distinta da que se tem estudado sob a rubrica do implícito. (ORLANDI, 2007, p. 12)

Ao se estabelecer relações conceituais, se pode perceber como esse silêncio não está para a falta da palavra, mas sim pelo que está escondido, silenciado, por traz dela e quais sentidos emergem desse lugar, através de uma memória social. A memória histórica e social que é

mencionada por Pêcheux (2010) está no campo destes dos discursos que escondem não-ditos, mas que, como mencionado por Orlandi, podem ir além do implícito.

Isso demonstra como a inferência de uma memória por traz do silêncio das palavras requer um trabalho minucioso, pois os discursos são afetados por diversas outras vozes que a partir desse silêncio, são escondidas, dando protagonismo a outras vozes no momento da enunciação, mas não deixam de coexistir quando determinadas palavras são ditas. Por isso que Orlandi (2007) diz que mesmo quando as palavras estão repletas de silêncio, esse silêncio fala por elas, o que faz com que o signo linguístico caminhe para a tomada de concepção do não-um, o não óbvio, aquilo que precisa ser destrinchado e visto com atenção pelo analista.

Nota-se ainda, o movimento da produção de sentidos e como eles se constituem em torno das formações discursivas, já que todo silêncio remete a uma história no discurso, a sentidos que são resgatados no fio do discurso e se constituem em uma memória discursiva. Essa memória atravessa os sujeitos de modo a os interligarem com os sentidos e resgatarem uma significação que tem muito a dizer discursivamente mesmo quando esse sujeito é tomado pelo silêncio.

A memória, em seu sentido no discurso, se ancora naquilo que está para além do sentido *lato* que palavra carrega consigo, é enxergar para além dos pressupostos linguísticos e buscar nos seus exteriores um sentido que se inscreve na história. Foi nesse sentido que Pêcheux começou a formular as primeiras concepções de memória já presentes em *Semântica e Discurso*, quando o foco da Análise do Discurso se centrava nas formações discursivas e na crítica à semântica. Desse jeito, a memória pode ser definida como:

A memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ser lido, vem restabelecer os implícitos (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível. (PÊCHEUX, 1995, p. 52)

Observa-se como a definição de memória faz menção aquilo que não está claramente disposto na enunciação. A memória está no campo da interdiscursividade e como mencionado anteriormente, também no do silêncio, pois para resgatar um sentido ou uma ideologia no interior da história em um discurso, é necessária uma reconstrução desses implícitos que são resgatados no fio do discurso. É nesse momento que se pode observar a passagem do

enunciativo ao discursivo, à medida que as formas materializadas da língua vão apontando os caminhos para esses sentidos se fazerem vistos para além da interpretação.

É nesse aspecto de memória coletiva, que resgata sentidos de símbolos, práticas e da memória mítica, que Pêcheux (2010) diz ser configurada a memória no discurso. Tomando como exemplo a questão da marcação corporal, em que se inscreve a temática desta pesquisa, destaca-se a importância da memória quando se tenta buscar no interior dos discursos sobre a tatuagem e do *body piercing*, uma história e uma simbologia que não remeta a realidades individuais, mas de uma ideologia que vai se amarrando nos discursos ao longo da história e se conectam em uma rede de sentidos.

O já-dito próprio da formação discursiva irá evidenciar aquilo que pode ser observável no discurso em termos de reconstituição de uma memória social sobre o ato de marcar o corpo. No interior das discussões sobre o discurso, em sua terceira fase, se fazem valer os diversos mecanismos que a Análise do Discurso dispõe e dialogam com ela. É o caso por exemplo dos estudos das heterogeneidades enunciativas, que aponta para falhas no processo de significação da língua, fazendo o sujeito retomar uma auto-representação do seu dizer embasado na inconsciência, que a psicanálise pressupõe.

Essa reflexão se faz pertinente para se pensar em uma memória histórica que também é passível de falhas e rupturas e que, apesar dos exteriores discursivos que se fazem presentes para se pensar em uma forma de vislumbrar uma história dentro da língua, o sujeito que enuncia torna-se dependente do seu inconsciente. E nesse jogo discursivo em que um sujeito do discurso não é considerado tão assujeitado pela ideologia, como no início do desenvolvimento da área, o interdiscurso tem um papel muito importante para distinguir aquilo que no limiar da história se camufla ou se evidencia através dos discursos.

### ***2.1.5 Modalização autonímica***

Os estudos enunciativos tal como propostos por Benveniste inauguram um progresso singular para pensar o discurso como produto da enunciação e o sujeito na língua. A exemplo de conceitos importantes desenvolvidos pelo autor, podem ser mencionados os de embreagem e debreagem, que ele desenvolveu para estudar o papel da morfologia na discursivização da língua em uma teoria da Subjetividade na Linguagem de caráter saussuriano. Ao passo que

outros autores contribuíram com teorias no âmbito da enunciação, o discurso enquanto produto do processo enunciativo deixou de ser visto como objeto de estudo relacionado a atos individuais de utilização da língua e passou a ser incorporada à concepção de discurso como algo heterogêneo e social.

Dessa forma, nesta seção se destacam estudos enunciativos de Authier-Revuz, autora francesa que parte das formas da língua - posição estruturalista - para os exteriores que se ligam aos estudos do discurso, como a própria teoria do discurso desenvolvida por Pêcheux. A autora parte ainda da concepção do dialogismo bakhtiniano para embasar a ideia de que os discursos são sempre habitados pela voz de um outro a partir de discursos proferidos anteriormente, como afirma Batista (2016). Ainda segundo a autora, as noções de sujeito dividido advindos de Freud e Lacan contribuíram para que Authier-Revuz delimitasse categorias para identificar linguisticamente essas heterogeneidades, que podem ser marcadas ou não.

Sendo assim, Authier-Revuz tem como base além do dialogismo bakhtiniano, a psicanálise lacaniana e a noção de interdiscurso como elementos constituintes da teoria que ela nomeou de heterogeneidade enunciativa, tratando sobretudo da modalização autonímica por meio de glosas. A autora considera esse tipo de modalização como uma enunciação desdobrada, onde o sujeito, afetado pelo inconsciente e pelas outras vozes que ocupam suas palavras, tenta ir além da transparência do signo linguístico, recorrendo a outros sentidos.

A despeito dessas questões, cabe uma explanação sobre o conceito de modalização em um sentido geral, que também se fará presente nas análises, e do conceito de autonímia, descrito nas próprias palavras da autora ao falar das balizagens teóricas.

Santos (2012) retoma as discussões sobre modalização conceituando-as como uma manifestação linguística que demarca a voz do enunciador dentro de um texto, expressando seu ponto de vista. Ela busca inscrever, no interior de uma cadeia comunicativa, a enunciação e o enunciador, fazendo por conseguinte, transparecer as marcas desses fenômenos linguisticamente, através de verbos e expressões.

No caso da autonímia, outro conceito inserido na nomenclatura das formas de glosas enquanto heterogeneidade enunciativa, recorre-se a própria Authier-Revuz para a discussão, pois ela se utiliza da definição de J. Rey-Debove, situando sua teoria em duas áreas bem definidas linguisticamente: da metalinguagem e da enunciação.

A autora destaca o poder de reflexividade que as línguas têm no processo discursivo, dando ênfase para esse processo de metalinguagem no seguinte trecho:

- com o **metaenunciativo**, auto-representação do **dizer se fazendo** (vs. discurso sobre a linguagem em geral, sobre um outro dizer...) em que o discurso **sobre** a prática da linguagem, emergindo **desta** em pontos do dizer que requerem "mais dela" do que um comentário, conjuga os dois planos da prática e da representação como parte dessa prática; (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 15 – grifo do autor)

Essa passagem explicita a forma como a autonomia é concebida como uma retomada do significante para além do modo simples do dizer, onde ele é desdobrado e o processo enunciativo remete a outros significados que extrapolam os limites daquela palavra. Esse fenômeno demarcado ao nível da língua faz a autora se ancorar nos exteriores teóricos que inscrevem o sujeito e os sentidos vinculados aos conceitos de Michel Pêcheux, o interdiscurso, conduzido de forma ampla pela teoria lacaniana.

Característica demarcada, nesse movimento remete-se ainda às discussões da terceira fase da Análise do Discurso, onde a noção de sujeito assujeitado é enfraquecida, devido também às influências de Authier-Revuz no campo da Análise do Discurso, no que diz respeito a heterogeneidade dos discursos. Apesar da noção de sujeito intencional do discurso, própria da teoria da enunciação, a autora mantém essa concepção equilibrada com o apoio na psicanálise, se utilizando do dialogismo para enriquecer ainda mais as marcas de heterogeneidade na discussão sobre autonomia.

Como forma de apreender esses fenômenos da heterogeneidade na língua, Authier-Revuz (1998, 1999) propõe modelos e classificações para esses modelos, ilustrando-os com exemplos que recobrem diversos gêneros textuais e formas do dizer. Ela propõe uma configuração onde X – significante – é submetido ao desdobramento.

O exemplo da autora demonstra como essa classificação se expressa linguisticamente: “Foi-se para um **albergue**, *se se pode chamar aquilo de albergue*, enfim, um local. (conversação, outubro de 1985)” (AUTHIER-REVUZ, 1999, p. 8 – grifo da autora). O que pode se observar, é que o significante albergue é retomado pelo sujeito do dizer em forma de comentário, configuração central das modalizações autonômicas. Nele, o sujeito do dizer ultrapassa o nível da transparência da linguagem e põe em destaque outras vezes que remetem a essa significação, para além do sentido convencional.

Sobre esse modelo de auto-representação do dizer, a autora alerta ainda para uma distinção entre outras formas de heterogeneidade que não se enquadram no campo das não-coincidências do dizer, pois sua forma linguística difere da modalização autonímica. Esse cuidado na conceituação visa evitar que sejam cometidos equívocos conceituais, a partir de considerações simplistas entre as diversas formas de heterogeneidade dos discursos. No que circunscreve ainda a discussão sobre o outro no discurso, se lê o seguinte:

Isso equivale a dizer que a modalização autonímica não pertence, como tal, ao campo da representação do discurso outro, ou, se quisermos, não é uma “forma de discurso relatado”, como o são o discurso direto ou indireto ou a modalização do dizer como discurso segundo (do tipo *segundo, para, de acordo com fulano*). Ela constitui uma configuração enunciativa mais geral de auto-representação do dizer, *suscetível* de remeter explícita (em um subconjunto de suas formas) ou interpretativamente (no caso de sinais tipográficos, aspas, itálico) ao campo do discurso que emerge no dizer. (AUTHIER-REVUZ, 1999, p. 11, grifo do autor)

O trecho acima deixa clara a complexidade no trabalho, identificação e categorização das heterogeneidades que emergem do discurso. Ao lado de formas linguisticamente canônicas de identificar o discurso do “outro”, a modalização autonímica se encontra em uma posição de fronteira com esses outros conceitos. Entretanto, no caso da modalização autonímica, o sujeito do dizer se coloca diante das falhas oriundas da transparência da língua e fazem surgir os sentidos a partir dos outros dizeres que atravessam seu inconsciente e de palavras que também habitam esses dizeres.

As não-coincidências do dizer representam essa tentativa de desvendar o signo linguístico para além da dicotomia tradicional do significado e do significante, pois demonstra-se também, a partir dos exteriores explanados ao longo dessa discussão, um modo de inserir o sujeito na língua e os desdobramentos dos usos que ele faz com a língua. Assim, as heterogeneidades enunciativas se fazem para ir além do sentido do UM, de buscar não somente nas formas de modalização autonímica, mas também de modo interpretativo em que essas rupturas, que surgem à medida que o discurso é tecido, vão sendo preenchidas no jogo enunciativo.



## **2.2 Perspectivas sobre corpo e marcações corporais**

Esta parte do presente trabalho se preocupará em resgatar discussões, conceitos e interlocuções entre as práticas de corpo e os desdobramentos que recaem sobre visão do que é esse corpo na história, se ele é compreendido de forma homogênea ou se está em constante mudança. Além do resgate sobre o papel do corpo para as marcações corporais e da sua posse pelo sujeito sociológico, como fundação de movimentos de contracultura e constituição identitária, será discutido também em que medida esse referencial teórico pode contribuir para pensar as imagens dos discursos sobre a marcação corporal.

Essa perspectiva se dará em uma exposição sobre o histórico do corpo, as transformações que ele foi sofrendo ou novos olhares que recebeu ao longo da história e, em um segundo momento, será discutido sobre o corpo moderno, com marcações incarnadas, seus usos e finalidades em momentos em que as ideologias estão em momentos de efervescência.

### ***2.2.1 Antecedentes de um corpo biológico a um corpo antropológico***

Teorizar o corpo é um trabalho complexo por mobilizar diversos pensadores que, historicamente, preocuparam-se em estudar esse elemento constituinte do ser humano a partir de diferentes pontos de vista e de perspectivas teóricas. Cabe, portanto, fazer o movimento inicial de traçar um panorama histórico das perspectivas de estudo do corpo, para então, enveredar o foco a partir do viés que mais se aproxima do estudo do corpo sobre o qual pretende-se aprofundar na pesquisa.

O estudo desse panorama estende-se desde os estudos da fisiologia e da anatomia médica, que à *priori* difundiram-se em sociedades orientais, em que os conhecimentos de líderes religiosos demarcavam um importante espaço e lugar epistemológico sobre o corpo, sobre o qual o antropólogo LeBreton (2012,2013) se aprofunda e tenta definir conceitos importantes para a temática corporal. Por isso, esses estudos apresentam a necessidade de refletir sobre o questionamento: o que é corpo? Esse incômodo perpassa por diversas ciências, tais como diversos campos de estudo e visões sobre as quais o pesquisador pode enxergar sobre qual corpo se fala. Os estudos mobilizados nesta pesquisa apresentam duas perspectivas de conceituação;

de um corpo físico, contendo tecidos e órgãos; e de um corpo enquanto espaço de atuação política, ideológica, simbólica e social, construindo identidades.

O corpo biológico e o corpo cultural estiveram de certo modo lado a lado, compondo uma dualidade que ainda pode perdurar, mas que dispõem de importantes estudos para elucidar aqueles que fazem pesquisas nesse campo. Por isso, se pode pontuar a seguinte citação de LeBreton para o início desse trajeto sobre o corpo histórico:

O corpo é uma realidade mutante de uma sociedade para outra: as imagens que o definem e dão sentido à sua extensão invisível, os sistemas de conhecimento que procuram elucidar-lhe a natureza, os ritos e símbolos que o colocam socialmente em cena, as proezas que pode realizar, as resistências que oferece ao mundo, são incrivelmente variados, contraditórios até mesmo para nossa lógica aristotélica do terceiro excluído, segundo a qual se a coisa é comprovada, seu contrário é impossível. Assim, o corpo não é somente uma coleção de órgãos arranjados segundo leis da anatomia e da fisiologia. É, em primeiro lugar, uma estrutura simbólica, superfície de projeção passível de unir as mais variadas formas de cultura. (LEBRETON, 2012, p. 28-29)

É interessante observar os termos usados pelo pesquisador que percorreu diversas culturas para compreender a corporeidade como um fenômeno da cultura humana, observando algumas diferenças a partir das práticas de uma cultura para outra, mas que em certo ponto, acabam se encontrando e compondo elementos em comum que caracterizam o envolvimento de práticas corporais semelhantes e comuns ao ser humano como uma espécie racional. São colocados, pois, diversos elementos como ritos, símbolos e figuras religiosas que tecem as condutas que devem ser obedecidas pelo corpo e o colocam no mundo como tal. O autor afirma que ele é “mutável” de uma sociedade para outra, já que esses corpos vão ser regidos por diversas imagens. Isso faz com que o corpo deixe de ser apenas uma coleção de órgãos e passe a ser um elemento chave para entender as formas de organização de um povo, o espelho de regras de conduta, de leis, de formas de interação com os demais homens e com o cosmos. Assim, até chegar às formas individuais que representam estilos de vida, formas de coexistir próprias, que mesmo dentro de uma esfera cultural muito homogênea, pode representar transgressões por parte dos autores desses corpos.

Antes de contrastar as perspectivas de corpo na história, o autor se aproxima de realidades culturais de comunidades do oriente, para refletir sobre algumas visões de corpo e suas peculiaridades em relação ao ocidente. Segundo LeBreton (2013), na sociedade canaque, não há uma concepção sobre corpo como algo exterior ao homem ou em relação à natureza com a

qual essas sociedades interagiam. Tudo estava interligado e toda a matéria era vista como uma extensão da natureza que os rodeava, pois:

As representações de corpo são representações de pessoa. Quando mostramos o que faz o homem, os limites, a relação com a natureza ou com os outros, revelamos o que faz a carne. As representações de pessoa e aquelas, corolários, de corpo estão sempre inseridas nas visões de mundo das diferentes comunidades humanas. O corpo parece explicar-se a si mesmo, mas nada é mais enganoso. O corpo é socialmente construído, tanto nas suas ações sobre a cena coletiva quanto nas teorias que explicam seu funcionamento ou nas relações que mantém com o homem que encarna. (LEBRETON, 2013, p. 26)

Com base na citação acima, essas representações dizem a respeito de comunidades específicas com características bastante coletivas, onde todos eram regidos por uma concepção geral sobre a naturalização de todos como parte de toda biodiversidade. Isso torna crucial o entendimento de uma dualidade que se refere ao “ser o corpo” e o “possuir o corpo”, demonstrando que nas primeiras civilizações, tudo era compreendido como uma natureza unificada, que por sua vez, estava também associada ao cosmos. Todo o universo estava interligado e a carne e os órgãos eram, se não, apenas uma extensão dessa complexidade. Não há, portanto, um EU secundário a toda essa massa fisiológica.

É possível observar que em algum momento, as definições que se desdobravam desde as primeiras civilizações humanas já compreendiam esse corpo a partir de um viés identitário. Contudo, destaca-se uma identidade coletiva, pois as representações de pessoas estavam ligadas às comunidades, modos de vida em consonância com a natureza. Nota-se também, que os usos que são dados ao corpo contribuem para delimitar melhor essa noção de corpo que era posta, pois de forma mais geral, os ritos, condutas desses corpos dentro de uma comunidade, a finalidade que era dada para aquele corpo após a morte etc., diziam muito sobre o corpo como uma unidade de representação cultural, um símbolo que diz sobre a história de um povo, lugar de inserção de práticas características àquele povo como unidade imaterial e, portanto, cultural.

Conforme o autor desloca suas análises para recortes sobre a cultura ocidental, se parte do período medieval para questionar alguns elementos da existência humana, subjacentes primeiramente a ideia de uma finitude ao corpo, a partir do viés cristão. A morte representa uma saída da alma do corpo conforme citado:

Se o corpo está em ligação com o universo vegetal, ente vivos e mortos, não existem mais fronteiras. A morte não é concebida sob forma de aniquilamento, ela marca o acesso a outra forma de existência na qual o defunto pode tomar o lugar de um animal, de uma árvore ou de um espírito. (LEBRETON, 2013, p. 24)

Essa não-fronteira atribuída a civilização canaque, por exemplo, mostra como “não existe aspereza entre a carne do homem e a carne do mundo” (LEBRETON, 2013, p. 25). Ou seja, não há uma ideia de que esse invólucro pode ser tomado como posse para si como um instrumento social.

No caso do ocidente, a dualidade corpo/alma é perpetuada até ser questionada por Descartes, como comentado por (MACEDO, 2014). Destaca-se nesse contexto o papel da igreja na atenção ao dualismo corpo/alma, onde o primeiro é origem do pecado e do mal. Assim, o racionalismo cartesiano assume um papel importante ao questionar essa dualidade, dando destaque para o papel da mente e ao questionamento sobre a existência humana, deixando os dogmas religiosos de lado.

A problemática bifurca a aceção primitiva que o homem tinha sobre seu corpo, a ponto de fazer o homem questionar-se em relação à posse do seu corpo, proposição ilustrada a partir de um marco cultural no ocidente no século XX. A questão do racionalismo, como pode ser vista, foi aos poucos alimentando a ideia de individualidade, à medida que é possível pensar questões entre o mental e o material de formas separadas. É possível, desse modo, tentar associar a questão da racionalidade com o desenrolar sobre a posse do corpo e a individualidade, processos de construção de identidades pessoais que se seguiram durante o período moderno da história. De acordo com tal discussão, observa-se que:

Isso significaria que cada indivíduo tem uma relação de identificação com o sujeito que é marcado por um paradoxo essencial, o que implicaria pensar que se eu tomo meu corpo em termos de posse, significa que eu posso codificá-lo, mas isso não mudaria minha identidade. Por outro lado, se eu compreendo meu corpo como na essência “sou o meu corpo”, essa identificação acarretaria mudança de identidade. (MILANEZ, 2007, p. 5)

A questão entre ser o corpo ou possui-lo é colocado em cena a partir dos movimentos de contracultura que se desenvolvem, especialmente na década de 60, motivados pela juventude *hippie*, pelo *rock'n roll*, configurando-se como movimentos de contracultura

(SCHIFFMACHER,1996). Surge também, nesse período, a prática do *body piercing* ou *body modification* no ocidente, onde ele é efetivamente difundido, em paralelo com a tatuagem, que já permeava algumas esferas marginalizadas, pois:

No final dos anos 1960, a crise da legitimidade das modalidades físicas em relação ao homem com os outros e com o mundo amplia-se consideravelmente com o feminismo, a “revolução sexual”, a expressão corporal, o *body-art*, a crítica do esporte, a emergência de novas terapias, proclamando bem alto a ambição de se associar somente ao corpo. Um novo imaginário do corpo, luxuriante, invade a sociedade, nenhuma região da prática social sai ileso das reivindicações da condição corporal dos autores. (LEBRETON, 2012, p. 9)

O autor pontua uma crise que se alastrou e influenciou a forma de pensar e agir que viriam a influenciar o resto do mundo. No meio de toda essa complexidade, a posse do corpo é vista como uma nova possibilidade de existência em meio a nova forma de pensamento político, uma extensão do EU que pode ser usada para fins individuais, o que LeBreton coloca no lugar de *alter ego* desses atores. Mais uma vez, fica evidente como as práticas que envolvem o corpo em uma nova época da história, dessa vez muito atravessada por questões políticas e ideológicas, contribuem para pensar um conceito de corpo que vinha se caracterizando por questões de identidade coletiva frente à uma cultura específica, mas que agora, inclinam-se para identidades que provém de revoluções coletivas, mas que clamam por identidades pessoais.

De forma preliminar, é possível dizer que a partir da perspectiva histórica que foi apresentada nesta seção, o corpo é um espaço simbólico e de exteriorização de identidades sejam elas coletivas ou individuais. Não é possível dizer, entretanto, que uma identidade sempre será representada fisicamente através do corpo, pois algumas vezes, forças exteriores ao corpo podem intervir para que aquela identidade individual não seja materializada nele, como é o caso da religião que, por certas vezes, pode monitorar e fazer com que esse corpo físico se integre o máximo possível na cena coletiva.

No campo dessa discussão é possível refletir, por exemplo, sobre o papel das formações imaginárias, pois os discursos que refletem sobre uma ideologia histórica nem sempre refletem a ornamentação física. A força ideológica representada através da língua denuncia identificações que são anteriores ao ato de marcar o corpo, podendo desdobrar-se em uma narrativa sobre o próprio corpo marcado ou sobre representações da prática como um

vislumbramento, recobrando imagens discursivas do que seja um corpo marcado ou uma marcação corporal de diversos lugares sociais.

O que fica, é que apesar desses detalhes que escapam, o que se faz com o corpo proporciona uma contribuição para se dizer o que é corpo, pois como pode ser visto, ele está sempre atravessado pela cultura e pelo fazer humano.

Como já comentado, as identidades que foram se afunilando do coletivo para o pessoal encontram na modernidade, principalmente com grupos jovens, um grande espaço de discussões quando se entrelaçam às práticas de marcação corporal. Surgem então possibilidades de dentro da perspectiva de a investigação do corpo fomentar outra discussão mais específica sobre o papel desses corpos marcados e sua relação com as identidades heterogêneas, à formação de uma sociedade e sobretudo o papel desses corpos na atuação política. Esse é o viés através do qual a próxima sessão pretende focar, trazendo essa discussão pontual sobre a tatuagem e o *body piercing*, a fim apresentar uma melhor compreensão sobre tabus, estereótipos e tomadas de posição que fomentam aquilo que se diz sobre o corpo marcado.

### ***2.2.2 A relação do corpo com a tatuagem e o body piercing***

Registros arqueológicos dão indícios em relação a primeira prática de marcação corporal até hoje constatada com idade de 5200, tendo os restos mortais de um homem intitulado de Otzi “homem de gelo”, como a maior evidência já encontrada, o qual possui várias marcas de tatuagem em sua pele. Esse fato nos traz uma boa evidência de que a marcação corporal vem acompanhando o homem ao longo da sua história e ao se analisar esses registros à luz de teorias, podem ser construídas várias explicações pelas quais o ser humano pratica essa atividade.

Segundo Marques, o homem primitivo buscava formas de fazer registros temporais e simbólicos da sua vida, através da marcação do corpo:

[...] marcar os fatos da vida biológica: seu nascimento, puberdade, reprodução, morte. Depois, os fatos da vida social: virar guerreiro ou sacerdote ou rei, casar-se, celebrar a vitória, identificar os prisioneiros, pedir proteção ao imponderável, garantir a vida do espírito antes, durante e depois do corpo. (MARQUES, 1997, p.14)

Como pôde ser observado no exposto, naquelas mesmas sociedades que tinham seus corpos como elementos constituintes da natureza com a qual eles se relacionavam, poderiam existir práticas de marcação corporal, obviamente diferentes das que conhecemos hoje em dia e com objetivos que divergiam dos ideais de individualidade que observamos atualmente. Isso se dava pelo já citado estilo de vida comunitário que era uma característica muito forte dessas civilizações antigas. Contudo, torna-se peculiar como a marcação do corpo esteve presente na vida do homem, mesmo que como forma de administrar melhor sua vida biológica e no caso de culturas mais organizadas e que interagem com outras culturas e sociedades. Nessas culturas, como observado na citação, a marcação do corpo tinha o papel de demarcar camadas de sujeitos que compunham o todo, como uma forma de hierarquização e classificação de papéis sociais, tal qual demarcar socialmente que é o guerreiro, o sacerdote, o prisioneiro, o defunto etc.

Caruchet (1995) e Marques (1997) ainda afirmam que tanto no ocidente quanto no oriente, existem indícios de marcações corporais, muitas delas atribuídas a ritos religiosos ou identificação de guerreiros, entre outros motivos. Os egípcios, por exemplo, era um povo que utilizava várias ornamentações corporais, como maquiagem, perucas etc., principalmente os faraós, os quais eram reverenciados e muitas vezes tinham sua imagem relacionadas a de animais.

Se tratando da marcação corporal especificamente, voltando-se para o ocidente, a tatuagem passou durante muito tempo sendo símbolo de pessoas marginalizadas, como prisioneiros, marinheiros, soldados de guerra etc (SCHIFFMACHER,1996), ganhando uma outra roupagem e outro olhar social. As marcações que também estão presentes nas sociedades mencionadas, são pensadas no ocidente como símbolo de identificação desses grupos, que por sua vez, não recebiam o prestígio em relação ao corpo “limpo”.

Sendo assim, a marcação do corpo se apresenta de forma expressiva na modernidade, sendo negligenciada e repudiada por estar em contextos de pessoas com antecedentes negativos, como os prisioneiros (JEHA, 2019). Segundo a autora, no Brasil, a tatuagem foi estereotipada como “coisa de bandido” devido ao médico italiano Cesare Lombroso e outros peritos, ao construírem catálogos de tatuagens e, de forma quantitativa, associarem determinados desenhos de tatuagens a tipos diferentes de criminosos. Esses catálogos se compilaram em um livro chamado de *L'uomo Delinquente* e utilizado em uma aula de um professor na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, ocasião que repercutiu na imprensa no final do século XIX, período em que ocorreu o fato. Os níveis de marginalidade desses homens estavam atrelados também à

porcentagem do corpo que as marcações alcançavam, já que possuir uma tatuagem era considerado uma anomalia. Ficava então cristalizado que tatuagem não era coisa de gente “normal”.

Essa trajetória esquematizada em relação à visão sobre o corpo historicamente, a tomada de consciência e o histórico sobre a marcação corporal a partir de algumas inferências, conduz a observar a mudança no paradigma frente a exclusão do sujeito marcado no ocidente. Pensando o surgimento das prisões no século XIX (FOUCAULT, 1997) e o período de guerras que abalaram a Europa até o século XX. Esses momentos deixaram estigmas na memória social e criara uma imagem negativa dos sujeitos fora do padrão de corporeidade, que ganharam uma nova roupagem frente a revolução política proposta em *Woodstock*.

Sendo visto como um ato de rebeldia, a marcação corporal na modernidade surge como uma forma de legitimação da identidade e de demarcação do corpo frente às instituições disciplinadoras, além de uma forma de destaque e diferenciação e de dar voz a sujeitos que antes não tinham tanta notoriedade na construção social, sobretudo os jovens (FERREIRA, 2014). Desde então, a tatuagem e o *piercing* passaram a ser estudados pela Psicologia, Sociologia, Antropologia, Filosofia, pela Linguística e até mesmo pela área de saúde, estabelecendo cuidados que devem ser tomados quando se marca o corpo, a fim de evitar a transmissão de doenças infecciosas.

Esse percurso que vem desde as civilizações antigas até a modernidade em momentos pontuais mostra como a ornamentação do corpo podia ser encontrada em diversas culturas, especificamente a prática do desenho na pele, semelhante ao que hoje conhecemos como tatuagem e o *body piercing*. Em contrapartida, Ferreira (2010) comenta que apesar das joias e outros objetos poderem ser consumidos sem a necessidade do conhecimento sobre seu processo de produção, a tatuagem e a colocação do *piercing* devem estar em evidência e à disposição do conhecimento sobre o processo e o agente perfurador, que neste caso centra-se na figura do tatuador.

O ponto de vista apresentado pelo autor serve para refletir ou discernir sobre os aspectos que definem uma ornamentação comum, como um brinco e a maquiagem, de uma marcação corporal. Apesar das semelhanças que aproximam o *piercing* do brinco, o contexto histórico e novamente o uso que se deu para essas práticas com objetivos distintos propiciou ideologias diferentes sobre ambos. Sobre isso essa diferenciação, observa-se o seguinte:



A existência material destes artefactos, dada a sua imprescindível fisicalidade, depende da co-presença do consumidor enquanto suporte físico e do produtor enquanto agente perfurador. Daí as marcas se distinguirem de outros adereços corporais não apenas devido à natureza permanente da sua encarnação, mas também à sua natureza invasiva – característica que as singulariza relativamente à joalharia convencional, a qual, com a excepção dos brincos, se limita a assentar sobre a cútis. Tanto os piercings como as tatuagens têm, efectivamente, a particularidade de constituir dispositivos-incisão, ou seja, formas de ornamentação que não são apenas pousadas sobre o corpo, mas literalmente encarnadas. (FERREIRA, 2010, p. 232)

Dessa forma, a tatuagem e o *piercing* se definem em oposição aos demais tipos de ornamentação do corpo por serem artefactos invasivos, que rasgam, penetram e perfuram o corpo humano, modificando sua aparência ou sua estrutura e atingindo camadas mais profundas, caracterizadas ainda pela presença da dor, que apesar de evidente para aqueles que pagam para fazer a marcação corporal em si, é introjetada como parte integrante do processo de tomada do corpo para si.

O autor ainda acrescenta que com o movimento de contracultura na segunda metade do século XX, que levou aos atos de individualização, a marcação corporal se configura como “exibição e ostentação pública do corpo, que materializam investimentos expressivos decorrentes de opções e decisões do sujeito, conscientemente ponderadas e planejadas, relativamente aos usos que faz do corpo.” (FERREIRA, 2014, p. 409). Esses atos de vontade individual são contextualizados pelos sujeitos, em relação às instituições ou ideologias que eles pretendem confrontar simbolicamente. A prática de marcação contribui, segundo essa visão, para um espaço em que o sujeito exteriorize elementos da sua identidade, fato que é bem demarcado na modernidade e que se acentua na pós-modernidade.

Um dos pontos principais que são abordados por Ferreira (2014), com o qual é possível estabelecer relações atuais sobre a marcação corporal, é o estatuto no qual o corpo se encontra como operador social, quando carrega consigo alguma marcação corporal no caminho da individualidade e na busca por emancipação. A posse do corpo proporciona ao sujeito sociológico a possibilidade de tomadas de posição, de protagonismo, de aceitar obedientemente normas que são impostas ou utilizar seu corpo como arma de reivindicação.

Quanto mais se aprofunda nesse espaço da posse do corpo, da individualidade na modernidade, mais se encontram elementos que constituem novas identidades ou identidades

fragmentadas. É o caso por exemplo de serem muito comuns falas que remetem a posse do corpo marcado ou não, por pessoas em redes sociais, por exemplo, ou espaços semelhantes onde é possível publicizar essas opiniões. Essa tomada de posse demonstra justamente o patamar de confronto com discursos sociais que ainda carregam consigo uma ideologia hegemônica de corpo e ideais de como esse corpo deveria ser.

Concomitante à marginalização que a tatuagem e o *piercing* sofreram, existem também outros olhares, relativos às formações imaginárias, que superam o patamar do confronto social, o que se apresenta de forma recorrente no *corpus* desta pesquisa. Como forma de amarrar melhor tais discussões com a identidade desses sujeitos marcados na modernidade, a próxima seção buscará estabelecer diálogos entre a problemática da tatuagem e do *piercing* com a identidade cultural na perspectiva de Stuart Hall (2006), de modo a levar todos os pontos de vista que se aproximem do *corpus* e dos objetivos de pesquisa para os capítulos de análise. A escolha dos postulados desse autor como caminhos de reflexão se amarra às discussões sobre heterogeneidade dos discursos, pois as identidades observadas através das formações imaginárias dialogam com a identidade heterogênea dos sujeitos identificadas a partir da teoria antropológica.

### **2.2.3 Identidade e marcação corporal**

A marcação corporal como prática de construção identitária se entrelaça aos estudos de Stuart Hall (2006) à medida em que se nota uma fragmentação dos grupos sociais com características bem definidas que passam a adquirir identificações diversas. Esses grupos apresentam uma tendência de terem sujeitos cada vez mais mutáveis e contraditórios, ou seja, eles carregam características do grupo ao qual pertencem majoritariamente, mas apresentam identificações com outros grupos.

Segundo o autor, a sociedade na modernidade entrou em uma completa fragmentação em classe, gênero, etnia, sexualidade, nacionalidade etc. Isso se dá devido às revoluções culturais que romperam com o paradigma da estabilidade identitária (HALL, 2006). Se antes do movimento de *Woodstock*, por exemplo, se tinha a imagem unificada sobre os jovens, após a virada cultural com o advento do *piercing* e do movimento *hippie*, há várias possibilidades de classes sociais e de identidades que antes eram marginalizadas, mas que passaram a ser absorvidas como elementos de um novo estilo de vida.

O exemplo pode ser teorizado por Hall, quando ele faz a seguinte afirmação, conceituando o sujeito pós-moderno, o qual contemplaria a heterogeneidade identitária que a sociedade moderna passou a dispor.

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (HALL, 2006, p. 13)

Esse fato está ligado às representações culturais que são postas socialmente e que segundo o autor, fazem com que os sujeitos se identifiquem com outras identidades mesmo que temporariamente, sendo a globalização um dos fatores para esse fenômeno, em que outras identidades e outros modos de vida são reestruturados.

A questão da constituição da identidade sob a perspectiva da marcação corporal resgata alguns dos pontos que foram discutidos nas seções anteriores, como o papel social que recai sobre o corpo na modernidade e as possibilidades de desdobramento. A garantia de liberdade e a autonomia do sujeito social sobre seu corpo leva esses autores das suas próprias existências a demonstrarem de forma expressiva quem eles são e com o que eles se identificam através dessas semioses que carregam em si.

Dentro dos próprios estudos sobre a tatuagem e o *piercing*, o debate sobre a identidade é algo bem demarcado, como aponta Ferreira (2014) ao destacar o poder disruptivo que a prática possui. O autor aponta que marcar o corpo rompe com uma ética tradicional de corpo, que foge do natural(izado) e se coloca através de uma guerrilha semiótica. O caminho do tradicional, do aceitável e do natural se apresenta como tendo sido sustentado por muito tempo em detrimento das características que eram sempre associadas com figuras marginalizadas. Sobre a normalização do corpo, observa-se o seguinte:

O caráter social do corpo é, em grande medida, o que motiva os seres humanos a moldá-lo, recortá-lo, pintá-lo, perfurá-lo, ou (para traduzir todas essas noções em uma só palavra), *modificá-lo* de acordo com as inúmeras regras impostas por cada sociedade com base no que seria uma aparência – normal ou admirada. (CARNEIRO, 2018, p. 15, grifo do autor)

Tais tomadas de posição representaram um desejo de ressignificação do que seria possuir um corpo e ter uma liberdade. As sociedades tradicionais passaram um longo período impondo as regras do que seria admirável, bonito e normal. A modernidade com as novas identidades, assim como afirma Hall (2006), clamaram por essa ruptura da tomada de si. É notório que o desejo de legitimação do eu muitas vezes é atravessado pelo liberalismo, no sentido de por vezes aproximar o corpo a um produto. Mas essas tomadas de posições desenvolveram-se em substantivas conquistas que na atualidade permitem os sujeitos sociais a terem uma flexibilidade muito maior de escolha sobre seus comportamentos, suas tomadas de decisão e a possibilidade de construção de uma imagem muito mais individual de si, sem que eles sejam julgados, mas que se constituem em uma onda de diversidade.

O caminho percorrido, principalmente pelos jovens, pode ser ilustrado a partir de uma citação de Ferreira, que se amarra às discussões do autor sobre o direito de posse do corpo:

A legitimidade desse ato de transgressão, estes jovens encontram-na não na sua ancestralidade e universalidade, mas também, sobretudo, na convicção subjetiva de exercerem um direito condicional de intervenção sobre o próprio corpo, o único e precioso bem capitalizável que sentem como verdadeiramente seu, sempre disponível à sua ação e com o qual sempre poderão contar. (FERREIRA, 2014, p. 413)

Mais uma vez a comunidade jovem, ao que parece ter apresentado expressiva contribuição para a legitimação de novos grupos sociais e novas identidades frente à prática da marcação, aparecem como operadores de uma revolução. Há uma presença de um movimento que progressivamente foi contornando um pedaço dessa história e tornando-a mais política, no sentido de chamar a atenção para que a sociedade enxergasse a prática da tatuagem e do *piercing* como uma tomada social de consciência para que o que antes era compreendido como um ato de rebeldia não fosse um movimento descontextualizado, para que pudessem contornar o tradicionalismo, mas de coexistir e dizer que identidades contraditórias existem e são externadas, sobretudo, nas marcas da pele. Ferreira (2014) considera essa discrepância social ainda como uma forma de democracia, onde o corpo seria a propriedade privada, no sentido de que as escolhas do que se faz ou o que recai sobre o corpo socialmente fosse mais definido pelas pessoas e menos pelas instituições reguladoras.

Entretanto, as novas práticas de marcação corporal vêm se reestruturando e se alinhando em outros objetivos que não somente de embate, dissidência e rebeldia. É muito comum que celebridades e pessoas famosas, que muitas vezes apresentam um padrão de corpo malhado, magro ou até mesmo não tão alinhado a esses padrões se utilizem das marcações corporais e consigam colocar essa atividade no campo da normalidade, o que pode ser tomado como uma representação sobre a qual trata Hall na discussão sobre heterogeneidades identitárias. Mesmo que para alguns ainda não seja completamente aceitável, já não é tão estranho ter um vizinho, colega de trabalho ou parente que também não tenha uma quantidade considerável de marcações corporais.

As identidades heterogêneas que surgem cada vez mais em diversos espaços sociais se apresentam como cada vez mais complexas de serem analisadas, contudo é possível pensar alguns caminhos para que se possa estabelecer discussões mais esclarecedoras dentro dessa questão. Tratar das identidades parece ir muito além do que fazer recortes históricos e situar características de sujeitos sociais dentro de grupos minoritários ou hegemônicos. Segundo Hall (2011), compreender as identidades atravessa, sobretudo, o campo das linguagens e do discurso.

O autor ressalta que:

Parece que é na tentativa de rearticular a relação entre sujeitos e práticas discursivas que a questão da identidade – ou melhor, a questão da identificação, caso se prefira enfatizar o processo de subjetivação (em vez de práticas discursivas) e a política de exclusão que essa subjetivação parece implicar - volta a aparecer. (HALL, 2011, p. 105)

É importante observar que, ao que o autor se refere como sendo práticas discursivas ou subjetivação segue uma perspectiva filosófica foucaultiana. Contudo, a questão da identificação, como apontado pelo autor, não deixa dúvidas sobre a importância da linguagem como elemento basilar para sustentar ou apontar as características que os grupos sociais absorvem para a constituição de novas identidades. Ele ressalta ainda que “a abordagem discursiva vê a identificação, como um processo nunca completado – como algo sempre em processo” (HALL, 2011, p. 106.) Nesse novo momento do estudo antropológico proposto por Hall, ficam muito mais forte esses novos olhares sobre processos de identificação, o que abre lacunas para pensar também caminhos de estudo da identidade na perspectiva linguística de

forma mais aprofundada, tendo em vista que os discursos que pairam socialmente sobre quaisquer tipos de sujeitos são pautados em suas práticas sociais.

A teoria linguística não traz uma literatura acabada sobre identidade, no que diz respeito ao discurso, mas propõe algumas reflexões que podem ser aproximadas à problemática e contribuir para análises. Pode ser resgatada uma breve referência a Charaudeau (1999) para compreender algumas possibilidades de caminho a serem trilhados e compreender esses processos de identificação.

Ele constrói uma de suas discussões acerca do que ele chama de uma “*problemática dita como comunicativa e descritiva*”, relacionada aos “os comportamentos dos indivíduos nos seus atos de interação social.” (CHARAUDEAU, 1999, p. 33)”. Sendo assim, esses atos de comunicação estariam relacionados à construção de uma identidade no interior do discurso, levando em consideração a condição de produção discursiva, como no seguinte caso:

O sujeito é, pois, um sujeito de comunicação definido por sua identidade psicológica e social, por um comportamento finalizado e pelas restrições que ele sofre se ele quer se inserir na interação (nessa perspectiva, ele é um <<isso>>). Ele se define também por suas próprias intenções para com o outro (e nessa perspectiva, ele é um <<eu>>), (CHARAUDEAU, 1999, p. 34)

Essa citação remete às questões sobre enunciação, no que diz a respeito da discursivização da língua por intermédio de elementos morfológicos, entretanto a retomada do conceito de condições de produção resgata ainda os estudos de Pêcheux (1997b). Esses lugares sociais, que remetem aos Aparelhos Ideológicos do Estado, devem ser considerados na constituição das identidades que são identificadas nos discursos, pois a interferência da estrutura social e ideológica é uma premissa importante e que é levada em consideração pela Análise do Discurso.

Em uma perspectiva mais discursiva no sentido ideológico, cabe resgatar novamente as discussões de Pêcheux (1997b) para observar como a questão da identidade está demarcada nessas condições de produção em que o discurso surge. Quando são consideradas as posições dos sujeitos discursivos em uma esfera social específica, em tratando-se da perspectiva do assujeitamento, essas identidades reverberarão nos efeitos de sentido. Do mesmo modo, os

sujeitos com identidades contraditórias terão seus discursos emanados de vários lugares sociais, devido ao fato dessas identidades múltiplas carregarem consigo narrativas do eu, descrições de realidades e visões sobre seu grupo social e o grupo do outro.

O que pode ser percebido é que essas identidades e identificações têm um fio condutor que vai até o discurso como forma de exteriorização do eu, assim como dos elementos semióticos que estão no corpo. O discurso, nesse sentido, servirá como base para que pontos de vista sejam esclarecidos, que haja a emancipação do corpo tomado para si e seja defendido por meio da língua e que o embate político, ou o ato de curvar-se a um poder institucional, seja materializado.

Os pontos de vista estruturados se dão com base nas escolhas do *corpus*, em que os enunciadores se apresentam enquanto sujeitos que proferem seus discursos sobre suas vivências, se justificam e contestam o direito pela sua inserção em ambientes sociais muito tradicionais. Nessa perspectiva, o discurso vai de encontro a formas de demarcação de posse de si e de relatar as identidades com as quais eles se relacionam, o que possibilita entender as imagens discursivas que são emanadas da interação com o internauta.

Os pontos de convergência entre as problemáticas sobre corpo debatidas até aqui serão apresentados no próximo capítulo, onde serão realizadas as primeiras análises do *corpus*. De forma conclusiva, reitera-se o anseio em buscar nos discursos que serão analisados a perspectiva de corpo que foi traçada no presente capítulo que, atrelado ao efeito de posse do corpo moderno, representa tipos de sujeito, organismos sobretudo políticos e em constante transformação.

### **3 ANÁLISES PRELIMINARES SOB À LUZ DA ANÁLISE DO DISCURSO E DA ENUNCIÇÃO**

Neste capítulo, serão mobilizados os conceitos das teorias da enunciação e do discurso discutidos no capítulo do referencial teórico, tal como da Sociologia e Antropologia, além de discussões que recorrerão a alguns teóricos auxiliares, para embasar alguma informação pertinente quando necessário. À medida que forem dispostos os vídeos a partir das transcrições e capturas de tela, as análises serão realizadas no decorrer de cada subseção, para amarrar as conclusões preliminares aos conceitos principais.

No intuito de dialogar com um dos objetivos específicos e como já mencionado na introdução, este primeiro capítulo de análises estará dividido em quatro subseções, que irão destrinchar os interesses do pesquisador aliados a estudos a partir de temas.

Essas subseções tentarão abarcar as discussões de análise, a partir de um olhar sobre as marcações mais extensas e invasivas que os *youtubers* apresentam; marcações corporais em adolescentes; a relação das marcações corporais com o mercado de trabalho e na última subseção o enfrentamento da dor de cada indivíduo em realizar uma marcação e as relações com a saúde e os cuidados clínicos e de higiene que a prática necessita.

#### **3.1 Marcações extensas, evidentes e invasivas**

Para discutir sobre a relação entre as práticas sociais e as práticas discursivas, faz-se necessário pontuar alguns aspectos relacionados à aparência dos *youtubers* dos quais os vídeos compõem o *corpus* dessa pesquisa. Apesar desse viés analítico em relação aos vídeos não ser o foco do estudo, ele pode apontar alguns caminhos devido ao fato desse elemento contribuir para o sentido dos discursos, que não somente discorre sobre a condição sócio-histórica do sujeito marcado, mas se relaciona às suas vivências pessoais e experiências que são contadas. Isso influenciará na relação com sua imagem física e as marcações que eles tinham até então, no momento da produção dos vídeos, o que tem papel importante na produção dos sentidos. Ao longo do capítulo serão analisados os 10 vídeos que constam no quadro do *corpus*, totalizando 13 capturas de tela, incluindo os comentários de alguns vídeos que também serão analisados, contudo são totalizadas 14 imagens anexadas a partir da internet.



A princípio, pode-se tomar como representação dos corpos físicos as capturas de vídeo dos *youtubers* Mischa Lemos e Maryanne Davila e de três outros que fazem parte do canal Ilha de Barbados, a saber Cauê Moura Rafinha Bastos, PC Siqueira, cujos vídeos estão listados no quadro do *corpus*. Além deles discorrerem sobre experiências mais longas com a marcação corporal, também contemplam as marcações relativas à tatuagem e ao *body piercing*, no caso da Maryanne Davila, indo inclusive um pouco além com a bifurcação da língua e preenchimento da parte branca dos olhos num processo conhecido como *eyball tatoo*.

As capturas de tela abaixo demonstram os *youtubers* citados, respectivamente, falando das suas relações com suas marcações e seu emprego, tatuagens e alguns *piercings* na boca e na língua, com a simbologia que a prática carrega, os impactos na visão social sobre a marcação em grandes extensões, entre outras discussões.

**Figura 1** - Captura de tela do vídeo “TATUAGEM X EMPREGO – MISCHA LEMOS” do canal Mischa Lemos, publicado em 19 de abril de 2017



Fonte: *YouTube* (<http://youtube.com>)

**Figura 2** - Imagem retirada do vídeo “Como ser FELIZ sendo MODIFICADA? Lutando contra o PRECONCEITO! | + Desabafo!” do canal Maryanne Davila, publicado em 29 de abril de 2017



Fonte: *YouTube* (<http://youtube.com>)

**Figura 3** - Imagem retirada do vídeo “NOS ARREPENDEMOS DAS NOSSAS TATOOS?” do canal Ilha de Barbados, publicado em 18 de outubro de 2017



Fonte: *YouTube* (<http://youtube.com>)

A partir dessa ambientação prévia de alguns vídeos destacados, pode-se observar que fisicamente os sujeitos apresentam um alinhamento distante dos padrões de corpo asséptico,

sem marcas. Para além das teorias discursivas que guiam as análises, os estudos sobre o corpo marcado extensivamente, como de Ferreira (2014), apontam para uma ideia de corpo tomado pelo protagonismo do sujeito que ocupa “um lugar de oposição, resistência e emancipação social, nomeadamente quando o indivíduo investe na sua realidade corpórea *regimes* imagéticos e cinéticos que tentam desafiar a ordem corporal e social existente.” (FERREIRA, 2014, p. 408, grifo do autor)

Pensar corpos que rompem com uma política de naturalização dá margem para refletir sobre a motivação desses *youtubers* em publicar vídeos sobre suas formas de representação identitária através da marcação e problematizar, por exemplo, a forma como esses constroem os títulos para enunciar seus vídeos.

Na primeira captura do vídeo, observa-se a aparência estética da *youtuber*, que ao veicular um vídeo que discute sobre os desdobramentos da relação entre tatuagem e emprego, se apresenta com várias tatuagens extensas. Antecipando a discussão do vídeo, sem apresentar uma transcrição linguística dele, é importante comentar que a *youtuber* discorre sobre a sua atuação como professora de educação infantil e o dilema das suas marcações, além de suas reflexões sobre ter o corpo tatuado em um ambiente escolar, que levantam questões sobre o tradicionalismo na educação formal, sobretudo infantil.

Apesar de não ser o caso apresentado nesse vídeo, o de sofrer preconceito ou o relato de olhares preconceituosos em seu ambiente de trabalho, transparecem formações discursivas sobre a estigmatização do corpo marcado além do que pode ser feito para compensar essa aparência física, como investimento em capacitação profissional, excelência no desempenho da função, entre outros elementos.

Nota-se na Figura 2, relativa ao vídeo do canal *Maryanne Davila*, a utilização de algumas palavras do título em caixa alta (maiúsculo), chamando a atenção para alguns efeitos a serem considerados: essa técnica pode chamar atenção do internauta pelo destaque das palavras em relação ao resto do título, maximizar o sentido da necessidade da reflexão sobre temas destacados, além de adiantar o patamar da problemática que será abordada, quando associada à visão que se pode ter sobre a *youtuber* empiricamente, devido ao fato dela ter cabelo rosa e marcações extensivas.

Quanto ao contato inicial com a terceira imagem, observa-se três homens extensamente marcados e neste caso também, pessoas públicas através da televisão. Contudo, o título

demonstra uma problemática que, talvez, seja uma reflexão pertinente entre aqueles que se deparam com esse tipo de marcação: o arrependimento. A primeira e a segunda figura demonstram um pouco da resistência do meio social com esses corpos, o que se relaciona com a terceira. Esse entrelaçamento ocorre à medida em que se reflete até que ponto essas pessoas podem suportar o preconceito até se arrependerem daquilo que tomaram para si de forma permanente ou se levarão essa nova perspectiva de corpo como algo fundamental para si e para compor as identidades com as quais elas se identificam.

Ainda na segunda figura, a *youtuber* destaca apenas algumas palavras do título em maiúsculo, como se fossem palavras chave para o enunciado do vídeo. Se faz a associação ou cruzamento entre os adjetivos ‘FELIZ’ e ‘MODIFICADA’, como apresentação de uma nova possibilidade “positiva” de existência mesmo estando longe dos ideais de “normalidade” e como esta forma de vida está atravessada por preconceitos, ponto chave da discussão da maioria dos discursos mobilizados nos vídeos que estão listados no *corpus*.

Dando continuidade às análises dos vídeos, parte-se nesse direcionamento para a materialidade discursiva, a partir do aprofundamento sobre as formações imaginárias e da construção do eu e do movimento que essa produção subjetiva possibilita no ato de enunciação. Toma-se, portanto, o segundo vídeo do canal *Maryanne Davila* para análise, devido aos relatos que o constituem serem sobre marcações consideradas como mais extensas, invasivas e que chamam mais atenção socialmente. Observa-se este aspecto no seguinte trecho:

Nesses últimos anos, algumas pessoas me perguntam, tipo: ...ah por que seu olho é preto? Que isso, cê enxerga direito? Eu hein, eu não faria isso não, cê é louca!

Isso porque a única coisa que eles vê são meus olhos, só que pra poucas pessoas, eu mostro a minha língua. E quando eu mostro a minha língua, gente, eu juro pra vocês, as reações são incríveis!

Trecho extraído do vídeo “Como ser FELIZ sendo MOIFICADA? Lutando contra o PRECONCEITO! | + Desabafo!” do canal *Maryanne Davila*

Neste trecho, a *youtuber* discorre sobre questões que foram feitas por pessoas sobre a prática do *eyball tatoo*, reconstruindo alguns dos discursos que são ouvidos e algumas opiniões agressivas sobre a prática dessa marcação. É importante observar que apesar de ser feita por ela

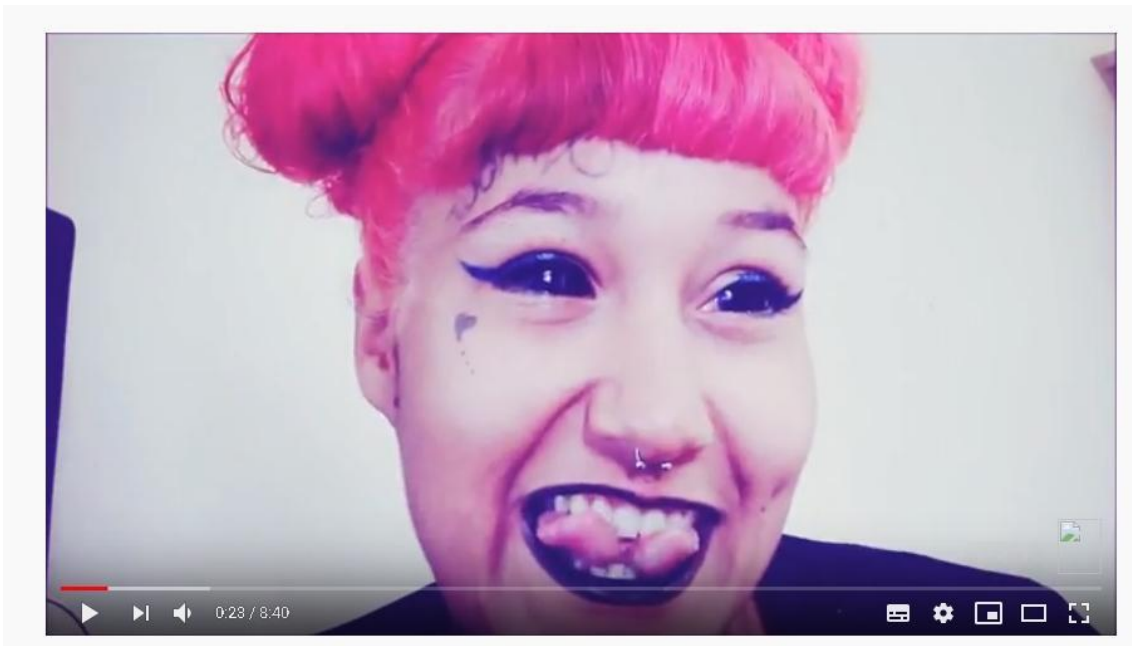
a retomada de outros dizeres, trata-se de uma enunciação imaginada. Neste ponto, além das imagens sociais que são reproduzidas na ideologia discursivamente, há alguns indícios linguísticos que apontam para esse caminho.

No recorte *Que isso, cê enxerga direito?*, por exemplo, está marcado através da forma de um “cê” abreviação de “você”, que esse tu da enunciação pode incluir a enunciadora, mas pelo próprio contexto do vídeo, toma uma abrangência mais geral. Ela não traz indícios linguísticos que reportem a uma fala mais específica de alguém que possa ser sinalizado através de aspas, um referente ou algo semelhante. As perguntas que ela traz no começo do texto poderiam facilmente ser utilizadas também caso ela estivesse descrevendo ou falando de algum outro corpo marcado pela mesma prática que a dela. Então, ela deixa transparecer questionamentos que falam mais fortemente sobre o conteúdo, adiantando uma imagem social ou estereótipo sobre a prática da marcação.

Mais abaixo, há ainda uma referência a um “eles”, o que nesse caso, representaria uma não pessoa, dando objetividade e referindo a outro grupo de pessoas às quais a enunciadora mostra sua língua bifurcada. Nessa outra parte, surge com mais frequência a interação mais demarcada com o tu da enunciação, a partir da marca subjetiva do eu. Diferente do “cê” anterior e até mesmo pela finalidade apresentada no título “como ser feliz”, sugerindo que o vídeo dá dicas de como ser aceita em um contexto de marcação extensiva, o “vocês” é compreendido como os internautas que assistem ao vídeo e vem a se identificarem com a experiência dela ou com o conteúdo em si.

O trecho ainda apresenta marcas de dizeres no sentido que suas tomadas de posição remetem a um embate que parte do ideológico e retoma discursos da marginalização sobre o corpo marcado, os quais estão materializados através do debate sobre a loucura, que sugere que uma marcação extensiva no corpo é feita sem consciência ou em um estado patológico de sanidade, aliando-se às marcas de um passado onde essa realidade de fato era mais comum. A constituição do seu discurso diz de um lugar social, mas também de situações de enunciações imaginadas e articuladas como forma de estratégias argumentativas. Sobre esse ponto, toma-se uma figura feita a partir da captura do vídeo, precedida de outro trecho que também apresenta algumas dessas questões:

**Figura 4** - Imagem extraída do vídeo “Como ser FELIZ sendo MOIFICADA? Lutando contra o PRECONCEITO! | + Desabafo!” do canal Maryanne Davila



Fonte: *Youtube* (<http://youtube.com>)

No interior dessa troca de pessoas, de não referência a um tu específico, observa-se o fenômeno da embreagem enunciativa, conceito pertinente para a Teoria da Enunciação. Segue abaixo um trecho do recorte linguístico do vídeo em questão, onde pode ser retomada essa discussão:

Claro que é realmente muito estranho né, tipo... “ah, você tem a língua cortada e tal, tem o olho tatuado e tal, você é muito estranho”.

Você tem que se acostumar com esse tipo de argumento, porque isso é realmente estranho.

“Nossa, você tá reclamando disso, tá reclamando de eu falar mal do seu olho?”

Então gente, você, você meu querido amigo, cê tem o direito de falar qualquer coisa sobre meu olho, falar não, pensar né, você tem o direito de pensar qualquer coisa, mas não falar. Sim, realmente tem muita gente que fala que meu olho é estranho, que minha língua é estranha e que eu deva aceitar. Sim, eu aceito! Eu aceito sua opinião. Só que queridos, opinião é uma coisa, ignorância é outra. Como saber a diferença entre ignorância e opinião: opinião é tipo você chegar e me falar: ‘Nossa, seu olho é bem diferente, né? Eu não faria isso’.

Já a ignorância, é você chegar e falar: “nossa, seu olho é ridículo, credo eu não faria isso, parece o demônio!”

Trecho extraído do vídeo “Como ser FELIZ sendo MODIFICADA? Lutando contra o PRECONCEITO! | + Desabafo!” do canal *Maryanne Davila*

A situação de uma enunciação imaginada continua em outras partes do vídeo, como pode ser observado no trecho apresentado anteriormente. Nele, esse enunciatário muda à medida que a enunciadora tece seu discurso. Se tratando disso, nas duas primeiras linhas quando ela insere possíveis falas de sujeitos que julgam o corpo marcado, o trecho *ah, você tem a língua cortada e tal, tem o olho tatuado e tal, você é muito estranho* apresenta um *você* precedido do adjetivo *estranho*, referindo-se a um *você* relatado que não é necessariamente ela, mas todos os sujeitos que fazem esse mesmo tipo de modificação corporal que ela possui ou algum outro sujeito imaginado na sua enunciação também tenha.

Nas duas linhas seguintes, ela insere, após sua fala, um outro trecho que pressupõe falas críticas a sua prática de modificação e em seguida, contra-argumenta o que foi por ela articulado. Nesse vídeo, mais especificamente, nota-se que o enunciatário, a partir dos indicadores de subjetividade analisados, não tem um referente claro. Esse enunciatário ao qual ela se refere muitas vezes é ambíguo. Em outros casos que serão mostrados, o enunciatário pode se referir ao chefe do trabalho, aos pais, amigos etc., de forma mais direta. No caso desse vídeo, a depender dos argumentos que são colocados por ela, o enunciatário pode ser um sujeito imaginado ou até ela mesma, quando seu discurso se centra na fala de outros dizeres.

Esse indicador de embreagem enunciativa fica mais evidente no trecho em que ela diz: *Então gente, você, você meu querido amigo, cê tem o direito de falar qualquer coisa sobre meu olho* e logo em seguida ainda tratando-se da mesma crítica, ela diz *Sim, realmente tem muita gente que fala que meu olho é estranho, que minha língua é estranha*. Nessa passagem ela deixa claro que se refere a um enunciatário (sujeitos que tecem uma crítica sobre a marcação) e objetiva sua fala ao inserir “muita gente” (eles/elas), deixando claro que se fala do conteúdo e não de uma pessoa específica, mas de vários sujeitos ou de uma parcela ampla da sociedade para os quais ela direciona seu sentimento de revolta ou insatisfação através do seu vídeo.

Em ambos os trechos analisados não há menção direta ao internauta, de modo que se refira a um tu assinante do canal, por exemplo, o que faz com que o vídeo tenha um objetivo muito mais amplo do que oferecer conteúdo para um público específico, mas de demonstrar uma revolta, oferecendo, a partir de uma enunciação crida por ela, com base nas suas experiências, um pouco de esclarecimento sobre o conteúdo. A escolha por esse tipo de articulação linguística, em que o enunciatário muda no decorrer da sua fala dá margem para pensar as imagens sociais que são construídas sobre o corpo, o que pode ser analisado com o suporte das formações imaginárias.

As falas de outros sujeitos de forma marcada continuam a serem inseridos em demais trechos através de questionamentos que vão sendo alinhados à discussão da crítica corporal, em que se percebe o olhar que a sociedade constrói e recai sobre o exótico, entretanto, num sentido depreciativo. O que ocorre por concentrar uma gama de marcações corporais que extrapolam o que é comumente aceito quando é tomado como padrão, a tatuagem, corte ou perfuração que não comprometem de forma substancial o projeto de corpo. É comentado, por exemplo, sobre a associação da imagem da enunciadora com figuras malignas, a loucura e a deformidade do corpo humano.

Tais pontos de vista são também reforçados pela memória discursiva, quando se recorre ao interdiscurso. Sabe-se que o Brasil é um país majoritariamente cristão, sendo representado por católicos e evangélicos, como aponta a Folha de São Paulo (2020) através de dados da Data Folha. Apesar do país ser laico, entretanto, a moral religiosa ainda recai sobre as práticas sociais, onde o que pode considerado profano pode ser tudo aquilo que está construído ao longo da vida de cada pessoa sobre as descrições de uma ‘figura’ má e como esses seres corrompem a conduta de cada pessoa.

O discurso atravessado no vídeo é construído com várias marcas de discurso do outro (AUTHIER-REVUZ 1990), mas sendo demarcada uma posição de subjetividade ao expressar ideias pessoais na formulação do enunciado e formas de combate ao que a integridade moral do sujeito vem sofrendo com o processo de marginalização. Isso demonstra que esse discurso se desenrola numa perspectiva de resposta e de tentativa de esclarecimento de várias práticas acerca do cuidado com o corpo marcado para um sujeito que se faz presente no cotidiano da enunciadora e não apenas no ambiente virtual como demonstra a passagem: *E, quando eu mostro a minha língua, gente, eu juro pra vocês, as reações são incríveis.*

O trecho de análise dialoga ainda com o “desabafo” proposto no título como uma marca discursiva para o processo de subjetivação, para instaurar uma tentativa de reinserção de uma identidade individual, tomando como base argumentos que podem remeter a vozes de algumas esferas sociais. No início do trecho, a enunciadora se remete a outras falas por meio de discurso direto, indicado pelas aspas, dando em seguida uma resposta argumentativa como forma de contrapor as falas. Esse tom mais incisivo demonstra também um embate contra a ideia dos costumes conservadores e de tentar desmistificar a figura monstruosa, quando retomamos a fala de Mendes (2006), que faz um recorte histórico de um momento em que aqueles que não estavam em alinhamento com as normas sociais vigentes sofreram um controle por parte da



massa popular tida como normalizada, pontuada por Foucault (1997). A passagem transparece um tom mais revoltado, pela demarcação do direito de utilizar seu corpo da maneira que ela deseja, e a retomada de outros discursos de forma direta deixa isso bem mais notório.

Tal aspecto demonstra a relação da memória social com o contexto histórico sobre o qual foi comentado no parágrafo anterior, trazendo à tona um dos muitos casos de resgate de uma memória discursiva de marginalização sobre o corpo marcado que o *corpus* apresenta, como de pessoas que transgridem a ordem social e estão geralmente associados à imagem de criminosos, que pode ser inferido como uma posição discursiva daqueles que estão na posição intersubjetiva como um tu para qual o discurso desse vídeo é proferido e materializam ideologias historicamente engessadas, através do discurso em forma de questionamentos grosseiros. Esses aspectos podem ser ilustrados no dizer da enunciativa quando ela se refere ao grupo de pessoas que fazem marcações corporais semelhantes às suas como estranho, demoníaco ou ridículo, recaindo de forma depreciativa sobre um corpo que não deve ser integrado ao seio social, que deve ficar à margem, no campo da esquisitice e da anormalidade.

Neste sentido, o discurso de afirmação e de posse das partes modificadas do corpo, como algo que se insere numa lógica exibicionista, sistematiza imagens pertinentes sobre a escarificação. No trecho em questão, quando considera-se, por exemplo, a formação imaginária “Qual imagem o *youtuber* faz sobre a tatuagem e o *piercing* para internauta?”, é interessante retomar a influência da sua formação discursiva que é pautada em um tom de ‘liberalismo ideológico’. Ela reforça o direito de cada internauta ou cidadão gozar da sua liberdade de expressão, do seu direito individual de opinar e construir sua crítica sobre aquilo que cada um vê, mas não de poder agir de forma agressiva em relação ao corpo marcado, sugerindo uma violência em forma de discurso, mascarada de opinião.

A imagem sobre a marcação corporal é construída, portanto, como uma tentativa da demonstração da individualidade, irreverência e um caminho através do qual se amplia o conhecimento sobre novas formas de existência. Com relação a forma de articulação discursiva construída pela enunciativa, vale retomar a atenção para a possibilidade de adiantar algumas formações imaginárias, como organizar uma enunciação imaginada na forma de um tu que se direciona a própria enunciativa, quando ela se coloca no lugar de sujeito estigmatizado, do grupo ao qual ela faz parte. Quando ela se refere a um todo por vezes se incluindo ou até mesmo ao tu como esse sujeito, que por vezes parece hipotético, mas que seria o interlocutor da sua interação discursiva. Isso permite refletir também sobre várias questões do campo ideológico,

sobre imagens sociais e estereótipos. Essa complexidade enunciativa demonstra que o contato com algo novo, no sentido que o trecho é construído, deveria levar as pessoas a buscarem mais conhecimento e entender a finalidade da prática, antes de tecer uma imagem equivocada para determinada posição discursiva.

A imagem discursiva da *youtuber* também recai sobre si, como a de um sujeito discursivo que demarca uma ‘linha de frente’ em relação às ações sociais e as ideologias agressivas que emanam da percepção alheia sobre o corpo escarificado, que é mais particularmente seu caso. Poderia ser concluído, preliminarmente, que sua posição discursiva recai sobre uma projeção revoltosa por parte da enunciadora, que é atravessada por todo o viés ideológico já comentado nas análises anteriores e que se apresenta no discurso dela de forma relatada através de outras falas. Atenta-se ainda, para o fato de que à medida que ela contesta a questão sua marcação corporal não ser aceita socialmente, ela lança mão de um comportamento social ideal, como o papel de boa esposa, boa filha, mulher educada e inteligente etc., como forma de amenizar os efeitos negativos dos discursos que ela aborda e como forma de construir uma boa imagem a favor dela, para que ela seja aceita.

Essa discussão é reforçada com base no trecho seguinte onde é descrita a relação com sua família:

A sua família aceita? (*expressão facial de incerteza com movimento com as mãos enfatizando-a*)

Não e sim. Eles aceitam porque eu sou maior de idade e eu já sou casada e essas coisas...por isso que eles aceitam. Eles não gostam, sabe, eles tipo, preferiam que eu não fizesse, só que eles aceitam e me tratam normalmente, porque eles viram que mesmo eu sendo assim, eu sou uma pessoa educada, mais do que muita gente. Eu sou uma pessoa que fala direito, que não fica falando muita gíria, que não fala palavrão [...] Eu sempre fui de boa, sabe? Eu nunca fui... (*gesticulação representando símbolo com a mão fechada, com os dedos indicador e mínimo estendidos, considerado símbolo do rock'n roll*).

Trecho extraído do vídeo “Como ser FELIZ sendo MOIFICADA? Lutando contra o PRECONCEITO! | + Desabafo!” do canal *Maryanne Davila* (grifo nosso)

No trecho acima, são pontuadas pela enunciadora suas boas qualidades em um movimento de tentar compensar suas marcações corporais que são malvistas pelas pessoas que a veem. Primeiro, é comentada sobre sua boa relação com seus pais, mas que não contempla total aprovação deles. Como argumento de convencimento de ser uma “pessoa educada”, ela

afirma ser uma pessoa mais educada que muita gente e é usado ainda um parâmetro de linguagem formal, referindo-se às formas gramaticalmente aceitas da oralidade através do trecho *eu sou uma pessoa que fala direito*.

Com a análise geral do trecho anterior já contextualizado, a imagem discursiva produzida nesse discurso demonstra uma pessoa que passa pelo processo de marginalização social por conta das suas marcações, apesar de não se colocar em um viés de resistência no sentido militante do termo, mas busca mecanismos de se inserir em comportamentos normativos socialmente.

Diferente de grupos juvenis extensivamente marcados que levantam a bandeira em prol do direito às suas identidades em embate com pais, escolas e empregadores, como mencionado por Ferreira (2014), a enunciadora parte para um encaminhamento oposto ao fazer marcações corporais extensas, mencionando formas de “andar na linha” e ser o mais recatada possível para que não seja ainda mais rechaçada por aqueles que estão no seu entorno.

Os sentidos que são resgatados a partir do vídeo apontam para uma imagem identitária complexa e apenas reforçam a tese de Hall (2006) sobre a heterogeneidade dos sujeitos na modernidade. Não é possível dizer de forma incisiva que a garota do vídeo, assim como outras pessoas não marcadas, pertença apenas a um grupo, mas especificamente no caso da enunciadora, há referência a um grupo de sujeitos marcados extensivamente, a partir do discurso que é proferido por ela. Sua fala aponta para vários exteriores sociais, tipos de comportamento e até mesmo para a superestrutura social hegemônica em paralelo com seu desejo pela marcação do corpo.

Nesse aspecto, diferente do que Ferreira (2014) e outros autores sobre o tema pontuam, o sentido percebido a partir do discurso analisado não enquadra as atitudes da enunciadora nos aspectos de um ato político, mas em um desejo pessoal entrelaçado às normas de conduta de uma sociedade liberal. Esse último elemento é importante de ser ressaltado pois o liberalismo, por sua vez, endossa a prática das liberdades individuais, contudo as atitudes da enunciadora não são sistematizadas a ponto de estar à frente de um movimento contra a cultura hegemônica, pois ela coloca seu vídeo apenas no nível do aconselhamento.

Ainda analisando o viés interdiscursivo, no que tange ao resgate histórico das ideologias e a constituição das formações discursivas, é possível apontar para discursos que as constituem.

Respectivamente, o trecho anterior apresenta indícios de discursos dos seguintes espaços, partindo do léxico como elemento para a geração de sentidos.

a) *eu sou uma pessoa educada* – esfera familiar: abre espaços para a possibilidade de pensar a educação doméstica ao longo do crescimento infanto-juvenil e educação escolar, considerando o adjetivo “educada” também a partir do sinônimo “comportada”;

b) *eu sou uma pessoa que fala direito* – esfera escolar/educacional: estabelece uma relação do falar direito com graus de escolaridade prestigiados socialmente e que dispõe de educação de qualidade;

c) *não fico falando muita gíria* – relações interpessoais: afastamento de grupos tidos como minoritários e invisibilizados discursivamente.

Quanto à gesticulação realizada pela enunciadora, configura-se como um gesto semiótico à medida que serve como forma de comunicação para serem interpretados por outra pessoa e servindo também como forma de suporte para a linguagem verbal, como afirmam McCleary e Viotti (2017). Gesto que serviu como forma de complementação ao que não foi dito no trecho do vídeo, a partir da supressão do restante da fala. Nesse aspecto, compreende-se que ao veicular um vídeo com tais características no *YouTube*, o enunciador pressupõe seu público específico, ou seja, tanto a linguagem quanto os gestos feitos para complementar o sentido da linguagem compreendem sujeitos que tem proximidade com esses conteúdos.

No caso do primeiro vídeo apresentado como uma figura, intitulado “TATUAGEM X EMPREGO – MISCHA LEMOS”, é levantada uma lista com uma série de motivos pelos quais se deve fazer uma tatuagem ou não e onde fazê-las. Tal intencionalidade parte do pressuposto de que o sujeito não deve expor suas tatuagens de forma a vir a prejudicá-lo em seu ambiente de trabalho devido, à discriminação dos corpos marcados que ainda perdura na contemporaneidade. Essa discriminação corresponde a resistência dos ambientes de trabalho em relação à marcação corporal, o que leva alguns candidatos a se policiarem quanto a ter uma tatuagem e ir em busca de emprego, motivo que reverbera na escolha da enunciadora em elencar motivos para se fazer uma tatuagem ou não.

Apesar de serem levantadas diversas questões de preconceito, discriminação e marginalização, atravessados no discurso da enunciadora por meio do discurso relatado como

comentários agressivos proferidos a ela, é notório que o discurso que se assemelha a um manifesto. Ele está direcionado às pessoas que estão cotidianamente na vida dela e possivelmente para os internautas que venham a se deparar com esse vídeo no site *YouTube* e que necessitem de esclarecimentos de uma pessoa que pratique esse tipo de marcação e que a vincule como elemento da sua identidade. Não obstante, o canal não tem um alcance tão grande, quando tomado como parâmetro vídeos de *youtubers* famosos ou de vídeos de outros canais que estão listados no quadro do *corpus*. Alguns dos comentários que estão presentes abaixo do vídeo quando ele é aberto no canal da enunciadora concentram-se na exposição de uma ideologia contrária ao que é relatado durante o vídeo.

A transcrição abaixo demonstra que a enunciadora deixa claro através de um texto na descrição do vídeo, para que a pessoa que esteja consumindo aquele conteúdo saiba para quem ou qual público ele é endereçado. Este trecho torna-se discursivamente pertinente pois resgata imagens sobre o conteúdo e sobre a *youtuber*, quando ela resolve interagir com seus internautas construindo o texto em forma de anúncio publicitário.

Observa-se como essa tática pode ser interessante, pois configura-se como o oferecimento de um produto a ser consumido pelo internauta, que é a imagem que a perspectiva da enunciadora sobre marcações corporais extensas apresenta, ligadas à sua imagem de pessoa marcada que toma posse de si enquanto ato político. Contudo, destaca-se também que estas construções de imagens que emanam do discurso são um pouco mais diretas, propositais e conscientes, mas não isenta a enunciadora de estar assujeitada a discursos anteriores, se tomarmos como parâmetro a teoria da Análise do Discurso.

Você tem tatuagens? Tem piercings? Tem alguma modificação extrema (silicone, implantes)? Então esse vídeo é para você mostrar pra aquele coleguinha mal resolvido e hipócrita que adora praticar um bullying hahaha!

Transcrição da descrição do vídeo “Como ser FELIZ sendo MOIFICADA? Lutando contra o PRECONCEITO! | + Desabafo!” do canal Maryanne Davila ao lado do ícone referente à imagem do canal contendo o número de inscritos

Ainda no recorte anterior, nota-se que as escarificações mencionadas são comparadas na descrição à prática da cirurgia plástica e de outros procedimentos estéticos, chamando as pessoas que os fazem de hipócritas que praticam *bullying*, retomando a questão oralmente em

uma parte do vídeo. Tais escolhas lexicais reforçam a posição de um eu da enunciadora que especifica seu interlocutor, o qual vai ser atingido através dos internautas do seu canal, que demonstram apoio e se identificam com as atitudes da *youtuber*, conforme transcrições abaixo:

**Caroline White:** Awwwn eu acho vc super fofa e linda, parece uma bonequinha! Tão ruim o preconceito!!! Não vou ser hipócrita aqui, te vi no Instagram e gostei muito do seu cabelo. Hehehe. E eu não sabia que existia tattoo nos olhos! Menina, pra mim isso é novidade! Heheh to desatualizada. Ficou super legal!!!! Eu não teria coragem porque sou covarde mesmo. Hahahaha. Tattos eu tenho natural, cicatrizes pra todo lado então tá bom já ne? Hahaha Mas acho bonito nas pessoas. Gosto de ver

**Paula Diamont:** se vc soubesse o quanto te acho linda <3 faz vídeo falando tudo sobre sua língua e seu olho! Bjs :D

**Player Llacer:** As pessoas Mais tatuadas, mais diferentes são as mais legais, tranquilas e gente boa, +1 Inscrito :))))))

**Rebeca Cardoso:** Infelizmente o preconceito sempre vai estar entre nos :( tenho poucas tatuagens e já sofro isso imagina vc kkkkk

Transcrição de alguns dos comentários postados em relação ao vídeo do canal Maryanne Davila

Dos 15 comentários que foram postados abaixo do vídeo, nenhum deles apresenta posições depreciativas ou que apresentem alguma forma de preconceito por parte dos internautas, apreciação que pode ser feita com base nas formações discursivas constituídas por meio de discursos voltados para o deslumbramento com o exótico, representados sobretudo por meio dos adjetivos inseridos e por meio das modalizações epistêmicas.

Essa observação pode ser interessante para fazer relações entre as imagens que são construídas pelo *youtuber* e como elas se desdobram nas imagens dos comentários. Nesse caso, se evidencia como as imagens construídas pelas pessoas que comentam recaem sobre a visão física da *youtuber*, evidenciando tal elemento de observação como constitutiva para as formações imaginárias.

Apenas o último comentário da lista traz a frase *nada contra cada um tem um gosto né!* que não apresenta necessariamente um apoio, mas uma neutralidade que atribui a marcação a

liberdade social e de expressão. Apesar do tom de protesto utilizado pela *youtuber*, algumas condições de produção discursivas devem ser levadas em consideração, pois remetem a determinadas memórias discursivas que recobrem sua aparência física.

a) Os inscritos do canal são parte do público que está autorizado pela plataforma a comentar os vídeos, se interessam pela temática que a *youtuber* aborda, que não se restringe somente a marcações corporais, mas apresenta também alguns elementos sobre cultura japonesa e seu interesse por esse tipo de produção é explícita no final desse vídeo e em outros.

Pressupõe-se que há uma associação feita entre a imagem física dela e o conhecimento adquirido discursivamente sobre o propósito dos *animes* e *mangás*, por exemplo. Desse modo, uma memória social é ativada sobre essa produção cultural, quando o discurso da enunciativa chega aos internautas, de modo a fazê-los interpretar os discursos da enunciativa também marcado pelo aspecto cultural, ou seja, o caminho da identificação perpassa não somente o âmbito da marcação do corpo, mas reúne um conjunto de elementos que são demarcados lexicalmente, tanto no discurso da enunciativa, quanto no dos internautas.

b) Deve ser observado também o discurso histórico que recai sobre o comportamento feminino que influencia, materializando-se em uma memória, o que é percebido no texto dos comentários. Há um elemento sutil relativo à aparência física da *youtuber* que é seu cabelo rosa com um penteado que também faz alusão à cultura japonesa, que em conjunto, podem maximizar a ideia de feminilidade. A feminilidade, entretanto, é posta em cena quando resgatada também a ideia de silêncio como constituinte dessa memória, pois não demarcar discursivamente uma feminilidade deixa a cargo dos implícitos empurrarem os sentidos daquilo que não foi dito, para uma reconfiguração ou contribuição com novos sentidos para o discurso da enunciativa, paralelamente ao que é apresentado visualmente para quem assiste seus vídeos.

Esses dois pontos de investigação sistematizados como itens a) e b) ajudam a pensar o caminho que o interdiscurso proporciona ao analista. As formações ideológicas acerca de uma forma de expressão cultural e modos de agir relacionados ao gênero sexual feminino sustentam vários discursos inconscientemente.

A exemplo, sabe-se que a memória sobre a cor rosa, geralmente é associada ao feminino e espera-se que essa identificação seja associada à mulher ao longo da vida, contudo, pode ser raro questionar o motivo do uso dessa cor e não do azul ou do preto. Entretanto, Pêcheux (2010) questiona “O que é guardado na memória?”, o que leva o analista a pensar naquilo que é enunciado e no que não, enquanto o silêncio esconde as palavras que poderiam ser postas para confrontar a memória social que ainda perdura. Não questionar essa cor incide na manutenção dessa memória social que escapa e que faz a manutenção de um estereótipo que se amarra ao fio do discurso.

No decorrer da sociedade, diversos discursos se cristalizam inconscientemente e servem de base para dizeres posteriores, como pontua Pêcheux ao trabalhar com o interdiscurso e as formações discursivas. Considera-se, pois, que pautado nesse percurso histórico das ideologias que interpelam os sujeitos dos comentários, se tem como consequência inversa da interação com a *youtuber* um discurso de admiração, mansidão e afeição.

Muitos dos adjetivos utilizados nos comentários a classificam como “bonequinha”, “linda”, “tranquila” e “gente boa”, manifestando diferentes visões sobre uma personalidade positiva. Assim, quando manifestado nessa análise, o interdiscurso pode servir para compreender o que está por trás dessas imagens que são construídas nessa interação comunicativa.

Resgatando o debate que é posto na descrição, observa-se um discurso semelhante no vídeo intitulado “NOS ARREPENDEMOS DAS NOSSAS TATOOS?”, na página 81, em que os enunciadores discutem sobre a trajetória sobre suas tatuagens e qual a simbologia que cada uma carrega. Nesse trecho do vídeo, os enunciadores conversam sobre o significado que as pessoas atribuem às tatuagens e até que ponto elas são consideradas como instrumento de vaidade.

Segundo Dossin & Ramos (2008), as técnicas de modificações corporais podem ser classificadas em dois grupos, podendo ser modificações mais superficiais até outras mais profundas e invasivas. Para as autoras, o grupo *mainstream* estaria relacionado aos procedimentos comuns e não invasivos, como por exemplo, pintar as unhas; enquanto *no mainstream* estaria relacionado com práticas de escarificação, que envolvem a prática da tatuagem e do *piercing*. Seguindo o caminho dos conceitos considerados anteriormente, insere-se o debate sobre o conceito do *body modification* ou modificação corporal e como essa



concepção é resgatada através do discurso relatado. Isso materializa-se nas impressões pessoais em primeira pessoa, tendo em vista que estes não referenciam nem embasam seus dizeres a partir de estudos ou fontes, essas inferências vão sendo realizadas a partir da relação que é estabelecida por eles entre os diferentes níveis de escarificação e incisão ou colocação de algum artefato orgânico ou não orgânico no corpo, porém, que estão em patamares diferentes de aceitação social. Tal problemática é fomentada no trecho abaixo:

Vamos parar de ser hipócritas, por quê? Muitas dessas pessoas que fala têm silicone mamário, têm sonho em fazer lipoaspiração, sabe, coisas que são bem piores do que a minha tatuagem e a minha bifurcação.[...]

Eu já ouvi algumas pessoas falando: “Nossa, o que leva uma pessoa a tatuar os olhos?”

Aí eu te pergunto: o que leva uma pessoa a fazer cirurgia plástica? O que leva a pessoa a finar o nariz? O que leva uma pessoa a fazer uma troca de gênero? O que leva uma pessoa a fazer uma lipoaspiração? O que leva uma pessoa a fazer essas cirurgias plásticas? O que leva uma pessoa a colocar *botox*? O que leva uma pessoa a fazer um preenchimento labial? O que leva uma pessoa a pinar o cabelo de cores fantasia?

Trecho extraído do vídeo “Como ser FELIZ sendo MOIFICADA? Lutando contra o PRECONCEITO! | + Desabafo!” do canal *Maryanne Davila*

Nesse trecho, são pontuadas dúvidas com sentido irônico questionando o que leva as pessoas a fazerem outros procedimentos, alguns tão incisivos quanto suas marcações da enunciadora, a fim de propor uma força argumentativa, debruçando-se sobre uma crítica em relação a atitude de algumas pessoas em fazerem modificações corporais que estão inseridas no campo estético, sendo por vezes muito mais invasivas e de recuperação mais delicada. Tal discurso pode estar relacionado com uma consciência social sobre o que pode ser considerado uma modificação, tendo em vista os procedimentos de beleza citados. Sobre este desdobramento, retoma-se o que Pires (2003) escreveu sobre o conceito de *body modification* e sua relação com cirurgias plásticas.

*A Body Modification*, conceito usado para designar as modificações corporais executadas das mais diversas formas – desde o uso de produtos químicos até a execução de intervenções cirúrgicas –, nos apresenta uma nova realidade na qual as definições de natureza e cultura se interpenetram causando, na maioria das vezes, um desconforto e um estranhamento. (PIRES, 2003)

Segundo a autora, há um entrelaçamento desses tipos de modificação corporal, no contexto do que foi compreendido como uma modificação que é aceita socialmente ou não. Ela pontua ainda que em um contexto histórico, há uma constante modificação dos interesses sociais, levando a uma fragmentação do sujeito social em buscar diferentes formas de existência e de expressão, principalmente visual, o que reflete no discurso do vídeo observado. Esse ponto de vista teórico proporciona ainda uma reflexão no interior da teoria da Análise do Discurso, já que a teoria parte de uma discussão acerca dos lugares sociais como condições proeminentes ao discurso, enquanto posteriormente a sua fundação, se busca compreender essa historicidade da língua a partir do inconsciente dos sujeitos, o que leva a compreensão de lugares sociais não tão fixos e pré-determinados para a produção dos discursos como, se apresenta nas transcrições dos vídeos. Algo semelhante pode ser examinado no trecho abaixo:

**PC Siqueira:** Uma coisa que me incomoda muito quando se fala de tatuagens e modificações corporais em geral é uma certa, tipo assim, uma diferenciação, tipo assim, ah tem gente que gosta de fazer plástica, colocar bunda, colocar peito, colocar aquela boca, não sei o que e as pessoas que tem tatuagens, algumas delas, se colocam diretamente o oposto disso, sendo que elas são iguais. [...]

Tatuagem é estética, é vaidade. Eu não teria coberto o braço pela terceira vez se eu não fosse uma pessoa extremamente vaidosa.

Trecho retirado do vídeo “NOS ARREPENDEMOS DAS NOSSAS TATOOS?” do canal *Ilha de Barbados*

O trecho retrata uma formação discursiva que desloca a concepção da marcação enquanto espaço fixo de contestação social ou retrato de uma memória negativa rígida da marginalização. Contudo, as vozes que atravessam esse discurso constituem um sentido que acomoda a imagem da tatuagem em um nicho relativo à estética plástica. Esse tipo de comparação, que usa um tipo de modificação que busca maximizar o volume de regiões chamativas e erógenas do corpo constrói sobre a tatuagem uma imagem de elemento necessário para integrar os novos olhares sobre o belo e sobre o que se enquadra nas novas tendências desejadas, já que a crítica é tecida devido aos discursos que distanciam essas duas perspectivas de marcação.

O paradigma da tatuagem como ato de rebeldia e guerrilha simbólica contra as formas de dominação social contra o corpo (FERREIRA, 2014) perpassa por outros olhares que podem

apontar para a complexidade dessas formas de existência, que partindo da marcação corporal, recai sobre atos de resistência em prol da ressignificação do corpo marginalizado ou apenas uma nova forma de preencher uma lacuna do belo.

Nogueira (2015), comenta sobre o individualismo exacerbado que há sobre o corpo na urbanização capitalista. Segundo a autora, o sujeito contemporâneo conta com uma gama de recursos através dos quais ele pode modelar ou modificar seu corpo, na tentativa de atingir um ideal estético. Através dos atos de *body modification* o sujeito deixa seu corpo do jeito que ele gostaria que a sociedade o visse, na tentativa de passar uma imagem que ele idealizou em sua subjetivação.

Apesar das manifestações de individualização do corpo em forma de marcação, os discursos encontram-se atravessados pelos dizeres de outros sujeitos, sendo essas modificações consideradas *mainstream* ou não, como pode ser discutido a partir do seguinte trecho:

**Rafinha Bastos:** Não entendi, me explica. O que iss...o significado se é que tem um significado de vo...tapar. Você falou que não era para esconder nada.

**PC Siqueira:** Não era, se eu tivesse um terceiro braço, eu pintaria esse terceiro braço de preto.

**Rafinha Bastos:** É porque cê acha legal ele ficar pretão, né isso?

**PC Siqueira:** Eu acho bonito pra caralho! [...]

Trecho retirado do vídeo “NOS ARREPENDEMOS DAS NOSSAS TATOOS?” do canal *Ilha de Barbados*

É feita uma associação da marcação corporal com um procedimento estético que configura um elemento embelezador para o corpo, tal qual um adorno, que mesmo sendo uma pintura permanente na pele, ela pode ser colocada na percepção do enunciador PC Siqueira como um status de ornamentação superficial ou *mainstream*.

A partir desse ponto, retoma-se a análise pela ótica das formações imaginárias para verificar quais sentidos esse diálogo proporciona sobre a marcação corporal e sobre os *youtubers* enquanto propagadores de opinião.

Nesse contexto, percebe-se que os significados que estão sendo discutidos subjazem a forma das figuras ou a extensão da pele que estas recobrem, consideradas no nível do simbólico. Porém, após esse trecho, eles atribuem significado às suas primeiras tatuagens, como marcas ao nível da memória simbólica, uma ideia subjetiva e individual do que cada desenho ou o próprio recobrimento de todo o braço com tinta de tatuagem preta representou inicialmente. Esse sentido emerge mesmo que depois estes símbolos sejam configurados em significados mais específicos que tenham sido desconstruídos, ou que as tatuagens seguintes não tenham absorvido nenhum significado pessoal por parte dos enunciadores quando analisada a posição discursiva sobre o assunto.

Nota-se que é construída uma imagem em torno da tatuagem como elemento necessário para conseguir popularidade e visibilidade estética. Apesar de algumas pessoas fazerem tatuagens como forma de marcar um momento ou algo que cada um goste muito, questão discutida no vídeo, uma simples mancha feita por um aparelho de tatuagem já seria necessário para que uma pessoa participe de um grupo que se enquadra em novos padrões de moda e sociabilidade.

Demonstra-se no vídeo, que o ato de tatuar e de carregar qualquer desenho que seja de forma permanente eleva o indivíduo que o possui a um patamar de destaque social. Esse destaque serviria, por exemplo, para representar um prestígio masculino, obtendo conseqüentemente certo respeito social, como exposto no seguinte trecho:

**Rafinha Bastos:** Isso aqui é tribal [...] sei lá porque eu fiz isso aqui...

**Cauê Moura:** Por que? Fala pra mim.

**Rafinha Bastos:** Porque eu achava que eu ia ficar muito machão [...] quando eu fiz isso aqui eu era muito magrinho, uma estruturinha magra e sei lá, porque em algum momento da vida eu queria ficar malvadão e fiz e gosto, não desgosto não!

Trecho retirado do vídeo “NOS ARREPENDEMOS DAS NOSSAS TATOOS?” do canal *Ilha de Barbados*

O que se percebe, por exemplo, com as expressões “machão” e “malvadão” é uma associação do ato de marcar o corpo com traços de agressividade e dominação social por parte da força e da presença masculina. A virilidade é tomada como elemento essencial a ser

demonstrado quando tatuagens tribais são feitas, tomando todo o braço do Rainha Bastos. Vale retomar o interdiscurso para embasar tal análise, pois há nesse caso a presença de uma memória discursiva sobre o poder e o controle que os criminosos gozavam, quando a prática da tatuagem surgiu nesses grupos. Segundo a descrição que Jeha (2019) faz sobre o surgimento da prática no ocidente, é muito frequente a figura masculina como percussora. Nesse caminho, pode-se considerar os marinheiros como figura que representam a bravura masculina, o que deve ser levado em conta como uma das formações discursivas do trecho acima, capaz de navegar os mares mais perigosos e os prisioneiros perigosos, que começaram a marcar uns aos outros dentro dos presídios com material inadequado, desafiando o perigo da dor e de possíveis doenças infecciosas.

Para além da boa estética almejada, para fins de chamar atenção nos espaços sociais como um “machão”, recai sobre a tatuagem tribal o estatuto de símbolo de empoderamento do homem no sentido masculino do termo. Sobre os próprios *youtuber*, é lançada a mesma perspectiva como homens destemidos que fariam tatuagens deliberadamente pautadas na necessidade da glória social e da afirmação das suas masculinidades, inclusive por algumas palavras de baixo calão que são empregadas em alguns trechos, muito associadas ao comportamento masculino. Há ainda uma sensação de despreocupação perpassada em torno da prática e das suas atitudes em prol dela.

Tal sentido discursivo é rompido quando PC Siqueira, no momento da interlocução, intervém sobre a não necessidade de atribuição a um significado e logo em seguida retoma os significados das suas primeiras tatuagens.

**PC Siqueira:** Tatuagem não precisa ter significado, como assim nada precisa ter significado, tá ligado, não precisa cobrar dos outros [...] Descartes, mano, tipo, foda-se, estamos todos sozinhos!

**Rafinha Bastos:** Eu comecei na verdade a minha, porque, eu comecei inicialmente com um símbolo que pra mim era o símbolo da verdade, que eu queria que representasse...aqui tem um símbolo japonês que é verdade [...]

Trecho retirado do vídeo “NOS ARREPENDEMOS DAS NOSSAS TATOOS?” do canal *Ilha de Barbados*

Após essa contradição discursiva que aponta para a questão de que mesmo negando a possibilidade do significado externo, os *youtubers* acabam o fazendo e inserindo essas afirmações na cadeia discursiva que parece seguir um ritmo de homogeneidade no encadeamento das posições dos produtores do discurso, mas acabam inserindo impressões sobre suas percepções do mundo sobre a materialidade imagética e para além desta discussão, problematizam vários discursos de diferentes grupos sociais acerca do que a prática da marcação representa, tomando a escarificação da pele como ato simbólico, para além de traços específicos.

Com relação aos comentários do vídeo, apesar de eles serem trazidos para as análises, após o período correspondente a junho de 2020 eles foram desativados no *YouTube*, juntamente com todos os vídeos do canal, o que inclui o vídeo analisado anteriormente. Esse fato é um desdobramento das acusações de pedofilia direcionadas ao PC Siqueira, o que naturalmente levou os outros membros do canal a realizarem essa manobra de preservação de imagem deles mesmos e do canal. Assim, os dados que aparecem a seguir foram extraídos antes desses eventos ocorrerem e da investigação criminal ser iniciada contra o *youtuber*.

Os comentários em questão têm um alcance muito maior, pelo fato de o PC Siqueira ser um ex-apresentador da rede de televisão *MTV* e ter tido uma boa relação com o público jovem nesse contexto. Outro fator importante para esse alcance é a presença do Rafinha Bastos, que participou também como apresentador de um programa chamado *CQC* na emissora *Band*, o que contribui para que este público seja fidedigno e se faça presente de forma interativa e ativa, como observado a seguir:

**Lais Galvão:** Eu saí escondida pra fazer minha primeira tattoo com 18 anos... Quando cheguei em casa minha mãe disse meu pai iria arrancar na faca.

Tremi, coloquei uma camisa grande pra esconder...Quando meu pai chegou, a minha mãe foi logo contando pra ele da tattoo. Ele pediu pra ver, eu mostrei e ele fez o que? Me pediu pra levar ele lá...Pra que? Pra ele riscar tbm.

**Luis Felipe Zambrim:** Tatuagem carpe diem pra mim merece açoitamento em praça pública

**Yuri Levi:** 23:59 caue moura: tatuagem n precisa ter significado

00:00 vou apagar esse símbolo so cprinthians pq n significa nada pra mim

**Thomas Soares:** Gostei do vídeo, só discordo do PC, tatuagem é o mesmo que implantes de silicone, independente do lugar. Se pensarmos pela estética, claro, é a mesma coisa, mas não se pode esquecer que os implantes são formas de as pessoas que fazem (maior parte mulheres) para serem aceitas em uma sociedade de padrões de beleza, a tatuagem quebra os padrões conservadores.

**Ana Carla Rosa:** Tribal é muito tattoo de hetero topzera

Transcrição de alguns dos comentários postados em relação ao vídeo do canal Ilha de Barbados

Com base no interdiscurso, infere-se, no primeiro comentário, que o ato de ir escondida fazer uma tatuagem é uma consequência da presença de um discurso que provavelmente advém da família em relação a imagem generalizada sobre as marcações corporais. Dessa maneira, se pensa sobre discursos que se amarram a essa perspectiva e que instalam uma imagem negativa sobre a tatuagem a ponto de ser proferida a expressão “arrancar de faca”, o que se configura, na verdade, como a antecipação de formações imaginárias de determinados sujeitos quando em contato com outros discursos.

Com relação ao exposto no primeiro comentário, a mãe da internauta provavelmente tira suas conclusões em relação ao conhecimento que ela possui sobre a temática, contudo, como essa atividade ainda está configurada na compreensão dos pais e responsáveis como um ato de rebeldia adolescente, ela espera que o pai da garota tenha um comportamento pautado na mesma cadeia discursiva que a sua.

Ainda nessa ótica de análise, a expressão “arrancar de faca” pode também ser considerada como outra consequência dessa ideia estereotipada, que se formula nos discursos por meio dos lugares sociais que contribuem para a formulação desse discurso sobre o ato de marcar o corpo. Dessa forma, tentando sistematizar a imagem discursiva que é construída em torno desse comentário inicial sobre o que é discutido pelos três *youtubers* no vídeo, a tatuagem estaria no patamar de um ato criminoso, remetendo a memória dos presos que perpetuaram a atividade, sendo de sua exclusividade e apenas podendo ser feita por eles, caso contrário, o indivíduo estaria também se incluindo em um grupo de conduta delinquente.

No segundo comentário, encontra-se uma crítica por parte do internauta, a uma tatuagem cuja inscrição acabou se tornando muito popular socialmente, que é a frase em latim *carpe diem*, que significa “aproveite o dia”. Um dos efeitos de sentido gerado pelo comentário, relacionado ao que foi discutido até então neste capítulo sobre identidades individuais, é de busca por uma simbologia autêntica, que no caso deste discurso, desagradou o internauta, por ter caído no gosto popular, e possivelmente, ter uma atribuição coletiva do mesmo significado ou até mesmo, ter se tornado uma frase socialmente aceita para uma tatuagem e não atribuir uma atitude tão autêntica e “radical” ao ato de tatuar.

No comentário seguinte, outra internauta associa a prática da inscrição da tatuagem tribal à parcela da população heteronormativa, a qual ela caracteriza como “topzeira”, gíria comum entre jovens para caracterizar homens que estão sempre em busca da demonstração da virilidade masculina.

No último comentário, a *youtuber* contesta o argumento da tatuagem estar em um mesmo patamar dos implantes estéticos e das cirurgias plásticas, pois segundo ela, a primeira forma de marcação tem a finalidade de quebrar os padrões conservadores, enquanto a segunda de enquadrar principalmente as mulheres em padrões de beleza. Infere-se então, a complexidade que é apresentada pelos sujeitos em enxergarem a tatuagem como símbolo de transgressão, enquanto outras modificações como possibilidade de destaque social, sendo bem visto socialmente quando estes pertencem a algum grupo social específico, como no exemplo retirado do discurso do Rafinha Bastos, em ele que precisou fazer uma tatuagem tribal para parecer mais másculo. Algumas dessas observações mais objetivas e outras mais sutis desdobram-se associadas ao resgate de várias ideologias que materializam esses discursos em diferentes formações discursivas.



No próximo trecho de transcrição, surgem elementos que auxiliam na amarração das formações imaginárias sobre tatuagens:

**Cauê Moura:** Eu tenho um pequeno arrependimento aqui. Eu fiz, é o escudo antigo do Corinthians, não tenho arrependimento de ter feito ela, mas fazendo vídeo e usando muita regata e tal, é muito exposta e hoje eu nem torço mais, eu nem gosto mais de futebol. Eu planejo inclusive cobrir, tá ligado?

**PC Siqueira:** Você se arrependeu dessa porra e tudo mais, mas você não acha que conta uma parte da história da sua vida?

**Cauê Moura:** Sem dúvida. [...] eu acho que eu deveria ter feito num espaço do meu corpo em que eu pudesse me preocupar só com o fator histórico da minha vida, infelizmente isso aqui é muito estético e tá muito à vista. Eu não quero um dia tá segurando no metrô e entrar uma torcida do Palmeiras e me espancar [...] sendo que eu nem gosto de futebol, mas isso não faz sentido mais pra mim.

Trecho retirado do vídeo “NOS ARREPENDEMOS DAS NOSSAS TATOOS?” do canal *Ilha de Barbados*

As narrativas do eu que surgiram nesta seção demonstram várias posições do sujeito na tomada de opiniões e construção de argumentos. O enunciatário para quem o discurso é direcionado, seja ele a quem o discurso se dirige, como aquele sujeito que precisa de conhecimentos sobre o universo da marcação corporal para ser menos preconceituoso ou até mesmo o internauta assinante do canal que consome aquele tipo de conteúdo, encontram nas condições de produção que são construídas no ambiente virtual as formas de se colocar intersubjetivamente como sujeitos que também fazem parte de uma parcela da sociedade que possui marcação corporal empiricamente.

Ao se pensar na categoria de tempo que se entrelaça aos processos de enunciação, observa-se a problemática dos signos novamente como dando atenção a preocupação de um dos *youtubers* em relação ao significado de uma de suas tatuagens, um escudo de time de futebol. Ao falar sobre isso, ele antecipa o momento da enunciação que poderia ser feito por alguém, abordando alguns efeitos da escolha pelo signo quando se está presente em aglomerações de fãs de times opostos. Isso anteciparia também o que algum internauta poderia comentar, caso alguém que gostasse muito de futebol e torcesse contra o time em questão decidisse atacar o *youtuber* discursivamente.

Nessa perspectiva, o sujeito da enunciação, que se coloca de forma subjetiva para construir narrativas e fazer críticas se encontra ao lado de um sujeito que não está inserido empiricamente na parcela da população adepta aa tatuagem ou do *body piercing* ou qualquer outra forma de marcação corporal. Esse sujeito está constantemente construindo o ato de enunciar através dos comentários, recorrendo em alguns casos a terceira pessoa do singular, para inserir traços de objetividade dos seus dizeres, seja sobre o que se fala como referência nos discursos ou o sujeito da interlocução, como na fala de PC Siqueira *estamos todos sozinhos*, endereçando não somente o eu e o enunciatário, mas também o ele, ou seja, todos os sujeitos tatuados, possibilitando a produção do sentido “o tatuado está sozinho”.

### **3.2 Marcações corporais em adolescentes**

Esta seção tem por objetivo analisar os discursos sobre a marcação corporal em jovens adolescentes e seus desdobramentos em relação à sociedade, à família, às normas sociais e qual a importância dessas atividades nestes corpos, que muitas vezes podem ser crianças ou pré-adolescentes e precisarem de aprovação legal por parte dos responsáveis. Nas análises, serão observadas apenas as transcrições linguísticas dos vídeos, a fim de preservar a integridade das enunciantoras, que ainda não são adultas.

Para as análises, o recorte do *corpus* foi feito a partir dos vídeos intitulados “Meu primeiro Piercing doeu muito” do canal *Julia Pontes*, “Piercings- como convencer os pais” do canal do *Thalita Piancentini* e “PRECONCEITO COM PIERCING E CABELO COLORIDO” do canal *Unicórno Azul*. Nesses dois casos, o critério de seleção dentro da temática levou em consideração a reflexão das *youtubers* desses vídeos, por apresentarem possíveis reflexões opostas, pois enquanto o primeiro discute sobre o uso do *piercing* em um patamar de engajamento social e inovação em prol da boa aparência jovem, o segundo traz desabafos sobre experiências ruins e discriminação pela posse do artefato.

Observando os resultados obtidos por Ferreira (2014) em sua pesquisa, parte-se da compreensão da leitura geral de seu capítulo que apresenta o corpo marcado pela tatuagem e pelo *body piercing* como um espaço para o estabelecimento de uma resistência política, levando em consideração elementos como o recorte temporal que vai do moderno ao contemporâneo, da individualização do sujeito na sociedade capitalista concomitantemente às identificações com grupos sociais, representando identidades fragmentadas na perspectiva de Stuart Hall

(2006), mas que representam a emancipação e autonomia do sujeito frente a posse do corpo, proporcionando a seguinte reflexão:

Subjacente à sua intenção de produção, está um sentido de resgate da autonomia no controle sobre um patrimônio que o jovem considera exclusivamente seu, relativamente às instâncias que, em vários domínios da vida social (familiar, educativo, profissional, religioso, médico, jurídico, mediático etc.), estão institucionalmente autorizadas a exercer o poder de produzir e regular a figura e o gesto do corpo juvenil. O desenvolvimento de um projeto extensivo de marcação corporal não traduz, porém, apenas a vontade do jovem de tomar para si a plena posse do seu corpo. (FERREIRA, 2014, p. 415)

Com base no exposto, traçam-se diversas possibilidades de observação do corpo marcado, dando margem para pensar não somente o corpo extensivamente marcado, mas de forma que a tatuagem e o *body piercing*, principalmente, possam ser consideradas marcações mais sutis. A utilização de um *piercing* pode ser algo discreto, a depender de qual parte do corpo foi colocado, entretanto pode ter um impacto considerável nas esferas que foram mencionadas por Ferreira, como na familiar e profissional por exemplo, como relatam as enunciantoras dos vídeos a serem discutidos nesta seção, pois as três garotas possuem *piercing* no septo, região cartilaginosa que divide as narinas e materializam nos seus discursos várias vozes e apresentam características textuais em comum:

Vou contar para vocês como foi a minha experiência e mais algumas dicas pra quem quiser furar também. Mas antes de começar o vídeo eu queria falar que pra quem não gosta desse *piercing*, por favor, não seja rude comigo nos comentários. Foi uma coisa que eu queria colocar e quando você faz o bem, o bem volta pra você.

Trecho extraído do vídeo “Meu primeiro piercing doeu muuuuito” do canal *Julia Pontes*

O primeiro trecho apresentado acima, extraído do vídeo do Canal “Julia Pontes” e pontuada através de uma saudação, já dá indícios da forma de conteúdo linguístico que é recorrente em vídeos do tipo tutoriais. Um dos elementos mais clássicos que recobrem o trecho do referido vídeo é o uso dos verbos *dicendi* “contar” e “falar”, precedidos da informação sobre o conteúdo do vídeo propriamente dito. Eles contribuem para reforçar uma ideia de opinião e

de ponto de vista individual, comum aos relatos de experiência que não somente descrevem uma realidade, mas apresentam pontos de vista do enunciador.

Antes de prosseguir para o desenvolvimento do conteúdo, entretanto, a enunciativa faz um adiantamento de uma formação imaginária que é materializado em forma de uma metáfora que está disposta no final do trecho onde se diz: “Foi uma coisa que eu queria colocar e quando você faz o bem, o bem volta pra você.”. É possível observar que apesar do vídeo ter um caráter mais positivo de deslocar a temática da marcação para um alinhamento e nova perspectiva de padronização do corpo, levando também em consideração os elementos extralinguísticos dispostos no vídeo, como o entusiasmo da enunciativa e sua notória classe social privilegiada, ela pontua uma ressalva.

A *youtuber* descreve sua experiência com o *piercing* relatando que sempre teve muita vontade de colocá-lo, mas seu discurso proporciona um efeito de sentido de resistência a algo que deva ser mais estético do que transgressor. Esse “alerta” introduzido em seu discurso em forma de metáfora denuncia como a formação imaginária é embasada em um interdiscurso sobre os antecedentes da marcação corporal na história ocidental, nos moldes em que foram apresentados no referencial teórico. Ao proferir sua fala, ela refere-se ao seu enunciatário utilizando o pronome “quem”, entretanto não fica claro para qual pessoa essa menção é direcionada. Apesar desse outro do discurso ficar mais claro no decorrer do vídeo, é possível inferir que seja o próprio público-alvo, para o qual o vídeo é endereçado.

A metáfora usada ao final do trecho para referenciar um ditado popular “tudo que vai, volta”, exprime a necessidade do eu em ser protagonizado e encontrado, agora, a partir da marcação do corpo, um espaço para representar visualmente uma narrativa imagética da sua identidade e da sua nova experiência. O suplício surge, nesse sentido, para reivindicar o lugar que é de direito do sujeito em se colocar discursivamente perante sua liberdade social e de autenticidade, conforme pontuou Ferreira (2014).

Encarando o corpo não apenas como *bem primeiro* mas também como *extensão visível de identidade pessoal*, enquanto expressão idiossincrática e concreta do *eu*, o jovem, ao marcá-lo extensivamente, também demonstra metaforicamente o direito alargado à propriedade de si próprio, onde qualquer violação do que entende ser o pleno exercício dos seus *direitos de autenticidade, diferença e singularidade*, atinge o cerne do seu projeto de identidade e de vida. (FERREIRA, 2014, p. 415, grifo do autor)

Há uma tentativa de aproximação, de empatia entre as duas categorias de pessoas da enunciação, que parte de um discurso de aceitabilidade por parte da enunciadora. O sujeito, antes naturalizado no que diz respeito à escarificação, agora se encontra marcado por uma peça de metal pendurado na narina.

Neste sentido, o contexto assegura a imagem de “boa menina” a qual a enunciadora pretende sustentar discursivamente, colocando o interlocutor numa posição coercitiva ao usar um ditado popular, o qual atribui as ações boas ou más na internet à reciprocidade daquele com quem se interage. A partir de uma análise lógica, a posição em que a enunciadora se coloca perante o discurso do outro, poder-se-ia esperar que discursos agressivos poderiam ser proferidos caso ela não recorresse para esse dito popular e não se colocasse em posição subjetiva, ou seja, ela pressupõe possíveis discursos que poderão ser gerados como crítica ao seu vídeo.

A objetividade poderia não ter o mesmo efeito de sentido caso ela a fizesse de forma a enunciar que apesar de ter perfurado o septo “eles” ou “meus seguidores” devem continuar gostando dela. Essa análise é interessante em ser pontuada devido ao fato de a data de publicação do vídeo representar uma de mudança visual na sua identidade em seu canal do *YouTube*. Os vídeos anteriores representados através do trecho de análise espelham uma fase mais adolescente da enunciadora, enquanto os que se precederam em seu canal demonstram como sua aparência começou a ser revestida de marcações extensivas, inclusive com a inserção de outros *piercings* em seu rosto, mudança na cor de cabelo etc.

Destarte, a interação com os internautas no início do vídeo na posição enunciativa subjetiva demarca uma abertura de espaço para que a *youtuber* consiga manter sua imagem de boa garota, regada por uma perspectiva burguesa de vida, ao mesmo tempo que relata sobre a marcação corporal como um novo elemento de constituição da sua identidade.

A respeito da interação de forma positiva com os internautas, percebe-se nos comentários também uma aproximação e identificação por parte dos internautas com o ato da marcação e com o apoio dos pais da *youtuber*, pois devido ao fato dela ser menor de idade, eles a levaram ao estúdio, acompanharam todo o processo da colocação da peça e da cicatrização. Observa-se também a partir dos discursos proferidos pela garota, que não houve resistência por parte dos responsáveis, demonstrando preconceito ou estigma social, mas sim o suporte como algo que viria a contribuir para a imagem dela como figura virtual e como ornamentação. Tais análises foram feitas ao observar os seguintes comentários:

**5555:** eu acho lindo piercing no septo

(respostas ao comentário acima)

**Kariny Nogueira:** tenho vontade de furar tbm mas minha mãe não deixa (tédio)

**Ludmila Barros:** Manda seus pais me adotarem, pfvr

**Mila Paiva:** queria colocar também mas minha mãe e minha família fala que é piercing de boi

Transcrições de alguns dos comentários postados em relação ao vídeo do canal Julia Pontes

Um caminho de análise que mostra algumas marcas linguísticas da forma textual que é comumente adotada também nos comentários é a modalização do discurso. No primeiro comentário, que traz um verbo de opinião em uma posição subjetiva, mesma posição adotada em outros dois comentários, é atribuído um juízo de valor positivo, que segundo Santos (2012) vem a ser benéfico na posição de interlocução perante seu enunciador, pois não o compromete ou tira seus créditos enquanto sujeito da enunciação no momento da interação.

No caso dos outros dois comentários que apontam também uma posição enunciativa subjetiva, se observa que em vez da opinião, é pontuada uma posição categórica em *tenho vontade de furar* e tom de incerteza em *queria colocar*. Nesse primeiro caso é importante observar que o efeito de sentido empregado por esta forma de enunciar se desdobra não apenas na imagem perante o enunciador, mas também para outros internautas que se identificam com a prática da marcação e interagem com o comentário, o que é possibilitado pelo site *YouTube*. Esse dado pode ser constatado a partir do número de curtidas e comentários a este comentário postado que são respectivamente 494 curtidas e 42 respostas, maiores números entre os comentários que mais se destacaram após a postagem do vídeo.

No quarto comentário que há um apelo simbólico para que os pais da *youtuber* “adotem” uma pessoa que comentou o vídeo, devido ao envolvimento deles com sua marcação anunciada no vídeo. Esse discurso direto através de um verbo imperativo indica o fato de que muitos pais não permitem que adolescentes façam aderência à prática da marcação corporal, como verificado em comentários recorrentes desse tipo de vídeo e materializado no comentário seguinte.

No caso do último comentário, observa-se mais uma vez, pelo discurso relatado, que o ato de colocar um *piercing* dessa natureza está associado a um processo de desnaturalização do corpo, pois aproxima esse tipo de ornamentação usada por alguns jovens a de animais.

As imagens relatadas a partir do discurso de pais e de algumas pessoas comumente mais conservadoras, é que há uma ideia de retirada da humanização dos indivíduos que usam *piercing*. Sabe-se que os animais que usam argola no nariz, geralmente são os que se criam para o abate, por isso, quando essa memória é resgatada e materializada nos discursos de resistência contra a marcação corporal, percebe-se um certo medo por imaginar que os sujeitos que usam o *piercing* no septo possam ter um tratamento marginalizado gradualmente assemelhado ao de animais do abate, o que poderia ir desde insultos até agressões físicas. Esse efeito de sentido tem ainda um aspecto de barreira protetiva, pois como o discurso carrega uma historicidade sobre a violência produzida por uma “etiquetagem”, as formações discursivas se materializam como uma forma de proteção a integridade dos corpos.

Em contrapartida, os jovens que comentaram o vídeo demonstram não se importar com tal comparação e mesmo assim transgridem essa não-autorização e marcam o corpo mesmo “escondidos” dos seus responsáveis. Como demonstra o comentário abaixo:

**Marlon Silva:** tu acha que minha mãe deixou? Kkkkkkkk NÃO! Aí eu furei e ela nem sabe ainda kskskss

(respostas dadas ao comentário acima)

**Karla Háfia:** Marlon Santana Eu mesma kkkkkkkk

**Maria Alice Nascimento:** Marlon Santana rebelde ksksz

**Maria Biersack:** Ela já descobriu?

**Key Albuquerque:** vou fazer isso também. Me deseja sorte kkk

**Caio:** fiz mais descobriam, acabaram depois do furo kkkkk

Transcrições de um dos comentários postados em relação ao vídeo do canal Julia Pontes com suas respostas.

Os jovens que responderam o comentário, que descrevem a não-permissão da mãe em colocar o *piercing*, demonstram apoio mútuo e preservam a imagem dessa marcação corporal como um trunfo da sua da sua faixa etária. A condição em que se encontram ao fazer essa prática parece os colocarem um patamar de prestígio perante aqueles que não tem, como se fossem mais “descolados”, termo usado popularmente para caracterizar aqueles jovens que estão sempre inseridos nos contextos de tendências que fazem sucesso em seu meio. Nesses casos, essa marcação corporal específica e não extensiva agrega elementos que podem estar relacionadas a construção de uma nova forma de consumo que diz respeito à estética e à cultura,

como apontam o estudo de Pereira (2016), que discute as novas formas de desejos para o corpo belo na modernidade. Em suas palavras:

A Modernidade é caracterizada pelo fluxo veloz de signos e imagens e pelos aspectos manipulativos da cultura do consumo, já evidenciados por Marx ao descrever o fetichismo da mercadoria, de manipulação comercial das imagens e de desejo. Esses aspectos permitiram a abolição da distinção entre realidade e imagem, enquanto uma dimensão manipulativa. (PEREIRA, 2016, p. 86)

Essa discussão trazida pela autora é também abordada por LeBreton (2012), porém pensando a sociedade de consumo para as relações de classe na modernidade social. O ponto de convergência que há em ambas as discussões, mas focalizando no que LeBreton reflete enquanto corpo e consumo, leva a pensar no corpo como veículo que guia os sujeitos no consumo, na individualidade e a lugares de investimento quando ele é colocado ao lado de uma perspectiva burguesa para qual naturalmente uma sociedade capitalista é empurrada.

Toma-se como exemplo, a tatuagem sobre a qual a *youtuber* do vídeo em questão enuncia e os internautas comentam, materializando nos discursos uma extrema necessidade de consumir esse produto que é o *piercing* no septo, a qualquer custo, mesmo que para isso eles tenham que driblar a autorização dos seus pais.

A necessidade pelo consumo constatado através das análises acima está também condicionada ao próprio contexto midiático no qual esses discursos sobre marcações corporais são veiculados, principalmente ao *YouTube*, onde além dos *youtubers* interagirem com seus inscritos, eles também sofrem influência dos outros *youtubers* que assim como eles, produzem conteúdo virtualmente, como mostra outro trecho extraído do vídeo do canal *Julia Pontes*.

Mas eu não podia simplesmente botar um piercing porque eu achei que ficou bonitinho nela e eu não sabia nada, não sabia se doía furar, não sabia como é que era, então eu assisti vários vídeos no YouTube.

Trecho extraído do vídeo “Meu primeiro piercing doeu muuuuito” do canal *Julia Pontes*

Para aderir ao *piercing* ao qual a *youtuber* tanto almejava, infere-se que ela não recorreu a sites ou revistas especializadas no tema, mas sim a vídeos de pessoas que colocaram a mesma joia no nariz. Relacionando esse trecho a alguns comentários mostrados desse vídeo, como por



exemplo o primeiro da lista, a posição enunciativa do sujeito no ambiente virtual demonstra traços de identificação com atividades desenvolvidas dentro do seu próprio grupo, que neste caso, faz com que ela extraia a referência de beleza ornamentada com modificações corporais de alguma ou mais de uma persona e os internautas e se identifiquem com ela.

Partindo do viés da modalização, através do qual a enunciadora se posiciona linguisticamente, o caminho discursivo seguido a partir dos indícios de modalização epistêmica como na expressão *não podia simplesmente* aponta para uma insegurança da enunciadora em relação ao processo de inserção da peça em seu nariz. Apesar de ela se colocar como um eu que profere opiniões, pontos de vista e insere o processo de marcação dentro de um relato de experiência pessoal, ela se mantém em uma posição de não se colocar como fonte da informação, sempre às direcionando a outros atores do processo de referência, sejam outros *youtubers* ou fontes mais fáceis e rápidas de serem acessadas.

A forma com a qual o enunciado foi construído no trecho de análise contribui para a forma com a qual as imagens discursivas são produzidas pela enunciadora sobre o conteúdo do vídeo, que demonstram a referência às personalidades que acabam se destacando dentro de um grupo específico, como desses jovens, mas não para a grande massa.

A figura que a enunciadora cita em seu discurso e diz se identificar fisicamente está localizada no cerco midiático, caracterizando-se pela imagem de uma garota chamada Andressa Damiani, considerada a ‘Barbie humana’ e que passou a ser considerada também a ‘Elsa brasileira’, por chamar a atenção de alguns tabloides britânicos pela relação de sua aparência com a personagem do filme *Frozen* da *Disney*. Essa referência, que é tomada como inspiração para a enunciadora, também encontra algumas resistências sociais pela sua aparência, considerada pouco natural, apesar da Andressa se encaixar em padrões de beleza bastante engessados.

Para abordar brevemente o caso da ‘Elsa brasileira’, influência da *youtuber* para fazer algumas relações com discussões sobre marcação corporal discutidas nesse capítulo, se extraiu um trecho do site *EGO*, em que constam trechos de uma entrevista dada por ela.

**‘Pensam que minha cabeça é vazia igual à da boneca’**

Andressa revela que é alvo de preconceito de pessoas que não entendem seu estilo de vida e que acham seu corpo estranho. Até professores da faculdade que frequentou – ela é formada em veterinária – já a ofenderam.

Trecho extraído de uma notícia do site EGO sobre Andressa Damiani, publicada em 21 de dezembro de 2015.

No trecho da matéria, o site de notícias enfatiza através de discurso direto da enunciativa, marcado pelas aspas, as impressões de terceiros em suas vivências, em que o sentido nesse destaque gira em torno de *cabeça vazia*. É observado ainda como essa estratégia comum em textos jornalísticos, de trazer o centro da polêmica em destaque, alia-se no interior do trecho a discussão sobre a modificação corporal como uma mercadoria a nível macro e que também foi constatado nas análises anteriores.

No decorrer da matéria em si, como exposto anteriormente no exemplo, o travessão é utilizado na frase *Até professores da faculdade que frequentou – ela é formada em veterinária – já a ofenderam*. Essa pausa para dar a informação, possivelmente sobre qual faculdade ela fazia, gera ainda outro efeito de sentido ligado ao juízo de valor sobre sua modificação corporal. O fato de ela ter várias modificações plásticas e ter a “cabeça vazia”, segundo as opiniões populares, é posta em xeque quando confrontado com sua escolaridade.

A matéria, em certa medida, propõe uma reflexão mais crítica sobre como a tomada de posse de corpo, mesmo que para fins estéticos, está presa a uma ideia de afastamento daquele sujeito da sua esfera comum. Ou seja, a exteriorização de uma identidade através das modificações do corpo parece não estar ligado à um estilo de vida regular que existe concomitante à vida civil. Isso pressupõe dizer que ter uma profissão, estudar em um curso superior e ter o corpo modificado extensivamente ou não parece estar em realidades muito diferentes. Além disso, demonstra como nem sempre a marcação corporal não está completamente em um campo da resistência política ou completamente no campo da aceitabilidade estética. A matéria apresenta como a questão pode ficar no meio termo das perspectivas

No decorrer de todo o vídeo da sobre o *piercing* no septo, não há indícios, nestes discursos, que houve alguma forma de discriminação em relação a ela. Entretanto, figuras personificadas como essa presentes no meio midiático acabam influenciando costumes, estilos de vida e discursos entre alguns grupos sociais, em que se inscreve aqui, de adolescentes que tem identificações mais específicas. Segue abaixo a figura da Andressa Damiani, fantasiada como a personagem *Elsa* do filme mencionado:

**Figura 5** - Imagem da Andressa Damiani caracterizada como Elsa do filme Frozen



Fonte: Ego Famosos (<http://ego.globo.com>)

“Eu inventei de colocar um *piercing* no septo, por causa da Andressa Damiani porque eu sempre fui muito viciada nos vídeos dela, e eu sempre achei ela muito bonitinha.”

Trecho extraído do vídeo “Meu primeiro *piercing* doeu muuuito” do canal Julia Pontes

O trecho do discurso da *youtuber*, apesar de trazer de forma explícita a referência que a influenciou, apresenta alguns elementos que apontam o caminho de sistematização da sua formação discursiva. Algumas escolhas lexicais demonstram essa atitude, como por exemplo o uso da palavra “inventei” em vez de “decidi” ou “escolhi”, que poderiam perpassar ao interlocutor maior maturidade na escolha.

As escolhas que a garota faz na idade em que ela se encontra refletem, a partir das escolhas lexicais que ela utiliza em seu discurso e a posição enunciativa em que ela se coloca de forma subjetiva, recorrendo sempre a outros discursos, apontam para a heterogeneidade identitária pela qual ela e outros sujeitos não só da mesma idade, mas também de outras que sejam interpelados ideologicamente passam, como os internautas que postaram os comentários em seu vídeo. A ideologia e os ideais de beleza que eles demonstram ter aparentam ser algo temporário, o que diz sobre os atravessamentos não somente na ordem interdiscursiva, mas também das perspectivas sociais com as quais suas identidades dialogam e que são dispersas.

A questão do suporte dos pais da enunciativa apresenta a percepção sobre a heterogeneidade dessa identidade que é demonstrada em seu discurso, quando ela deixa transparecer que a marcação que decidiu fazer não é algo permanente.

Como meus pais são bem legais, eles não ligaram muito, porque afinal de contas, é um piercing onde o furo é escondido [...] Então se um dia eu quiser tirar, o furo não vai aparecer. Então meus pais acabaram deixando.

Trecho extraído do vídeo “Meu primeiro piercing doeu muuuuito” do canal Julia Pontes

Neste outro trecho o adjetivo “legal” utilizado para descrever o posicionamento dos pais em apoiá-la na colocação do *piercing* por ele ser algo que pode ser retirado facilmente e que não ficará fixado permanentemente. Por outro lado, a atitude dos pais da enunciativa também demonstra certa preocupação com o futuro da filha, na medida em que ela afirma que o furo é em um lugar escondido e que ela pode tirar se quiser, não irá interferir na imagem física dela quando ela precisar por exemplo, arranjar um emprego em algum local que seja mais rígido quanto a adesão às marcações corporais, apesar de em alguns casos, ser flexível a contratação do trabalhador nessas condições.

Percebe-se, portanto, que mesmo com a ausência da materialidade discursiva dos pais da *youtuber*, o discurso dela carrega marcas de discurso outro através da heterogeneidade mostrada e infere-se alguns posicionamentos discursivos e a aprovação ou reprovação de outros sujeitos perante sua perfuração no nariz, pois a carga ideológica é muito evidente quando relaciona-se tais posicionamentos com os desdobramentos da história da marcação corporal e o estigma social que encontra-se ainda evidente na atualidade.

O contrário, por exemplo, é visto em outro vídeo analisado, intitulado como “Preconceito com *piercing* e cabelo colorido” do canal Unicórnio Azul, em que a internauta decide expor os questionamentos e posicionamentos depreciativos das pessoas que a rodeiam, em relação ao *piercing* que ela colocou no lábio inferior.

Ela mobiliza vários questionamentos internos e os dirige a um tu, que se configura como os internautas que assistem ao seu vídeo, sobre a imagem que é construída acerca de si e seus desdobramentos.

“...eu só furei...eu só furei minha boca, eu só enfiei uma agulha na minha boca, coloquei um ferrinho que era igual esse aqui da minha boca...só. Isso faz de mim uma pessoa horrível, que vai pela cabeça dos outros?”

Trecho extraído do vídeo “Preconceito com *piercing* e cabelo colorido” do canal Unicórnio Azul.

Como mostrado no trecho acima, a enunciativa apresenta ao seu público questionamentos pessoais sobre julgamentos de familiares e amigos pelos quais ela passou. Ao final, ela problematiza o que parece ser o ponto principal do seu discurso; a índole do indivíduo que faz alguma marcação corporal. Ao final, ela diz o seguinte: *Isso faz de mim uma pessoa horrível, que vai pela cabeça dos outros?*, o que pode ser analisado mais especificamente à luz das heterogeneidades enunciativas.

Apesar de Authier-Revuz (1998, 1999) apresentar fórmulas que facilitam a identificação das glosas, através quais o enunciador recorre ao discurso outro para explicitar o sentido do signo linguístico, o caso do discurso da enunciativa se desdobra em uma tentativa de deslocar o sentido de “pessoa horrível” para uma ressignificação mais próxima ao contexto do discurso. É possível se amparar no debate sobre a interpretação e a pluralidade de sentidos que um enunciado carrega consigo, na perspectiva de Authier-Revuz (1998), que disserta sobre os sentidos não estarem “adormecidos”, mas que podem ser ressignificados pelo seu enunciador.

Ser uma pessoa ruim, segundo o senso comum, está atrelado a uma série de coisas, tais como atos ilícitos, falta de generosidade, falta de habilidades para alguma atividade específica etc., há uma vasta polissemia no termo. O que a enunciativa retrata em seu dizer vai de encontro a um discurso que ela contra-argumenta, principalmente de pessoas próximas, discursos esses que se apoiam em um interdiscurso fortemente amarrado aos antecedentes do corpo furado por peças de metal e outros adereços, prática de sujeitos marginais no século XX. Entretanto há

ainda o adicional de a enunciadora ser adolescente e, possivelmente, menor de idade, situação em que sua tutela está em posse da sua família, que impõe restrições e “patrulha” sua conduta, sobretudo discursivamente.

Observa-se o resgate de uma memória discursiva de algumas concepções acerca da marcação corporal que questiona o ideal de corpo que é pregado em detrimento daquele modificado e escarificado, o que se relaciona também com a questão das formações imaginárias. Em sua descrição, ela esclarece sobre a não-gravidade da situação que é a de colocar um *piercing* na boca. Algumas palavras escolhidas associadas ao uso da expressão *só furei*, demonstram um sentido de minimizar o efeito dessa atividade através do discurso, para os seus interlocutores. É enfatizado duas vezes e intercalado por uma pausa que ela apenas *furou a boca*, problematizando e acrescentando, no decorrer do discurso, outras etapas do processo de fixação da peça através de uma agulha que se distancia, por exemplo, de uma ferida grave que acarrete consequências posteriores. Além da tomada de posse do seu corpo demarcada discursivamente, todo o enunciado produz uma ideia que retira a equivalência entre uma furada de agulha e outros procedimentos que comprometam mais ainda a estrutura do corpo juvenil, apesar da agulha também apresentar risco e infecção, a depender do estúdio de tatuagem onde se realize o procedimento.

A negação da prática coercitiva sofrida pela enunciadora subjaz a uma memória da juventude rebelde que se encontra em vários momentos da história do *body modification* e se faz presente nos discursos que atravessam o da enunciadora no momento do vídeo. Tais marcas remetem ao que Pereira (2016) comentou sobre a propagação da prática no século XX e a reação principalmente dos pais, sobretudo os mais conservadores em prol da manutenção do corpo padronizado. Ao que Pereira, conforme abaixo, afirma sobre a propagação da prática:

Cria-se um pânico moral entre os pais desses jovens, normalmente de classes médias, pelo conservadorismo dos modelos de corporalidade e pela relação entre marcas corporais e comportamentos desviantes, patológicos ou criminosos. O corpo marcado é um corpo que sai das normas e questiona os padrões estabelecidos. (PEREIRA, 2016. p. 29)

A associação entre o corpo marcado e sujeitos criminosos é mais uma vez percebido entre estudos que se debruçam sobre a marcação corporal e servem como base para vislumbrar os caminhos que esses discursos percorrem historicamente e entender também os movimentos de

resistências, sejam eles discursivos ou simbólicos daqueles sujeitos que fazem a marcação corporal e se manifestam através de atos considerados na esfera do político pela posse do seu corpo.

A estética que o corpo apresenta constitui outro elemento que perpassa determinados estereótipos internalizados socialmente. Alguns deles podem, inclusive, estar inseridos no campo da saúde, questão que será tratada em uma das seções deste capítulo, e do medo de reações alérgicas ou de rejeição daquilo que foi encarnado no corpo, levando algumas pessoas a levantarem crenças sobre o que pode acontecer sobre a colocação de um *piercing*. O trecho abaixo retrata essa questão:

“[...] minha mãe gostou, muita gente gostou. Só que dois amigos meus pararam de falar comigo por causa desse piercing [...] eles só falaram – eu não gosto de ferro, vai machucar, vai ficar enferrujado em sua boca”

Trecho extraído do vídeo “Preconceito com piercing e cabelo colorido” do canal Unicórnio Azul.

A situação do trecho acima parece ser um pouco incomum, quando toma-se como base recortes feitos até agora analisados. No trecho suprimido deste discurso, relatam-se exemplos de outras pessoas que aprovaram sua marcação corporal. Contudo, o foco da análise recaís sobre a aprovação da sua mãe, que é uma das pessoas que compõem o círculo de parentes da *youtuber* e não repudiou a colocação do *piercing*, apesar do seu manifesto inflamado durante o vídeo.

David LeBreton (2012) pontua a aproximação entre a aparência e a moral que é instalada socialmente e que não apresenta nenhuma inocência. Sobre esse pensamento o autor completa:

A ação da aparência coloca o autor sob o olhar apreciativo do outro e, principalmente, na tabela do preconceito que o fixa de antemão numa categoria social ou moral conforme o aspecto ou o detalhe da vestimenta, conforme também a forma do corpo ou do rosto. Os estereótipos se fixam com predileção sobre as aparências físicas e as transformam naturalmente em estigmas [...] (LEBRETON, 2012, p. 78)

O aspecto físico, nesse contexto, serve como plataforma de construção do estigma sobre o corpo marcado da enunciativa, que em contrapartida, é rebatido por ela a partir da imagem que é construída no seu discurso, a partir da sua condição de produção. A postura da

enunciadora em fazer um vídeo tendo que argumentar em defesa da sua identidade e como forma de desconstrução e ressignificação dos estigmas sociais pode representar os gestos pelos quais os sujeitos lutam pela posse do seu corpo, demarcando um posicionamento que vai além da guerrilha simbólica, mas que também atravessa o campo discursivo, como forma de fazer notório e dar voz à existência daqueles que tem seus corpos marcados como pessoas que também integram a sociedade e que não necessariamente tem sua conduta moral influenciada pela mudança da sua aparência.

No vídeo “Piercing: como convencer os pais” do canal *Thalita Piacentini* o discurso se assemelha ao do vídeo discutido no parágrafo anterior, pois a garota também debate sobre aprovação de pessoas que a cercam no convívio social, especificamente seus pais, além da questão da sua imagem, a qual ela tenta sustentar a partir da fala proferida e aliada aos argumentos que são levantados.

Eu tenho 17 anos e eu tenho 4 piercings e uma tatuagem. E antes que vocês digam “ah, mas você já tem 17 anos, não sei o que” ... meu primeiro piercing, eu fiz eu tinha 11 anos, então eu acho que é possível convencer os pais.

Ok, vamos começar pelo fato de que minha mãe não é uma bruxa severa horrorosa, então foi mais fácil de convencer a minha mãe, do que a maioria dos outros pais.

Trecho extraído do vídeo “Piercing: como convencer os pais” do canal *Thalita Piacentini*

Nota-se inicialmente, que o uso da primeira pessoa é demarcada para construir uma narrativa sobre a trajetória de modificação corporal durante toda a adolescência com o consentimento dos pais, mas que aos 17 anos, a enunciadora ao lidar com vida profissional e acadêmica tenta passar uma imagem a partir de uma garota dedicada e assídua com aqueles com quem sempre foi<sup>4</sup>, elementos que poderiam ser utilizados pela *youtuber* para amenizar a memória discursiva que se resgata, por ela já ter passado por quatro *piercings* e uma tatuagem.

Mais uma vez, a imagem que pode ser observada como construída por esse discurso quando ela interage com seu interlocutor é de um sujeito discursivo que tenta sustentar discursos de compensação da prática da marcação, por perceber que outros discursos com estigmas sociais podem recair sobre si. Entretanto, tanto a demonstração das estratégias de

---

<sup>4</sup> Essa informação se refere a descrição de informações pertinentes que surgem no decorrer do vídeo e que se fazem importantes em serem mencionadas também nas análises.



convencimento dos pais que são relatadas, quanto os conselhos que são dados para os internautas, demonstram uma nova visão sobre a marcação corporal. Diferente de outros contextos de marginalização, nesse vídeo é possível notar o fetiche que recai sobre a prática do *piercing*. Nesse sentido, demonstrar como é o processo de colocação do *piercing* como a sua ostentação do seu corpo, demonstram mais uma vez o desejo de um produto, quando se olha tais práticas em uma perspectiva burguesa de vida.

Assim como LeBreton (2012,2013) mostra em seus trabalhos, o corpo e as práticas que recaem sobre ele modificam-se ao longo da história por motivos sociais e culturais diversos, nesse caso em que o recorte é moderno, a marcação de um corpo diz a respeito de um lugar social de um grupo juvenil, que coloca em si movimentos da cultura *mainstream*. Isso desconstrói um antigo conceito de feiura ou esquisitice e coloca a marcação corporal em um patamar de beleza, aceitação e proliferação de um desejo de consumo que se mostra crescente, para deixar o corpo bonito.

Mais uma vez é debatido sobre a aprovação ou não dos pais, tendo em vista que essa seção analisa vídeos de jovens adolescentes e, portanto, menores de idade. Neste sentido, é sempre demarcado nesses discursos sobre a importância de manter uma “boa imagem” perante os responsáveis ou de elucidá-los sobre as boas condutas que cada sujeito segue. É usada uma comparação entre tipos de mães e de pais em relação aos da enunciativa, que no caso da mãe, segundo ela, não é uma “bruxa”, adjetivo que faz referência por exemplo aos contos de fadas em que geralmente, a madrasta comporta a figura de uma feiticeira malvada e que constantemente castiga sua enteada. Segundo a visão dela, as mães de outros adolescentes não dão tal permissão para colocar um *piercing*, por exemplo, devido ao fato de se caracterizarem por pessoas que têm comportamentos autoritários e fiscalizadores e que vetam a liberdade, assim como a referência de bruxa que se infere ao observar as comparações.

O período desde que ela fez a primeira marcação também é levado em consideração para criticar questionamentos sobre a facilidade em ter aprovação dos responsáveis, já que ela fez seu primeiro *piercing* aos 11 anos e as pessoas reforçam a liberdade conquistada por ela devido ao fato dela estar prestes a se tornar maior de idade. As divergências observadas apontam para dois caminhos a serem levados em consideração: os pais dela realmente podem ser considerados mais flexíveis, por estarem sempre cientes da escolha da *youtuber* e terem permitido, ao longo da sua adolescência, que ela tenha tido a possibilidade de fazer marcações corporais, apesar de não terem sido de forma extensiva. Entretanto, os pais dela também permitiram que uma criança

fizesse uma marcação corporal, como um *piercing*, tendo em vista que ela tinha 11 anos, idade considerada como pertencente à infância, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (2014), lei publicada em 1990, mas que até a data da publicação do vídeo, em 2014, ainda mantinha o parecer, como na seguinte citação:

Art. 2º Considera-se criança, para os efeitos desta lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade. Parágrafo único. Nos casos expressos em lei, aplica-se excepcionalmente este Estatuto às pessoas entre dezoito e vinte e um anos de idade. (ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE, 2014. p. 11)

Apesar de o estatuto não dizer nada sobre a possibilidade de os filhos serem autorizados pelos pais a fazerem modificações corporais, alguns estúdios de tatuagem só permitem a prática da pintura no corpo aos 18 anos. O conhecimento sobre esta e outras leis associado a outras formações discursivas podem ser mobilizados como elementos influenciadores para as dicas que são elencadas no trecho a seguir, que mobilizam os seguintes argumentos:

Quais argumentos usar pra convencer seus pais: é... use o argumento de que *piercing* é como se fosse um brinco e que se você tirar, não vai ficar uma cicatriz horrorosa ou nada do tipo. Caso você precise convencer seu pai, bota seu pai e sua mãe pra assistir esse vídeo.

Para as meninas, muitos pais falam “ah, você é delicada, você não vai botar *piercing*, isso e aquilo”. Eu me considero uma garota delicada, eu tenho 4 *piercings* e as pessoas não chegam e olham os *piercings* em mim e não acham que é algo gritante.

[...]

Vocês podem mostrar pra os pais de vocês famosos por aí com *piercings* mais discretos, e sabe, fazer eles irem aceitando a ideia.

Trecho extraído do vídeo “*Piercing: como convencer os pais*” do canal Thalita Piacentini

É dado algo como um “manual de convencimento” na posição de *youtuber*, para o tu com quem ela interage, que são os internautas, sobre qual caminho deve ser seguido para obter a aprovação dos pais. No trecho, além de existirem marcas muito fortes de um gênero textual de autoajuda, como os verbos no imperativo nos períodos, é ensinado ainda um caminho argumentativo, onde fica claro que o objetivo central é de convencer os pais para que eles naturalizem a ideia de que o *piercing* não danifica tanto o corpo por se assemelhar a um brinco.

O que pode ser inferido no início, é que a expressão *é como se fosse um brinco* deixa escapar uma incerteza sobre o sentido dado a esse tipo de marcação, à medida que lança uma condição hipotética em seu discurso, vista a propriedade com a qual qualquer indivíduo fala sobre o *piercing* e o conceitua como sendo uma peça que passa por um procedimento específico e requer cuidados especiais. Ao fazer essa comparação entre os dois tipos de marcação do corpo, utilizando o verbo “ser” no pretérito imperfeito do subjuntivo, a enunciadora demonstra sua insegurança com seu argumento inicial; *não vai ficar uma cicatriz horrorosa* e lança argumentos posteriores, para garantir a adesão ao seu discurso.

Ao articular seu segundo argumento, a enunciadora lança mão do que à priori é uma *debreagem* enunciativa no trecho. *Para as meninas, muitos pais falam*, ao se referir às meninas que realizam a prática do *body piercing*. Entretanto, essa é apenas uma *antecipação* da *embreagem* que pode ser inferida na mesma linha e denunciada logo abaixo, quando ela diz *Eu me considero uma garota delicada*, ou seja, ela se refere a essas meninas delicadas ao mesmo tempo em que ela também se inclui nesse grupo. Os efeitos de sentidos gerados pelo movimento enunciativo se desdobram no objetivo de sustentar os seus argumentos, ao objetivar sua fala partir de uma experiência vivida e que recai sobre ela, o fato de ser delicada e colocar um *piercing*, mas que foi objetivado para gerar um sentido de persuasão, já que o vídeo é direcionado para aconselhar um público específico.

Fiorin (1996) complementa uma de suas falas com uma observação de Greimas e Courtés (1979) e discute sobre como a *embreagem* se apresenta como um desejo de alcançar a instância da enunciação, ao mesmo tempo em que cria uma *ilusão referencial*. Esse pressuposto sobre a *embreagem* dentro da enunciação é ilustrado muito bem pelo último exemplo, em que a subjetividade da enunciação é camuflada, para que o tu que interage com esse discurso tenha a sensação de que as informações dadas para conseguir aprovação dos pais tenha um respaldo maior, já que demonstra ter origem em outras vozes, não somente da enunciadora.

Os sentidos discursivos gerados a partir das questões analisadas no vídeo apontam para a frequente mudança de representação identitária que ocorre no período da adolescência. Isso consiste em dizer que a exteriorização das identidades esbarra na fiscalização dos responsáveis, devido ao fato de esses adolescentes serem menores de idades e, atrelado aos riscos reais que não podem ser descartados em fazer uma marcação no corpo de forma precoce, pesa a memória sobre os efeitos negativos de marcar o corpo, não apenas em termos discursivos, mas sociais e

históricos. Isso se dá apesar de ser notada também uma tentativa de estandardizar a marcação nos termos de Ferreira (2014).

A questão da identidade passageira, que segundo Hall (2006) é algo que traz uma complexidade para a definição dos sujeitos em várias perspectivas sociais, é utilizado como algo promissor no que tange à visão dos pais sobre os filhos com *piercing*. Essa visão sobre o heterogêneo que está ligado à constituição identitária do sujeito, ativa uma lógica dos atos de radicalização e busca por autenticidade que os adolescentes buscam, como algo passageiro, fazendo-os retornarem a busca da sua imagem ou ideal de cidadão comum.

Encontra-se novamente, a problematização sobre a delicadeza feminina que é questionada assim como no vídeo do canal *Julia Pontes*. A busca pela delicadeza feminina em contraponto com a marcação corporal, mais uma vez, resgata uma memória discursiva dos grupos marginalizados que difundiram tais práticas no ocidente. Assim, como enunciado pela *youtuber*, a marcação corporal pode ainda ser considerada como um sinônimo de grosseria, rusticidade e agressividade, características comuns de presos, criminosos e loucos. O discurso, nessa perspectiva, é proferido para os internautas com a função de construir uma imagem oposta ao que está no imaginário social de como seria o comportamento de uma mulher que usa *piercing*, por exemplo, abrindo novas possibilidades de integração e quebrando com os estereótipos, assim como o preconceito sofrido.

Ao final do trecho destacado do vídeo “Piercing: como convencer os pais”, a enunciadora do vídeo constrói comparações entre o eu que enuncia no momento do vídeo e as figuras de pessoas que são citadas como referências de comportamento. Exemplos que são citados desde aqueles que são próximos a ela, quanto de famosos para dar objetividade no uso de figuras sociais, que para ela são parâmetros de modificação corporal bem-sucedida. Os efeitos de objetividade podem servir de respaldo para convencer os pais dela a fazer a modificação corporal, o que pode ser útil para os internautas que assistem ao seu vídeo, gerando ainda um efeito de sentido relacionado ao prestígio de posse de bens, uma vez que os famosos geralmente são bem remunerados, contrapondo em certas vezes o estereótipo que se refere ao *piercing* como coisa de gente sem “futuro” ou sem dinheiro.

Não poderia ser deixado de falar ainda sobre os aspectos voltados para os gêneros do discurso, que em alguma medida, já foram pontuados no decorrer das análises, mas de forma passageira, já que boa parte desses vídeos transcendem o propósito de serem um diário de experiências. Como já mencionado no começo da análise do último trecho, constata-se com

frequência características de manuais de persuasão e convencimento. Para essa discussão, podem ser retomados pressupostos de Bakhtin (1997) sobre os gêneros do discurso. O autor comenta sobre as duas categorias desses gêneros, sendo eles diferenciados em primários, aqueles mais simples, voltados para a linguagem informal e os secundários, mais complexos e formais. Bakhtin comenta também sobre as mesclas que podem ocorrer entre essas duas categorias, em que um gênero formal, como um romance, apresenta aspectos primários, como conversas informais.

Neto e Queirós (2018) se referem aos gêneros do discurso a partir dos *vlogs*, formato de vídeo comum no YouTube onde são contadas experiências de influenciadores digitais que segundos eles, atualizam os gêneros já canônicos.

Com base no *corpus* da presentes pesquisa, é possível dizer os vídeos enquadram-se em uma esfera discursiva de gêneros primários. Apesar de eles apresentarem características instrucionais que geralmente se inserem em textos formais, tendo em alguns casos verbos no imperativo, como manuais de instrução, receituário médico etc., os discursos dos vídeos recorrem a modalizações, apresentando possibilidades de caminhos a serem seguidos e a uma linguagem informal.

Entretanto, a linguagem utilizada nos vídeos é informal e bem coloquial se valendo por exemplo de gírias de jovens e variações linguísticas visíveis. Os aspectos mencionados denunciam mais uma vez esse outro da interação enunciativa, fazendo com que o internauta que acessa esses vídeos já consiga ter uma noção de qual o público-alvo desses *youtubers*. Esse elemento que pode ainda ser observado pelos comentários dos vídeos que são dispostos ao longo dessa pesquisa, onde os internautas geralmente relatam suas experiências com pais, mães, amigos, primeiro emprego, sempre relacionando-as com as histórias dos *youtubers*.

O que pode ser sintetizado nesta seção, com base nos pressupostos teóricos que possibilitaram as análises, é que os discursos proferidos por adolescentes sobre a temática da marcação corporal são atravessados pela questão identitária, mas de uma forma mais imatura. Entre as características que demarcam discursos de adolescentes sobre marcações corporais e que os distinguem de outros grupo, estão a constante necessidade de aprovação dos pais, principalmente a partir de estratégias argumentativas e ressignificação de termos básicos sobre o tema; a tentativa de inserir a tatuagem e o *piercing* na condição de uma identificação de figuras que geralmente são representadas por ídolos ou inspirações comuns da idade e o fato de que nem sempre os discursos se situam somente em uma perspectiva de rebeldia, direito a posse do

corpo ou de ornamentação puramente estética. Pelo menos a partir dos trechos dos vídeos retratados nesta seção, foi possível observar que a partir deste grupo social específico, os discursos no geral se situam em um meio-termo e que as condições de produção dos enunciadores produzem sentidos diferentes no que diz respeito ao gênero textuais e discursivos e às ideologias.

Além das questões já comentadas nos parágrafos anteriores, as marcações corporais envolvem também questões sobre saúde, cicatrizações, higienização dos estúdios de tatuagem e a relação dos corpos marcados com o possível impacto nos empregos, algo que poderia também estar presente ao longo das análises desta seção. Entretanto, essas questões serão aprofundadas nas sessões seguintes, que tratarão sobre a inserção desses sujeitos no mercado de trabalho e, por último, o cuidado com a saúde do corpo, de discursos que recobrem questões estéticas e patológicas.

### **3.3 Marcações corporais e mercado de trabalho**

Para as análises dos vídeos desta seção, serão considerados os vídeos “Preconceito - Tatuagem, modificação corporal e profissões” do canal *5 min com Laah Chaar*; “TATUAGENS E DIFICULDADE DE ARRUMAR EMPREGO” do canal *Michel Moraes*; “HISTÓRIAS REAIS DE TATUAGEM – PROFESSORA” do canal *TATOOINBOX* e TATUAGEM X EMPREGO – MISCHA LEMOS do canal *Mischa Lemos*. Os critérios de seleção para esses vídeos dentro dessa temática estão relacionados ao interesse em analisar vídeos que relatem as repercussões acerca da tatuagem e do *piercing* no mercado de trabalho, frente aos preconceitos e tabus que ainda perduram no meio profissional.

Para dar início as análises, será tomado o vídeo “Preconceito - Tatuagem, modificação corporal e profissões”, no qual a enunciativa inicia falando um pouco sobre suas áreas profissionais de interesse que são também as quais ela atua, sendo elas a fotografia e o design. Após essa breve apresentação, ela diz ter uma grande necessidade de falar com os internautas que assistem o vídeo, sobre o preconceito. A partir de então, ela começa a relatar sobre alguns posicionamentos e escolhas das pessoas em sociedade em prol da sua imagem pessoal, como forma de demarcação da identidade, como pode ser lido no trecho abaixo:

Eu quero muito falar com vocês sobre preconceito. Assuntinho chato de falar né?

Então, preconceito é você ter um problema com o que a pessoa é, deixa de ser, faz, deixa de fazer, que não lhe cabe. Cê não podia tá tendo esse sentimento, não podia...cê não podia tá pensando nisso, não podia...e tá. E aí você acaba influenciando outras pessoas na sociedade, outras pessoas na sua volta com a sua ideia que tá errada, porque você simplesmente acha que tá certo.

Quer ver uma coisa? Eu sou tatuada, sou bem tatuada pra minha idade, sabe? E... quero fazer muito mais. E sabe o que eu escuto sempre? “ah, não faz tatuagem no seu rosto não, você é tão bonita! Cê já tá destruindo seu corpo, olha só como é que você tá! Por que que cê fez isso tudo?”

Gente, eu fiz isso tudo porque eu quis, eu fiz isso tudo porque isso tudo, isso tudo representa que eu sou! É o que eu sou! Me completa! E todo mundo que é tatuado é assim também! Entendeu?

Trecho extraído do vídeo “Preconceito - Tatuagem, modificação corporal e profissões” do canal *Laah Chaar*.

O que se destaca no decorrer do vídeo e principalmente no trecho apresentado acima, é a discussão em torno do termo preconceito e de como ele interfere de forma negativa na vida das pessoas marcadas corporalmente e que buscam uma profissão. Apesar do termo “preconceito” ser uma palavra comum no cotidiano e seu significado girar em torno de interpretações comuns, como um juízo de valor, uma ideia equivocada, entre outros, o trecho chama atenção em alguns aspectos, principalmente pelo fato de a aplicação do termo demonstrar ter um efeito muito mais severo e uma interferência muito mais direta na vida das pessoas, da forma como é abordada no vídeo. Destaca-se como o sentido do termo é reforçado à medida em que a enunciadora recorre a significados, que em alguma medida, se aproximam mais de comportamentos específicos das pessoas que tem preconceito, após se referir ao termo como *assuntinho*, ela complementa seu significado com “problema”, “sentimento” e “ideia”.

Quando se destaca um ponto de convergência entre essas escolhas lexicais e a questão discursiva, depara-se primeiramente, com o sentido de convencimento recorrente nos vídeos. Neste caso, o vídeo se aproxima de um instrumento, que por sua vez, se desdobra de uma ideologia sobre exclusão que atravessou a experiência da enunciadora. Os indícios linguísticos que embasam essa análise são os modalizadores epistêmicos, que se fazem recorrentes e despertam sentidos muito bem direcionados como suporte para o discurso que os enunciadores sustentam. Esse elemento linguístico aponta para certa motivação ou consciência sobre os efeitos do seu discurso. Embora esses aspectos mais voltados para questões argumentativas

sejam recorrentes, no interior da Análise do Discurso, apontam para formações discursivas que vão de encontro aos discursos de resistência e de reivindicação pela liberdade individual.

A saber, o primeiro indício que sustenta essa posição discursiva é o verbo "poder" no trecho *Cê não podia tá tendo esse sentimento, não podia...cê não podia tá pensando nisso, não podia...e tá*, onde o uso constante do verbo no pretérito imperfeito do indicativo denuncia a necessidade em se chamar a atenção para a profusão do preconceito contra os corpos marcados nos moldes em que ela conceituou. Outro fato importante é que apesar da enunciadora iniciar a fala disposta no quadro em primeira pessoa, portanto uma condição subjetiva da linguagem, a modalização epistêmica se faz de forma direcionada para um enunciatário. Se pressupõe um eu que opina, apresenta um ponto de vista, sustenta posições de convencimento, no caso da modalização, e refuta dizeres a partir da forma como o discurso é articulado linguisticamente.

Apesar da enunciadora não ter construído uma sentença de forma que o conhecimento sobre o tema ficasse completamente atrelado a sua figura de sujeito da enunciação, como por exemplo na forma *eu acho que você não podia tá tendo esse sentimento*, a própria ideologia do seu discurso credita sua participação como sujeito que profere um conhecimento ou opinião sobre o valor negativo de ter um preconceito. Outro sentido que emerge da forma como ela organiza suas palavras, é de que parece haver um consenso mais ou menos estabelecido socialmente sobre o preconceito ser algo moralmente depreciativo para quem pratica. Essa inferência é algo possibilitado por essa constante recorrência ao tu da enunciação que é ainda reforçada pelo advérbio "simplesmente", com o qual a enunciadora questiona essa pessoa da interação se ela é detentora de um conhecimento equivocado sobre o comportamento preconceituoso ou alinhado com o que se espera socialmente.

O debate sobre o preconceito que é introduzido à problemática sobre profissões e corpos marcados se segue ao longo do recorte amarrado às suas experiências pessoais que por sua vez explicitam linguisticamente sua posição subjetiva. O discurso organizado em forma de crítica pode também ser considerado uma metalinguagem discursiva, em que ela alerta sobre o poder que a língua tem em espalhar determinadas ideologias em forma de um tipo preconceito, que por sua vez, será replicada pelas outras pessoas configurando-se no que é chamado por ela de "uma ideia errada".

Se faz pertinente observar sobre o que Pêcheux (1995) postulou sobre memória discursiva, onde nesse caso, há uma tentativa de explicitação das formações. Algumas pessoas as apresentam em seus discursos para inferiorizar o copo marcado, e que é retomado com tom



de crítica por parte da *youtuber* para produzir esse efeito analítico, que organiza bem seu discurso a fim de seduzir o enunciatário em uma condição de produção bastante intimista. Esse movimento de construção do discurso é materializado pela citação de outros sujeitos através das aspas, para explicitar as opiniões preconceituosas sobre suas tatuagens e rebatê-las.

Para sustentar os argumentos que são utilizados, a autora recorre a marcas de ironia, que podem ser percebidas não somente pelo tom com o qual ela fala, mas também pela sua gesticulação e a forma como ela insere o discurso do outro no seu em forma de questionamentos. No trecho *Eu sou tatuada, sou bem tatuada pra minha idade, sabe? E...quero fazer muito mais.*, nota-se o ataque indireto aos discursos que relacionam a marcação corporal ao corpo juvenil, outa marca ideológica no que se refere a construção de estereótipos. A gesticulação pode ser vista na sequência de imagens a seguir:

**Figura 6** - Figura do vídeo intitulado “Preconceito – Tatuagem, modificação corporal e profissões” publicado no canal Laah Chaar em 28 de agosto de 2018



Fonte: *YouTube* (<http://youtube.com>)

A sequência de imagens acima demonstra uma posição da *youtuber* que apresenta diversos significados como impaciência ou reflexão, concomitante a uma pausa na sua fala quando ela diz *Cê não podia tá tendo esse sentimento, não podia...cê não podia tá pensando nisso, não podia.* Com vistas a auxiliar na interpretação desses gestos, pontua-se na situação específica desse vídeo os estudos de McCleary, L. e Viotti (2017), que afirmam, a partir da revisão de estudos em semiótica da comunicação, que os gestos podem contemplar uma conceituação mais ampla como um enunciado, por complementarem o sentido do dizer, além

das expressões faciais. Nesse aspecto, ao apoiar a cabeça com a mão, a enunciadora enfatiza a reflexão que deve ser feita por parte daqueles que proliferam o preconceito, utilizando-se da pausa no discurso para destacar a expressão corporal. Subtende-se também, pela mão colocada no rosto, que a enunciadora perpassa uma preocupação com determinado nível de gravidade, com a situação problematizada ao mencionar o que as pessoas não poderiam estar fazendo ou dizendo, em um período social, em que o que cada indivíduo faz com seu corpo deveria ser deixado de lado.

Mais adiante, após essa parte do aconselhamento para o internauta que assiste ao vídeo sobre as atitudes negativas, são tomados outros exemplos da própria vida da enunciadora, para embasar sua crítica. Como apontado no capítulo anterior, o corpo marcado recobre uma realidade social de sujeitos que comumente buscam um protagonismo social para novas formas de existência desalinhadas do contexto hegemônico, entretanto, os discursos que constroem a identidade de cada um desses enunciadores demonstram um pouco de despreocupação sobre como o corpo marcado se apresentará a longo prazo, considerando as marcações permanentes.

O problema trazido pela Laah Char, por sua vez, demarca uma tomada de lugar do corpo amadurecido, mas que toma para si as tatuagens como parte integrante da sua essência de forma incontestável. Sua colocação acaba por se tornar uma discussão pertinente, por fazer o resgate de uma memória sobre a marcação corporal como uma atividade deliberadamente autêntica que tenta ressignificar as mazelas de um passado social, negado a determinados corpos, apropriado sempre pelas novas gerações, muitas vezes como um ato de rebeldia, como aponta Ferreira (2014). Entretanto, essa geração é ressignificada através do seu discurso de forma a não demonstrar preocupação com o futuro, no sentido de manifestar possíveis indícios, como por exemplo se fosse dito “quando eu ficar mais velho, eu quero colocar mais piercings ou fazer mais tatuagens”. Há em contrapartida, a possibilidade e abertura maior para uma demarcação de lugar social e um projeto do seu corpo a partir da marcação corporal. Algo que indica essa interpretação é o final do recorte onde ela faz referência a sua identidade enquanto pessoa marcada, ao dizer que a tatuagem representa o que ela é e a completa.

Em paralelo com a tomada de posição social externada discursivamente, ela ainda põe em discussão uma outra camada de preconceito relacionando a marcação corporal e a idade, devido ao fato da enunciadora se intitular como uma pessoa “velha”. Contudo, compreende-se que pela circunstância de ela trabalhar com profissões que são mais flexíveis e que, muitas vezes, a tatuagem esteja mais presente de forma naturalizada, ela pode ter um diálogo mais

amigável com as pessoas que estão em seu entorno profissional. É o caso da fotografia que ela cita no vídeo e do design, já que ambas as áreas lidam com a criatividade na produção, tratamento e divulgação de imagens.

A relação entre trabalho, sujeitos de outras faixas etárias, que não apenas jovens e a reconstrução da imagem dos sujeitos com tatuagem como pessoas competentes é discorrido em outra parte do vídeo, em uma tentativa de mostrar que a autenticidade da marcação corporal nem sempre é um ato de rebeldia, mas uma forma de constituição do eu em diferentes graus de profissionalização.

Você já foi numa convenção de tatuagem? Cê nunca foi...se você foi, cê sabe do que eu to falando. São pessoas maravilhosas que estão ali dentro. São pais, são mães, entendeu? São pessoas de todos os gêneros que estão ali dentro, são pessoas livres de preconceito, normalmente, tá e é o único um lugar assim que cê vai se sentir feliz pra caramba, com tudo. Vai se sentir bem com quem você é, entendeu?

E... tem várias profissões, tem 2 advogadas [...] duas juízas inclusive que tem um vlog, é tem um canal no YouTube e nem se fala mais vlog né gente, elas são youtubers, são juízas e elas falam sobre direito, né, de uma maneira que todo mundo consegue entender e elas são tatuadas!

São mulheres, juízas, tatuadas! E você ainda tá aí com a mente fechada com preconceito, dizendo que se você fizer uma tatuagem, você não vai poder ser nada na sua vida. Além de tatuador ou body piercer. Tem policial tatuado, juiz tatuado, bombeiro tatuado, vendedor tatuado, tem tudo! Vai se tatuar, vai ser feliz, vai se amar, vai se conhecer [...]

Trecho extraído do vídeo “Preconceito - Tatuagem, modificação corporal e profissões” do canal *Laah Chaar*.

A tentativa de rompimento da associação da imagem da pessoa com tatuagem e a juventude rebelde ainda pode ser percebida, quando é citado o caso de pais e de mães que frequentam convenções de tatuagem. A *youtuber* gera um sentido em seu discurso sobre como seria interessante se algumas pessoas fossem para esses encontros, para que pudesse ser experienciada uma realidade com corpos marcados diferente do usual, devido ao fato do espaço concentrar uma diversidade de pessoas que têm uma visão mais flexível em relação às identidades heterogêneas.

Retoma-se novamente os pressupostos sobre modalização autonímica para discutir as análises e os sentidos que são atribuídos pela enunciadora, quando ela descreve grupos específicos que frequentam feiras de tatuagens e que estão inseridos em empregos específicos possuindo tatuagens. No início do recorte, ela faz uma referência sobre as pessoas que

frequentam eventos de tatuagens: *São pessoas maravilhosas que estão ali dentro. São pais, são mães, entendeu?*. Após essa fala, ela retoma o termo empregado para acrescentar um novo sentido, desdobrando seu enunciado anterior, indicando que pais e mães fazem parte desses frequentadores.

Apesar de não se ter a intenção de estabelecer categorias de modalização autonímica ou apontar fórmulas de glosas, é possível retomar os estudos de Authier-Revuz para problematizar a forma como essa enunciação foi feita e falar sobre os efeitos de sentido que são gerados dessas escolhas.

Segundo Authier-Revuz (1999), a retomada do dizer tem por função alterar a simplicidade do signo linguístico e esse movimento corresponde a tomada do “outro” do dizer, atribuindo ao discurso um caráter heterogêneo. Essa questão pontuada pela autora é exatamente o que é demonstrado no recorte do vídeo em questão, em que pode ser ainda embasado no fio do interdiscurso para resgatar os sentidos que emergem da metalinguagem enunciativa.

Ao fazer a retomada do termo *pessoas maravilhosas* atribuindo esse significado a pessoas de família, retorna-se a uma memória discursiva que remete ao termo referido como “cidadão de bem”. Apesar da tatuagem ser historicamente estigmatizada, a enunciativa reconstrói o significado do termo associando-o a pessoas que estão em um centro de núcleos sociais privilegiados, que passa pela família, sendo essa heteronormativa, o que não poderia ser deixado passar despercebido, caminhando até profissões de prestígio social, como de juízas. No instante em que o outro do discurso se apresenta no interior dessa enunciação, remontando sentidos que pairam socialmente e se diluem em um discurso heterogêneo, o interdiscurso resgata formações discursivas que unem um senso burguês de vida, padronizado e que tenta não deixar o sujeito do discurso em uma margem ideológica, à medida que essas formações são usadas como um pedestal para romper com a memória do corpo marcado do século XX e propagar a ideia de um novo corpo contemporâneo que busca superar o seu passado.

Essas bases epistemológicas da enunciação servem para elucidar muito bem como a heterogeneidade do discurso está presente, quando se toma como exemplo o excerto do vídeo, e demonstra como a complexidade da articulação de diversas vozes se dá também dentro da Análise do Discurso em um caminho afetado pelo acontecimento na história e do discurso como um elemento que a demarca na língua, assim como apontou Pêcheux (2010) nos seus estudos da 3ª fase da teoria, que dialoga muito bem com as heterogeneidades enunciativas.

É perpassado, dessa forma, um tom de seriedade que emana desse espaço, por reunir figuras paternas na condição de pessoas com alguma marcação corporal, além de profissões de prestígio, sendo nesse caso também uma questão ideológica o julgamento dessas profissões. A exemplo, se tem o caso citado pela enunciadora de duas juízas que frequentam a feira e se destacam pela excelência no trabalho jurídico, apesar de elas serem tatuadas, o que mais uma vez aponta para o assujeitamento por parte da ideologia pela qual a *youtuber* é interpelada, demonstrando que existem profissões mais valorizadas socialmente e que contribuem para que a marcação do corpo caminhe para uma prática no campo da naturalização cívica em contextos extremamente formais, como no jurídico. O contato com pessoas com tais características e identidades singulares é sugerido pela Laah Chaar, para que o internauta ou qualquer outra pessoa possa se reconhecer melhor e se reconstruir de forma autêntica, sentindo-se melhor e amando-se mais, como comentado no vídeo.

Referindo-se novamente ao caso das profissões na convenção de tatuagem, depara-se com uma questão ainda problemática na contemporaneidade, que atrelada ao papel da memória na manutenção dos sentidos no discurso, que apresenta a dificuldade para a aceitabilidade de pessoas com alguma modificação em seu corpo em cargos vistos como formais, como é o caso por exemplo de médicos, advogados, juízes, professores, etc, como afirmam Pedro e Aguiar (2016) ao falar que a tatuagem é mais aceita em ambientes de trabalho direcionado a jovens, contudo, em áreas como do direito e de serviços bancários ainda há mais resistência.

As juízas, sobre quem a *youtuber* fala no vídeo, são referidas como pessoas que possuem canal no *YouTube*, onde produzem conteúdo jurídico para os internautas e é dada ênfase ao fato de elas serem muito boas ao falarem sobre sua área de atuação e serem tatuadas. O discurso proferido pela enunciadora ao tratar dessa questão aborda indícios de formações discursivas sobre um sujeito que precisa fazer prevalecer seu desempenho social como forma de superar a memória da rejeição do corpo marcado.

É comum deparar-se ainda com a presença de uma boa atuação e da necessidade do sujeito tatuado em ser melhor que aqueles que não são marcados, para ganhar notoriedade no trabalho, fato que demonstra os resquícios da imagem negativa que ainda paira os ambientes corporativos, como é o do exemplo. Ser mulher e tatuada, como a enunciadora afirma, ainda parece ser uma barreira para que se obtenha o sucesso almejado na vida profissional, segundo o trecho do vídeo analisado, ser “muito bom no que se faz” demonstra ser uma característica

necessária para compensar o fato do sujeito não estar inserido no padrão ideal de boa aparência de um funcionário.

Todavia, a enunciadora apresenta indícios em seu discurso, de que os sujeitos estão conseguindo uma abertura maior no mercado de trabalho e estão conseguindo desmontar o paradigma de que para ser bom na profissão que cada um escolheu, é necessário ter o corpo “limpo” no que subjaz a marcação corporal. Sobre essa acepção, Pedro e Aguiar (2016) a partir dos estudos de Galega (2010) pontuam que algumas empresas já apresentam uma flexibilidade para que o colaborador demonstre seu potencial, sem levar tanto em consideração os aspectos físicos, e que as tatuagens não interferem na boa atuação profissional.

A realidade percebida demonstra-se promissora, tendo em vista que as empresas tendem a rever as características do candidato para direcioná-los aos seus cargos, a partir da breve análise de pesquisadores da atuação profissional do parágrafo anterior. Tal visão de progresso dá possibilidade dos sujeitos tatuados não mais ficarem restritos aos estúdios de tatuagem, como cita a enunciadora, mas de vislumbrarem outras possibilidades de emprego e se inserirem também na sociedade de forma mais igualitária, ajudando a desconstruir determinados estereótipos.

Em outro vídeo intitulado “TATUAGENS E DIFICULDADE DE ARRUMAR EMPREGO” do canal *Michel Moraes*, a questão da dificuldade em conseguir emprego também é discorrida a partir de uma experiência pessoal, sendo mais aprofundada, pois o enunciador que é tatuador, percorreu um caminho de inseguranças frente a marcação corporal e aos empregos anteriores.

Preliminarmente, é comentado por ele sobre casos semelhantes aos comentados pela a *youtuber* Laah Chaar, sobre a relação emprego-marcação corporal e os preconceitos ligados ao tema. O enunciador desse vídeo faz também sua crítica a esses preconceitos e o compara de forma negativa a outros tipos de discriminação, relatando sua insegurança em fazer sua primeira tatuagem e os estereótipos que são construídos socialmente, conforme abaixo:

Aí eu lembrei de como que foi a minha primeira tatuagem e o meu medo que eu tive de fazer ela em relação ao meu trabalho. Pois é, ainda nos dias de hoje, ainda existe esse tipo de preconceito que na minha opinião, é um preconceito meio bosta, assim como todos os outros tipos de preconceito, mas especificamente falando da tatuagem em relação ao trabalho.

Eu não acho que uma tatuagem é motivo de julgar a pessoa e desqualificar ela do cargo que ela está pretendendo trabalhar. Sei lá, parece que é a tatuagem que vai fazer o trabalho por mim ou parece que quem tem tatuagem vai ganhar mais ou tem uma vantagem sobre uma pessoa que tá concorrendo aquele trabalho e não tem tatuagem.

Trecho do vídeo “TATUAGENS E DIFICULDADE DE ARRUMAR EMPREGO” do canal Michel Moraes.

Assim como muitos jovens, ao lado do desejo em demarcar fisicamente um novo traço de identidade ao fazer uma tatuagem, surge o medo da rejeição no mercado de trabalho formal, como pode ser percebido no trecho acima. Nota-se ainda a apreciação enfática sobre a desqualificação ou estranhamentos acerca do corpo tatuado.

Apesar de o vídeo ter caráter instrucional e de autoajuda, como as análises vem apontando no *corpus*, o enunciador recorre a uma linguagem extremamente informal, no que diz a respeito ao gênero do discurso. Ao se colocar na posição discursiva de um tatuador, as imagens que são construídas em torno do que ele diz enquanto sujeito tatuado, anteriores ao de profissional da área, diz sobre um sujeito do discurso que tenta uma intimidade com seu público, que pode ainda ir além de um nicho de pessoas que assinam seu canal, alcançando ainda outras camadas sociais. Essa asserção consiste em dizer que enquanto *youtuber* que tem um considerável número de visualizações em seus vídeos e inscritos no seu canal e que também fala de um lugar de profissional sério da área, ele tem um discurso que tenta seduzir uma intimidade com seu interlocutor, falando de forma horizontal e com linguagem acessível, além de expressões de baixo calão e gírias para se referir às situações.

Os argumentos que são levantados pelo *youtuber*, assemelham-se aos observados no vídeo anterior, tendo a tatuagem como uma marca para a falta de qualificação profissional ou falta de responsabilidade e competência para assumir um cargo, entretanto, é colocado no vídeo do canal Michel Moraes como se o sujeito tatuado fosse tomar a vaga daquele que não tem, acrescida de uma metáfora utilizada por ele *parece que é a tatuagem que vai fazer o trabalho*

por mim<sup>5</sup>. Observa-se, a partir do sentido gerado, que a capacitação profissional está intimamente ligada ao fato do sujeito possuir tatuagem ou não e que ainda é um elemento crucial para eliminação ou contratação do candidato. A discussão continua em outro trecho desse vídeo:

Eu tinha 18 pra 19 anos, eu entrei num trabalho. Foi meu primeiro trabalho registrado. Até então eu não tinha nenhuma tatuagem, mas eu era louco de vontade de ter uma tatuagem. Quando eu fui entrar nesse emprego, já me falaram que eu não poderia ter tatuagem, eu tinha dois brinquinhos pequenos, eu não usava alargador [...] já falaram pra mim tirar e como eu precisava trabalhar, não era porra nenhuma na minha vida, meu primeiro emprego registrado, eu acatei às ordens.

Trecho do vídeo “TATUAGENS E DIFICULDADE DE ARRUMAR EMPREGO” do canal Michel Moraes.

Frente às dificuldades para encontrar emprego que já são comuns na sociedade, o *youtuber* se deparava com a necessidade de se inserir no mercado de trabalho, mas enfrentava o dilema de conciliar a necessidade com a expressão da sua identidade a partir da marcação do corpo.

O que pode ser observado a partir da inferência feita a partir do discurso do *youtuber* e das dificuldades que ele enfrentava para se enquadrar no local de trabalho, é que há um conflito em relação à sua identidade. Ele usa, por exemplo, no trecho em que diz *Eu não acho que uma tatuagem é motivo de julgar a pessoa e desqualificar ela do cargo que ela está pretendendo trabalhar. Sei lá, parece que é a tatuagem que vai fazer o trabalho por mim...* um processo que se configura como uma debregagem enunciativa ao falar de “pessoa” se referindo também a sua figura enquanto sujeito sobre o qual as experiências estão sendo discorridas.

A organização linguística do seu discurso, que se assemelha a de outros vídeos onde os enunciadores se referem a “pessoas” para se referirem a si mesmos, é empregado no sentido de adiantar alguns eventos que ocorrem consigo, mas relatado de forma objetiva nesse momento de embreagem, para sustentar sua opinião. Contudo, o emprego de “pessoa” no singular inclui seu discurso em um sentido mais restrito dos acontecimentos, já que ele decide dar foco a

---

<sup>5</sup> No início do trecho transcrito, ele refere-se a toda essa situação como ocorrendo “nos dias de hoje”. Para situar a marca temporal dessa passagem, fazendo alusão possivelmente ao momento em que o vídeo foi publicado, que corresponde ao ano de 2017.



negação explícita de um cargo de trabalho, a partir do jogo de forças ideológicas que houve entre sua posição de sujeito com o corpo marcado e de seus patrões. É antecipada também uma posição discursiva de um sujeito que apesar de buscar meios de nutrir sua identidade de sujeito marcado na medida do possível, coloca as ordens e obrigações trabalhistas à frente, na tentativa de se enquadrar o máximo possível às exigências do mercado.

Ele descreve em outro momento que seu trabalho ocorria em um escritório de contabilidade, no qual ele estava inserido e sua atividade era descrita como em um contexto de formalidade, onde ele precisava ter autorização de alguém acima dele, para que ele alterasse sua imagem de tal forma. Além desse contexto, nota-se também a necessidade da instrumentalização profissional no que se refere não somente à capacitação, mas também a experiência, para que o sujeito tenha mais liberdade para fazer tais escolhas, perspectiva que é mais bem demarcada e aprofundada no decorrer do vídeo, apontando especificamente para a formação profissional do jovem, sobretudo, em um grau mais elevado, como pode ser lido:

[...] era tão da hora, tão da hora mano, que no final do ano essas festas de confraternização de firma, tá ligado normalmente é um churrasco numa piscina, eles fizeram diferente, levava a gente pro Hopi Hari mano, de avião. [...] e era por isso que eu meio que respeitava a ideia de não poder fazer uma tatuagem.

Então o tempo foi passando, eu fui conquistando, eu fui conquistando as minhas coisas e eu queria conquistar também o direito de ter uma tatuagem. Então eu cheguei no meu encarregado e falei: “Se eu fizer uma tatuagem, qual que é o problema disso daí?” Aí ele olhou pra mim e falou o seguinte: “Você pode fazer uma tatuagem, só não pode mostrar ela durante o expediente de trabalho.”

Trecho do vídeo “TATUAGENS E DIFICULDADE DE ARRUMAR EMPREGO” do canal Michel Moraes.

O *youtuber*, apesar de ter o desejo em fazer sua primeira tatuagem, não a fez, devido às regalias que por ora compensavam a prática da marcação, e demonstravam-se atrativas para o público jovem de 18 anos, apesar de serem oferecidas por uma empresa com um grau de formalidade acentuado. Em contrapartida, a não autorização do seu encarregado demonstra como a prática da tatuagem ainda agrega uma imagem negativa em determinadas empresas e não podem ser exibidas durante a jornada diária do empregado, para que não haja, possivelmente, a construção de uma imagem de falta de credibilidade do empregado e da

empresa, por carregar marcas que remetem a uma juventude rebelde e despreocupada com o crescimento pessoal.

Muitas formações discursivas são fomentadas neste último trecho, tanto por parte do enunciador, quanto por parte da empresa, pois demonstram como um jeito burguês de vida é sempre colocado em um plano anterior ao da identidade. Não poder fazer uma tatuagem “ainda” ou poder esperar mais um pouco vale sempre a pena no discurso do enunciador, pois está se negando uma identidade em troca de um conforto de vida. Apesar de manter uma identidade em espaços que geram confronto ideológico não ser impossível, não pode ser deixado passar despercebido que a ideologia capitalista consegue dominar mesmo aqueles sujeitos que comungam com perspectivas de um centro ideológico e, pelo menos no caso do vídeo em questão, a identidade pode vir a ter um preço.

Até então, seu discurso demonstra preocupação com o crescimento profissional, colocando essa carreira acima dos seus desejos de personalidade, ao relatar sobre suas escolhas no início dela, como no seguinte trecho:

Passando algum tempo, eu saí dessa empresa, entrei numa outra empresa. Nessa outra empresa eu tinha um pouco mais de liberdade. Então como eu tinha um pouco mais de liberdade, eu esperei passar um certo tempo de empresa, tipo um ano, aí eu cheguei no meu patrão e falei: “eu quero fazer uma tatuagem, vocês se importam? Se importar eu nem faço.” Ele olhou pra mim e falou:

-Não mano, se você quiser fazer, você pode fazer, não ligo, não tem problema.

-Nem se aparecer?

-Não, tem problema não, mas o quê que cê tava querendo fazer?

-Não, eu tava querendo mesmo é fechar meu braço.

Ele olhou assim pra mim e falou:

-Êta porra, cê já quer fechar o braço?”

Eu falei:

-Sei lá, eu gosto.

Daí ele me falou a seguinte frase:

-Olha, se você quiser fazer, cê pode fazer, eu não ligo. Eu acho até legal, mas pense no seu futuro, porque aqui na empresa você está no maior cargo pra quem tem só o ensino médio.

Trecho do vídeo “TATUAGENS E DIFICULDADE DE ARRUMAR EMPREGO” do canal *Michel Moraes*.

Retomando as condições de produção discursiva sob a ótica das formações imaginárias, consegue-se sistematizar a origem do caminho de cada dizer que constituem esse todo. Observando novamente a questão identitária como parte integrante do discurso sobre os primeiros contatos com a prática corporal, os discursos de marginalização dos sujeitos que pairam socialmente acabam se destacando na forma como se argumenta sobre a aprovação ou reprovação da prática. Os desdobramentos podem ser considerados como os mecanismos que são adotados para contornar a situação e não entrar em conflitos ideológicos com outras pessoas das quais eles dependem no seu círculo interpessoal e profissional, como é o caso do primeiro emprego para a maioria dos jovens que têm tatuagem ou *piercing*.

Apesar de já na empresa seguinte o *youtuber* ter conseguido autorização para fazer uma marcação extensiva em seu corpo, o discurso do seu chefe está constituído pelos mesmos discursos que foram analisados no vídeo anterior desta mesma seção, os quais indicam a flexibilização da inserção do sujeito marcado na esfera trabalhista, contanto que a capacitação compense a presença da sua imagem física no ambiente, efeito de sentido que é percebido no trecho.

No caso do vídeo do canal Michel Moraes, o enunciador se encontrava na sua segunda empresa como uma pessoa que detinha apenas a formação da educação básica, para o cargo de nível tão elevado no qual se encontrava. A posição discursiva do seu chefe demonstra que seu empregador tinha uma boa competência profissional, apesar da sua formação, mas que poderia ser perdida, caso ele decidisse modificar sua imagem, demonstrando mais uma vez o atravessamento ideológico de preconceito do empregador. O empregado, por sua vez, deveria estar ciente das quais consequências que a marcação extensiva poderia acarretar, caso ele decidisse fazê-la e continuar investindo na sua área de atuação profissional.

Aliar a sua posição profissional ao seu desejo só seria possível, caso ele investisse em um curso superior, como disposto em outro trecho, em que a formação acadêmica é colocada em um patamar máximo para dar direito à liberdade pessoal.

[...], mas mesmo assim eu fiz, eu era porra louca, mas não fiquei com isso na minha cabeça. E o tempo passou e eu saí dessa empresa, procurei um outro trampo, tive dificuldade realmente de achar trabalho por causa disso e por causa de alargadores, coisas relacionadas à tatuagem, que é a tatuagem e piercing.

O tempo passou, eu virei tatuador e tô aí até hoje, mas ainda levei comigo o que meu patrão me disse. Então hoje, eu vejo muito jovens louco pra pegar o primeiro salário e se encher de tatuagem. Cara, eu aconselho você a fazer uma tatuagem pequena, pode ser até grande, pode ser até fechamento de costas se você quiser algo grande, mas faça num lugar onde não seja visível no seu trabalho.

Cê não tem uma faculdade, você não tem um curso técnico, você pode até estar fazendo, mas não concluiu ele, então vai com calma. Se você quer realmente se forrar de tatuagem, virar um gíbi humano, faça uma faculdade, termine a faculdade, faça um curso técnico [...]

Trecho do vídeo “TATUAGENS E DIFICULDADE DE ARRUMAR EMPREGO” do canal  
*Michel Moraes.*

Ao decidir colocar o desejo pela tatuagem e pela sua autenticidade em primeiro plano, o enunciador se deparou com o estigma pelo qual passa o sujeito que não possui o corpo naturalizado. Tais decisões relatadas a partir da análise do seu discurso demonstram tomadas de posições categóricas e a necessidade de perpassar tal imagem para seu interlocutor, o internauta, o que pode vir a se identificar com a resistência na tomada de posse do corpo e instigar o um narcisismo do corpo.

Sobre o papel do discurso como forma de os sujeitos enunciarem seus corpos marcados, Ferreira (2014, p. 417) comenta que os símbolos que são gravados no corpo podem ser vistos a partir de uma metáfora da sela, na perspectiva darwinista, onde “ocorre uma constante luta entre os mais fortes e os mais fracos [...]”. A ideologia perpassada pelo efeito de sentido no discurso do enunciador pode ser associada à metáfora apresentada acima, por representar uma tentativa de sobreposição da sua força pessoal, vista na figura da prática da tatuagem em um ambiente onde esta foi proibida, confrontando o que aqueles que estariam na figura do mais forte em seu contexto profissional de vida, que é o caso da empresa enquanto instituição e do seu patrão, aquele que lhe dirige as normas de conduta para que ele permaneça nas mesmas.

Cabe ressaltar que este vídeo se enquadra também em uma parte do *corpus* relacionada às marcações extensivas. De todo modo, ter não somente tatuagens extensas, mas também *piercings* ou alargadores aumenta a barreira que surge entre a oportunidade de primeiro emprego e o jovem que está começando sua trajetória. Com base nesse problema e frente a identidade que empurra esse indivíduo para a exteriorização física da construção do eu, o

enunciador produz um discurso de manutenção da imagem do corpo tatuado e da prática propriamente dita, para que na atualidade as marcas de transgressão sejam associadas apenas a memórias de décadas atrás.

Isso possibilita atentar ao fato de que o jovem está mais cuidadoso e buscando estratégias de se colocar em um centro social de naturalização do corpo marcado. O trabalho e a carreira vêm aparecendo em primeiro plano, para que após a conquista desse espaço, se consiga ocupar um lugar social de dentro de um núcleo predominante para fora. Ademais o sentido pelo qual se faz uma tatuagem e um *piercing* se enquadre em maior proporção no campo da estética do que da rebeldia e de grupos sociais que no passado contestaram arduamente por questões políticas gerais. O discurso do *youtuber* aponta para um horizonte em que se possa vislumbrar o corpo marcado como um novo padrão estético e identitário do belo e do aceitável, que caminha ao lado dos bons comportamentos cívicos, morais e corporativos.

Através de uma forma de “amparo” para quem assim como ele está se inserido no mercado de trabalho, se destaca a sugestão da busca por uma formação acadêmica, sobretudo o curso superior para que haja possibilidade desse indivíduo abrir seus caminhos profissionais, obter prestígio profissional e dinheiro, além de não ficar subordinado aos moralismos sobre o seu corpo.

Nesse sentido, depara-se com a busca pelo saber científico com uma fonte produtora de capacitação máxima, tendo como outra alternativa o curso técnico. Contudo, o curso superior ainda é visto, a partir do discurso do enunciador, como uma fonte de conhecimento incontestável e que coloca o sujeito em sociedade em uma posição privilegiada, mesmo quando este foge aos padrões preestabelecidos corporalmente pelas esferas, como é o caso citado no vídeo anterior da Laah Chaar, em que a convenção de tatuagens contou com a presença de juízas *youtubers* tatuadas.

A partir das análises, mais uma vez se faz presente a noção de um sujeito heterogêneo sobre o qual a Análise do Discurso se debruçou em suas fases mais recentes, assim como na Teoria da Enunciação. A retomada dos dizeres e das ideologias que os enunciadores empregam na constituição dos seus discursos denunciam as diferentes identidades, como no caso das juízas que também estão no contexto do mercado de trabalho, mas que demarcam as várias faces das identidades múltiplas que são representadas: o sujeito mulher, sujeito tatuado, o sujeito jurista, o sujeito *youtuber* etc., para além do que já foi pontuado no vídeo do canal Michel Moraes.

Segundo o enunciador do último vídeo analisado, ele não chegou a cursar nenhum dos cursos citados, principalmente o superior, o qual ele tanto usou como base para sua argumentação e acabou recorrendo ao trabalho como tatuador em via alternativa para sua liberdade criativa e ostentação pública e profissional do corpo. As marcações extensivas comentadas como de profundo desejo pelo enunciador podem ser observadas na figura a seguir. Ela foi retirada do vídeo em análise e é possível notar como os desenhos se apresentam em áreas visíveis, apesar de ele estar usando uma camiseta de manga.

**Figura 7** - Imagem extraída do vídeo “TATUAGENS E DIFICULDADE DE ARRUMAR EMPREGO” do canal Michel Moraes utilizada para demonstrar uma de suas tatuagens visíveis no pescoço



Fonte: *YouTube* (<http://youtube.com>)

Dando continuidade ao contexto sobre tatuadores e, em seguida, falando sobre corpos marcados em outras profissões, serão analisados a seguir os vídeos intitulados “HISTÓRIAS REAIS DE TATUAGEM – PROFESSORA” do canal *TATOOINBOX* e “TATUAGEM X EMPREGO – MISCHA LEMOS” do canal *Mischa Lemos*, pois ambos os vídeos abordam a problemática sob o olhar do sujeito professora, especificamente no trabalho com crianças e a maturidade em lidar com as questões do corpo marcado feminino.

Com relação ao vídeo “HISTÓRIAS REAIS DE TATUAGEM – PROFESSORA”, o canal não pertence à enunciadora do vídeo, mas sim ao tatuador que é dono do estúdio onde ela fez suas tatuagens. Então, ela foi convidada por ele para falar sobre sua experiência com a

tatuagem e sua relação com o trabalho de professora infantil. Em sua narrativa em primeira pessoa, ela descreve o que a motivou a fazer marcações e discorre sobre qual simbologia ela gosta de carregar em sua pele.

Eu sou a Raquel Stapassoli, tenho 37 anos, sou atriz arte educadora, professora, vivo em sala de aula, em palcos de Curitiba com a banda Tupi Pererê e que queria muito uma tatuagem. Qual tatuagem? Algo que significasse algo pra mim assim, então eu pensei nas máscaras do teatro. Peguei uma amiga que tinha feito uma tatuagem e eu falei assim:

-Ai quem que fez?

Ela falou assim:

-Olha, quem fez foi o Alexandre Prim.

Fui lá e a esposa dele me atendeu, fez vários questionamentos, sobre as máscaras do teatro, o que eu gostava, o que não gostava, do que eu trabalhava, enfim [...]

Trecho do vídeo “HISTÓRIAS REAIS DE TATUAGEM - PROFESSORA” do canal *TATOOINBOX*.

A vida dessa professora é fortemente dividida entre a arte e o magistério, condição que a levou a buscar a tatuagem como uma via de registrar na sua pele aquilo que ela tem prazer em fazer. A tatuagem, para além de uma característica que agrega destaque, por vezes negativo, quando mais uma vez resgatamos a memória discursiva sobre o histórico da sua difusão, é algo almejado pela enunciadora como produto de consumo, através do qual ela poderá modelar com a ajuda de um profissional os símbolos que ela deseja associar com sua vida para expor visualmente, para apresentar aqueles que cruzam com ela, algo que explicita sua identidade. Por isso, fica claro na sua interação com sua amiga o desejo de ter o corpo marcado com um significado específico, recorrendo às imagens de máscaras do teatro.

A descrição de todo o processo como escolha do local onde faria tatuagem segundo a recomendação da amiga, deixa claro como a busca pela atividade se assemelha a catalogação de qualquer outro produto que o sujeito pode encontrar através de pessoas próximas, de anúncios ou listas na internet. O estúdio de tatuagem, nesse aspecto, também tem peso importante nas tomadas de decisões, pelos profissionais estarem buscando melhorias que vão desde a higienização do ambiente e dos instrumentos até um atendimento agradável, contemplando também aqueles que pertencem a grupos sociais com melhor poder aquisitivo e notoriedade intelectual, como apontam Pedro e Aguiar (2016).

Os autores comentam sobre a mudança no paradigma da marginalização a partir dos anos 80, devido à procura pela marcação corporal que não somente pessoas pobres ou excluídas buscam, mas também outros grupos sociais. Mesmo trabalhando com crianças, a escolha pela tatuagem como uma representação do eu é atravessada por uma nova concepção do que é belo, que vai além do estatuto tradicional de corpo asséptico. Sobre essa perspectiva, lê-se o seguinte:

Hoje, a tatuagem é apresentada como marca de embelezamento do corpo, há um deslocamento da imagem associada à marginalidade. São movimentos, discursos, transformações marcadas na pele contribuindo para um sentimento de pertencer a si, de identidade do sujeito. O corpo é tomado como suporte da arte, é transformado em “tela” que divulga, produzindo efeitos de sentidos. Há traços investidos pela ideologia do consumismo, do capitalismo. (SANTOS, 2016, p. 46)

O sentido da arte enquanto produto de consumo é duplamente fortalecido pela simbologia que será empregada na pele da enunciativa em forma de tatuagem e da própria tatuagem como serviço de consumo. Ambas as visões representam a tomada de posse do corpo e daquilo que pode ser introduzido nele, modelado pela ideologia capitalista que leva os sujeitos a buscarem cada vez mais o que consumir, indo muitas vezes além do aspecto material, mas enxergando-a como instrumento que agrega sentido às novas formas de existência.

Além dos estudos que dão suporte para associar as atitudes dos sujeitos na sociedade de consumo à tatuagem e a posse do corpo, tomando como base o que é inferido no discurso, se deve atentar também às figuras para realizar tais inferências e a postura física que a enunciativa adota ao dirigir-se aos profissionais da marcação corporal, cumprimentando, negociando as imagens, realizando um apanhado de interesses pessoais dela e a interação corporal no momento em que a narração acontece ao fundo, como se um importante acordo comercial estivesse sendo fechado.

Segundo a enunciativa, a qualidade do serviço fez com que ela procurasse o profissional mais uma vez para fazer outros desenhos em outras partes do seu corpo, emergindo assim a



discussão em torno da escolha da simbologia imagética e do seu trabalho desempenhado com crianças.

Gostei tanto da mão do tatuador, que já marquei, falei “ah, mais uma tatuagenzinha no braço, né, não faz mal a ninguém” [...]

Eu falei:

-Ah, eu gosto de bruxas.

Quando eu falei que queira bruxa, ele falou:

-Poxa, cê trabalha com criança, é isso que você quer? É isso que você gosta?

Eu falei:

Não, cê não tá entendendo, eu quero, eu amo isso [...]

Trecho do vídeo “HISTÓRIAS REAIS DE TATUAGEM - PROFESSORA” do canal *TATOOINBOX*.

Durante essa escolha, o questionamento, feito pelo próprio tatuador, em fazer uma tatuagem e trabalhar com crianças não foi pela marcação na pele de forma geral, mas sim qual desenho que seria materializado através dela. A escolha da enunciativa em fazer bruxas após o desenho das máscaras poderia gerar associação negativa em relação a ela pela imagem de um vilão muito comum nas histórias infantis, tendo em vista a criatividade do público infantil. Apesar disso, a enunciativa se coloca bastante enfática discursivamente demarcando um novo lugar de fala de sujeito que descobriu uma nova forma de existência e de autorrealização ao marcar o seu corpo, que segundo o seu tatuador, se encontra com 30% da sua superfície coberta com desenhos.

Em certa medida, o vídeo poderia ser classificado também como uma forma discreta de fazer uma propaganda do trabalho do tatuador, pois o vídeo foi publicado no seu canal, para falar de diversas problemáticas sobre o tema. Por outro lado, o discurso da enunciativa em forma de narrativa e o diálogo com seu tatuador demonstra um movimento de ressignificação da sua personalidade que é protagonizada não apenas pela reconstrução da sua imagem, mas também pelos argumentos e um relato aparentemente leve e motivacional. Contudo, eles demonstram desafios a serem enfrentados diariamente pelas pessoas que decidem levar a vida de tal forma, quando se observa o trabalho docente, principalmente com crianças, em que o

jogo discursivo pode ser crucial para evitar determinados tabus e a dar também suporte para que a competência do profissional seja mantida.

Não interfere na vida profissional. Acredito eu, quero acreditar que não seja julgada por isso, porque quando eu falo da minha profissão, eu amo o que eu faço, meu olho brilha. Eu posso dizer que eu sou muito realizada na minha profissão [...] acho que não é um desenho no corpo que vai interferir na minha profissão.

Trecho do vídeo “HISTÓRIAS REAIS DE TATUAGEM - PROFESSORA” do canal *TATOOINBOX*.

Pode ser ainda observado no discurso da enunciadora que ela não recorre, por exemplo, a fontes oficiais ou dados estatísticos que representem o olhar da sociedade sobre o corpo marcado do professor. Fica bem explícito que ela lida com uma posição em primeira pessoa de sua argumentação à medida que ela atribui sentimentos e crenças através de falas como *acredito eu* ou *eu amo o que faço, meu olho brilha*. Isso demonstra ainda que se um dia foi necessário se respaldar em argumentos que pudessem de alguma forma resguardar sua integridade moral, caso ela fosse diluída pela prática da tatuagem, atualmente existem casos como o representado no vídeo em que a “inversão” do discurso serve para reafirmar a identidade de um sujeito anterior ao exercício profissional. Esse ponto de vista assegurado pela enunciadora é diferente do caso do vídeo anterior, onde o processo de marcação do corpo foi deixado em segundo plano, para ser priorizado o contexto profissional. O ponto de discrepância para os motivos dos posicionamentos acabou sendo a faixa etária, onde possivelmente a enunciadora do canal *TATOOINBOX* já tem uma profissão estabilizada, apesar de trabalhar também como um público delicado.

A abertura de um espaço, como no caso de um canal no *YouTube*, pode espelhar na modernidade, um espaço de identificação com o que está sendo enunciado nos vídeos e dar visibilidade para os enunciadores demonstrarem que há possibilidade para sujeitos com marcação corporal extensiva ou mais simples ocuparem os espaços e demonstrarem que são cidadãos. Em outras palavras, que se possa permitir que apesar das identidades diversificadas, se possa falar sobre quem são e sobre a dedicação que há naquilo que se faz, sem a necessidade de ser julgado pelo que aparenta ser.

Em um dos momentos do vídeo, uma parte das tatuagens da enunciativa fica à mostra, enquanto ela interage com as crianças que ela ensina em seu ambiente de trabalho. O momento, por si só, pode ativar a memória discursiva de quem a vê, por não ser uma situação comum de uma pessoa muito tatuada trabalhando com crianças. Podem pairar na mente de quem tem contato com essa figura, as formações discursivas sobre os tabus do ideal de professor para se trabalhar com crianças. Algumas dessas formações podem reforçar o preconceito sobre a necessidade de um corpo asséptico, sem nenhuma marcação, devido a crença que a criança pode ser “influenciada” por determinadas condutas e escolhas do seu tutor. Essa pode ser uma das perspectivas que se chocam com o discurso da professora, fazendo com que ela se coloque em um lugar de resistência e ao mesmo tempo de liberdade do seu eu e da sua identidade.

No último vídeo a ser analisado nesta seção, a enunciativa discute sobre elementos que estão presentes nos outros vídeos e que giram em torno do tema emprego. No decorrer do vídeo, ela apresenta sugestões de como balancear a profissão com a resistência deste ambiente com o corpo marcado. Ela apresenta uma listagem de opções para evitar algumas situações desagradáveis e se o sujeito estiver querendo fazer alguma tatuagem e esteja com dúvida sobre o impacto disso em sua vida profissional. O discurso da enunciativa Mischa Lemos é direcionado de forma explícita aos seus internautas, se referindo a pessoa da interlocução que está assistindo ao vídeo, como problemáticas que devem ser pensadas antes de alguém fazer alguma marcação corporal.

Desde opções como não fazer uma tatuagem, fazer uma tatuagem escondida, fazer uma tatuagem sem se importar com as consequências ou fazer sabendo com qual área de atuação o sujeito quer trabalhar, a enunciativa diz se identificar com a última opção, pois ela já sabia que trabalharia com a área de humanas.

Novamente surge a questão da flexibilização da inserção do sujeito marcado no mercado trabalho através do caminho do curso superior. A enunciativa acreditou ter uma maior aceitação devido ao seu campo científico, dado ao fato de as ciências humanas compreenderem melhor as questões introspectivas e sociais do ser humano e possuir estudos voltados para a relação entre os indivíduos e com os fenômenos sociais. Os elementos indicados por ela neste discurso são ilustrados nos casos de alguns estudos que foram utilizados como base para o referencial teórico, em que a Antropologia, Sociologia, Psicologia etc. serviram de subsídios para remontar a trajetória histórica do corpo, norteando os caminhos para as presentes análises.

A enunciadora relata que não enfrentou nenhuma restrição ao trabalhar como professora para crianças, exceto pelo *piercing* que ela utilizava na boca, para que não influenciasse as crianças a colocar objetos pequenos e terem complicações, o que pode ser verificado a seguir:

Pra mim, isso nunca foi um problema, nunca foi uma coisa que eu pensei: “poxa, será que eu vou tatuar minha mão, isso pode me impedir de conseguir emprego?”

Isso nunca passou pela minha cabeça, eu sempre tive certeza absoluta que o que eu ia fazer, o que eu queira fazer, tanto na fotografia, filmagem ou até pra dar aula, que eu dou aula até hoje, tanto particular quanto na escola da minha filha...eu também sou tradutora, né de uma empresa e isso nunca me prejudicou, as minhas tatuagens ou o fato de eu ter *piercing* ou enfim...

Lógico que eu acho completamente errado o fato de você não conseguir um emprego ou ter, ser obrigado a pensar nisso, se você vai ou não se tatuar, por causa de um emprego. A gente tá em pleno século XXI, as pessoas ainda julgam muito a gente ou as pessoas tatuadas por serem vagabundas, por não gostarem de trabalhar, por serem vândalos e sei lá, etc.

Trecho extraído do vídeo “TATUAGEM X EMPREGO – MISCHA LEMOS” do canal Mischa Lemos.

No trecho acima, não muito diferente dos outros vídeos desta seção, é recorrente a citação da palavra “preconceito” e uma tentativa de conceituá-la, a fim de especificar o sentido da sua utilização de acordo com o tema do vídeo. Novamente, esse termo é citado como um problema, mas se destaca o fato de que neste trecho em questão e no decorrer do vídeo, não são levantados fragmentos de discursos de outros sujeitos como forma de embasar seu ponto de vista para os conselhos que ela dá.

O que pode ser percebido é que são antecipadas formações imaginárias que dizem a respeito da marcação corporal em relação a sua profissão e nesse sentido, ela introduz seu próprio pensamento na forma de um discurso relatado. Apesar de a enunciadora não apresentar marcas explícitas de discursos que emanam de outros lugares sociais, é possível observar que o que ela materializa na reflexão: *poxa, será que eu vou tatuar minha mão, isso pode me impedir de conseguir emprego?* em forma de discurso relatado, é uma formação discursiva que se constituiu historicamente através de um interdiscurso do ideal de corpo dentro o mercado de trabalho e que ainda se perpetua ideologicamente.

As condições sociais e de vida dessas pessoas que se colocam discursivamente nesses vídeos são bem distintas e a própria frase da enunciadora destacada no parágrafo anterior diz sobre uma realidade específica onde é feita uma suposição do que viria a acontecer como consequência de marcar o corpo. Entretanto, como materializado no seu próprio discurso onde

ela diz *isso nunca me prejudicou, as minhas tatuagens ou o fato de eu ter piercing ou enfim...*, nota-se o privilégio em não ter sofrido proibições ou enfrentado qualquer outra barreira que lhe causasse algum estigma social, o que fica bem evidente nos outros vídeos em questão. O que se destaca, então, é que sua decisão incisiva em colocar tatuagens e *piercings* aponta para uma condição socioeconômica confortável, através da qual ela dispõe de uma gama de possibilidades de trabalho e não a coloca em um dilema conflitante a ponto de postergar sua marcação corporal ou solicitar autorização a algum chefe no emprego, como no caso do vídeo do canal *Michel Moraes*.

De forma geral, os *youtubers* que discorrem sobre marcação corporal e trabalho se colocam sempre empáticos com os demais sujeitos do seu grupo, tentando sempre construir uma imagem positiva através dos seus discursos, explorando as qualidades do sujeito e focando na medida do possível nas suas habilidades pessoais. No caso da *youtuber* do vídeo em questão, as atividades profissionais estão ligadas ao campo da docência, da comunicação e da fotografia. Percebe-se o efeito de sentido de como o fato dela ser professora e dar aula na escola da filha reforça o caráter de seriedade no seu discurso, já que o fato de ser mãe e pai carece de muita responsabilidade e além de dar educação doméstica para sua filha, a educação formal para ela e as demais crianças seria uma forma de compensar as suas marcações tão visíveis, por ser considerado por algumas pessoas como algo negativo, como as do rosto, nos braços e nas mãos, representadas na figura abaixo extraída do vídeo:

**Figura 8** - Imagem retirada do vídeo “TATUAGEM X EMPREGO – MISCHA LEMOS” do canal Mischa Lemos.



Fonte: *YouTube* (<http://youtube.com>)

As tomadas de posição discursiva, de contestação e de incentivo a posse do corpo dialogam com ideais de modernidade e individualização em que o sujeito está inserido, tomando como parâmetro o século XXI, recorte histórico que é citado pela enunciativa e é contestado o fato de que ainda nesse período, pessoas que fazem tatuagens e *piercings* ainda são referidas como “vagabundas”. A construção da identidade que é percebida no jogo discursivo, na tentativa de aproximação com seu interlocutor remete a discursos referentes a práticas sociais em relação ao corpo como forma de esse indivíduo se sentir sujeito, como aponta o interdiscurso na Análise do Discurso. Na perspectiva antropológica do corpo, se observa o seguinte:

Conforme vimos, em uma estrutura social de tipo individualista, a persona toma consciência dela mesma como figura realizada, bem delimitada em sua carne, fechada nela. O corpo funciona como um limite de fronteira, “fator de individualização” (Durkheim), lugar e tempo da distinção. (LEBRETON, 2013, p. 242)

Apesar da perspectiva da Análise do Discurso observar a materialidade ideológica de forma inconsciente, ou seja, o sujeito não ser dono do seu dizer e não ter consciência que é interpelado ideologicamente, tal como acreditar ser o dono desta ou daquela formação discursiva, como afirmam Pêcheux e Fuchs (1997c); a teoria antropológica considera a inserção do sujeito na sociedade individualista de forma consciente da sua identidade empírica, pois este percebe que possui um produto (corpo) a sua disposição e neste sentido constituir-se no que LeBreton (2013) chama de sujeito-corpo.

Contudo, ao se fazerem as análises em que se tem uma teoria materialista do discurso como base principal de suporte, é possível observar o marco teórico no qual a história se inscreve na língua de forma mais contundente e esse aspecto se alinha com o que Pêcheux (2010) postulou sobre o papel da memória, como já comentado, em que essa memória emerge nos discursos trazendo à tona acontecimentos, retomadas ideológicas daquilo que já foi feito ou dito. A partir da constituição e organização das formações discursivas, todos esses acontecimentos da história que são registrados pela antropologia através de um recorte do

estudo da cultura humana se fazem atravessados nos discursos dos enunciadores e, que em uma ótica metodológica da Análise do Discurso, emanam de uma condição de produção específica.

Apesar das diferentes fases da Análise do Discurso distinguidas por Pêcheux (1997a) ao tratar seu objeto de pesquisa, o interdiscurso está sempre presente nos processos discursivos destes enunciadores que falam de um lugar social sobre um acontecimento na história, fazendo resgatar vozes, ideologias e identidades. Dessa forma, as análises desta pesquisa partem de um ponto de vista eminentemente discursivo, onde as contribuições das outras ciências se fazem presentes para compreender a história desse sujeito que se constitui no discurso e partir da língua para uma relação dessas formações discursivas com o lugar social.

Essa reflexão serve, por exemplo, para compreender os caminhos que levam o analista a compreender as formações imaginárias sobre a marcação do corpo na modernidade, em que há possibilidade de uma mulher ou um homem com o corpo marcado ter melhor visibilidade sobre seus modos de vida, desejos, filosofias, costumes, vestimentas e mesmo assim poderem gozar dos seus direitos de cidadão, principalmente o direito ao trabalho, independente da formação acadêmica, experiência profissional e principalmente do patamar de escarificação que ele carrega na sua pele.

De modo a sintetizar o que se destaca de mais evidente nesta seção, chama atenção o fato de que a tatuagem enquanto elemento estético se enquadra em um estilo burguês de vida que já vem sendo seguido ou desejo de seguir essa perspectiva de vida. Em outra mão, aqueles que fazem a marcação do corpo sem deixar claro o objetivo estético no viés de novos padrões de beleza, produzem em seu discurso uma imagem sobre as marcações corporais como um caminho de fugir da ordem social e não de se integrar em uma cultura de massa.

Em suma, apesar dos pontos de vista dos enunciadores, que vem a ser divergentes em alguns níveis, fazer uma marcação no corpo e ir em busca de um trabalho ainda se configuram como um desafio, a partir do que foi relatado pelos *youtubers* dos vídeos ao falarem de suas experiências e utilizarem a fala de pessoas que estão ao seu redor de forma direta ou indireta. Além disso, é notório o entusiasmo e a proatividade na qual eles mobilizam os exemplos, exibem suas vidas pessoais e seus corpos através de vídeos, para tentar driblar a presença dos estigmas e ressignificar a imagem daqueles que se assemelham a si, tendo o discurso como suporte.

Após as discussões acerca do mercado de trabalho, a próxima seção problematizará sobre como a saúde física e os cuidados com infecções tem lugar importante no cuidado com o corpo e quais são os efeitos gerados quando são resgatados alguns elementos da trajetória desse cuidado, após o surgimento da tatuagem e do *piercing*, além do significado da dor quando o sujeito recorre a essas atividades.

### **3.4 Marcações corporais, saúde e dor**

A marcação corporal enquanto uma prática que busca constituir uma identidade do sujeito através da exibição pública do corpo caracteriza-se como uma atividade complexa, que vai desde a provocação da dor através de outro indivíduo no seu próprio corpo de forma involuntária, até os riscos à saúde que isso pode acarretar.

A problemática do corpo marcado e sua relação com a dor é discutida por alguns estudiosos, dos quais alguns já foram citados no decorrer desse trabalho. Um deles é LeBreton (2010), que aproxima a discussão desse viés à preocupação com o jovem frente a amenizar as angústias, deixar sua marca no mundo de forma lúdica ou compreender a complicada fase de transição entre a vida infantil e a vida adulta. Desta forma:

A pele envolve o corpo, os próprios limites, estabelece a fronteira entre o dentro e o fora de maneira vívida, porosa, pois ela também é uma abertura para o mundo, uma memória viva. É um termômetro do gosto pela vida. Ela envolve e incorpora a pessoa distinguindo-a dos demais. É uma tela onde projetamos uma identidade sonhada, como no caso da tatuagem, do *piercing* ou das inúmeras maneiras de encenar a aparência que regem as nossas sociedades. (LEBRETON, 2010, p. 26)

Antes de adentrar aos aspectos discursivos relativos ao *corpus*, se faz importante investigar alguns precedentes para embasar discussões posteriores. Na ótica do que vem sendo analisado até agora, na relação corpo e marcas, é de consenso que a pele esteja compreendida como o palco da pessoa que busca por um protagonismo de forma incarnada. Da forma como LeBreton menciona, ela é a ponte entre os dois lados de uma moeda que dá um sentido à vida e permite que a identidade seja vivida na forma de uma projeção visual. Possuí-la, no sentido da individualidade e marcá-la é algo almejado, mas que para além dos estigmas já cristalizados,



há na perspectiva sensorial de quem se marca o desdobramento íntimo e a simbologia que gira em torno disso, que é o caso da dor e das consequências físicas que as marcações podem vir a acarretar.

Enquanto alguns adolescentes causam lesões no próprio corpo através da automutilação, por exemplo, a tatuagem e o *piercing* estariam, segundo o autor, no estatuto da livre criação e do diálogo que há entre o ideal identitário interno e identificações com o externo. Dessa forma, o público geral que é mencionado busca um protagonismo em uma forma diferenciada de viver a vida, através da experiência da marca.

Nos vídeos que compõem o *corpus*, encontram-se discursos que são atravessados pelas discussões dos parágrafos anteriores e indicam posições do sujeito e constroem formações discursivas ao relatarem sua experiência com a dor. Tomando novamente alguns vídeos já discutidos, foram destacados deles outras partes que dentro da temática geral, se alinham ao que se propõe discutir especificamente nesta seção. É o caso da segunda parte do vídeo “MEU PRIMEIRO PIERCING DOEU MUUUUITO” do canal *Julia Pontes*, já analisado, mas que em outro momento apresenta o seguinte:

A moça veio com a agulha e pá no meu nariz. Tá, e sobre a dor: foi horrível! Doeu muito! Sério, doeu muito, apesar de doer pra caramba, a dor é muito rápida, eu tentei contar pelo vídeo que vocês devem estar vendo neste momento, deu mais ou menos 7 segundos, mas assim, é os piores 7 segundos da sua vida!

Tá, eu furei, tava até mais tranquila, soltei até uma risadinha, só que daí vem a parte de passar o piercing. Tem gente que não sente nada nessa hora, mas eu senti uma dor pior do que furar. Sério, foi horrível, porque a moça tem que encaixar o piercing num pedacinho de plástico [...]

Trecho extraído do vídeo “Meu primeiro piercing doeu muuuuito” do canal *Julia Pontes*

A *youtuber* descreve toda sua experiência com muito entusiasmo, apesar do relato de toda a dor que ela sentiu, sendo descrita como “os piores 7 segundos da sua vida”. Neste sentido, a dor se assemelha a um espetáculo a ser protagonizado pelo enunciador, que tenta deixar claro todos os detalhes de um momento desagradável, mas cujo vídeo é direcionado para outros jovens que buscam este tipo de conteúdo.

Em um caminho eminentemente discursivo, é válido retornar aos estudos de Ferreira (2010) para compreender o sentido e os efeitos da dor, de forma a relacioná-los com o discurso da enunciativa do vídeo. Segundo o autor, no campo social da história, romper as fronteiras da

pele sempre foi um ato de obstrução com a consagração e legitimação da medicina. Historicamente, no ocidente, o homem se colocou à disposição de uma ciência especializada no cuidado com esse espaço quase sacro que o corpo, sobretudo para evitar as angústias que emanavam da carne, configurando a dor física.

Na passagem onde a enunciativa diz *Tá, e sobre a dor: foi horrível! Doeu muito! Sério, doeu muito, apesar de doer pra caramba, a dor é muito rápida*, de modo interpretativo, os adjetivos que são atribuídos à dor podem fazer algumas pessoas questionarem o que ainda leva esses indivíduos a não driblarem essa sensação física que, para alguns, é tida como insuportável que é o caso do que foi enunciado pela adolescente. Em contrapartida, a enunciativa relata em um sentido contraditório de satisfação: *Tá, eu furei, tava até mais tranquila, soltei até uma risadinha*. A partir do exposto, o que pode ser elucidado por Ferreira (2010), diz a respeito de práticas sociais e comportamentos que atravessaram a *youtuber* na forma de uma ideologia recorrente nos discursos daqueles que recorrem à prática da marcação corporal, quando eles enunciam sobre a dor ocasionada.

O que foi descrito pela *youtuber* no início do trecho suscita o resgate por essa memória histórica de como o ser humano ocidental lidava com a dor no passado, além das causas e desdobramentos da individualização do corpo e os novos ritos de dor como algo provocado voluntariamente. Visto a novidade estética que é marcar o corpo na modernidade, perspectiva também já evidenciada nos discursos dessa enunciativa em outra seção deste trabalho, é importante observar o seguinte comentário que se alinha às ideologias comentadas acima:

Na sua raiz grega, o termo *aisthesis* remete para uma compreensão mais lata do que é «sentir»: além da fruição do olhar, implica a dimensão propriamente carnal das sensações corporais, afecções, inclinações e capacidades sensitivas do corpo, traduzidas em estados emocionais vários. Ora, a marcação do corpo corresponde a uma experiência estética que se sente (na dor que implica) e que faz sentir (emoções como repulsa, fascínio, medo, desconfiança, curiosidade, etc.). (FERREIRA, 2010, p. 236)

Compreendendo o processo de individualização do eu, a dor da tatuagem o do *piercing* poderia ser compreendida simbolicamente como um novo caminho para o indivíduo de uma identidade que, anterior ao momento da marcação, era psicológica, mas passa a ser sentida e exteriorizada, com a sensação carnal de se injetar tinta na pele ou uma joia na epiderme. Esse ponto de vista, que é colocado pelo autor na citação acima, dialoga com a contradição

encontrada no trecho do discurso em análise, que produz um sentido relativo a ser necessário passar pelo pelos *7 piores segundos da vida*, a fim de celebrar uma mudança estética que coloca a desnaturalização do corpo em um campo de novo fetiche de consumo e de nova perspectiva de centralização dos padrões.

No momento do discurso em que a enunciativa diz ter soltado uma “risadinha”, após essa enorme dor que ela sentiu, é inferida uma quebra de paradigma da dor, quando ela se refere a uma marcação corporal para fins de embelezamento do corpo, considerando que a dor usualmente acarreta tristeza, choro ou desespero. A sensação usualmente tida e descrita como ruim, não se encerra no momento após a perfuração, ela é intercalada e sequenciada por outros processos como de colocar a joia, o canudo plástico que guia a joia etc., assemelhando-se a um ritual. Toda essa operação descrita em seu discurso recai sobre uma afirmação de Ferreira (2010, grifo do autor) conceituada como *suplemento da realidade*, através da qual, ao contrário de se negar a dor, por estar atrelada ao sofrimento a doenças, o indivíduo a intensifica como forma de estimular uma nova vivência de corpo e aflorar os sentidos para uma existência individual e realista.

Após essa descrição, a enunciativa recorre a outros dizeres provenientes de experiências de outros sujeitos que se assemelharam a dela como um parâmetro da dor que é sentida no momento da perfuração, contudo, essas informações parecem não a intimidar, e mesmo assim recorre a prática da colocação do *piercing* no septo, compreendendo a dor como uma das maiores certezas do procedimento, mas que será compensada pelo resultado esperado em ganhar visibilidade sobre seu corpo.

Depois dessa etapa do procedimento, a enunciativa discorre sobre o resultado do seu tão esperado *piercing*, o qual proporcionou alguns equívocos.

Cheguei em casa toda feliz porque finalmente eu tinha colocado piercing no nariz, só que daí eu fui ver e o piercing tava torto [...]

Aí eu fiquei desesperada, escondi o piercing e daí minha mãe ligou no estúdio pra ver se eles podiam fazer alguma coisa. E daí eu fui lá, a mocinha foi muito legal comigo e aí ela ajeitou o furo [...] mas aí dessa vez não doeu nada, foi bem tranquilo. Então se acontecer com você de seu piercing ficar torto, dá uma ligadinha no estúdio que você furou pra ver se eles podem te ajudar né, porque daí foi o que eu fiz.

Trecho extraído do vídeo “Meu primeiro piercing doeu muuuuito” do canal Julia Pontes.

Apesar das etapas do procedimento terem sido como esperado, o resultado foi insatisfatório, pois o *piercing* da *youtuber* ficou torto. Percebe-se que quando ela fala sobre ter ficado desesperada e escondido o *piercing*, o corpo parece estar na fronteira entre a padronização e a autenticidade, já que apesar de seu corpo, a partir de então, ter uma peça de metal para simbolizar sua nova identidade, ela prefere não o expor, por este não estar fixado de maneira correta. Compreende-se que ela não quer apenas fazer qualquer perfuração aleatoriamente, mas se encaixar em um novo padrão que é estabelecido dentro dos grupos daqueles que possuem marcação corporal, ou seja, o formato e a posição daquilo que é desenhado ou inserido no corpo deve estar alinhado e contextualizado.

Surge então, a figura do estúdio de tatuagem e a ressignificação do ambiente onde o sujeito se dirige para fazer algum tipo de marcação corporal, mais comumente, a tatuagem e o *body piercing*. Mas antes de discutir sobre os cuidados que são tomados atualmente e a atenção dada ao cliente, vale retomar alguns esclarecimentos de como era feita a tatuagem, por exemplo, quando a profissão não era regulamentada, nem existia legislação para a prática.

Cabe ainda retomar os pressupostos da medicalização e a grande influência que esse campo de atuação ainda possui, para que os estúdios de tatuagens tenham a aparência muito semelhante à de uma sala de cirurgia, sobretudo pela regulação dos órgãos sanitários pertencentes ao estado. Esse ponto de vista é sustentado por Ferreira (2010) que diz o seguinte:

Alguns recursos utilizados no processo de perfuração (como, por exemplo, seringas, agulhas, ou luvas descartáveis), alguns elementos presentes no estúdio (a utilização de batas brancas por parte dos profissionais ou de Marquesas para deitar os clientes), bem como ainda o discurso *aftercare*, invocam efetivamente um cenário medicalizado. (p. 244)

Os elementos mencionados, muito comum em clínicas e hospitais levam o lugar a produzir o que o autor chama de assepsia, o que leva o cliente que deseja se marcar a ter uma segurança e dar credibilidade ao profissional que tem ainda o dever de fazer a manutenção da imagem do espaço que se marca o corpo, já que a falta de higienização acarreta ainda problemas de ordem infecciosa. Ao final do trecho, a *youtuber* se refere ao profissional de tatuagem como “mocinha”, alegando cordialidade e atenção dessa parte, condicionando boa imagem ao estabelecimento como um todo, além de sugerir o contato com algum profissional que

porventura, faça alguma modificação no corpo do internauta, sustentando o discurso do *aftercare* mencionado por Ferreira. Essa parte do trecho se desdobra em uma organização linguística, relativa à teoria da Enunciação, que se estende para outro momento do vídeo e será comentado adiante.

Pedro e Aguiar (2016) apontam a rejeição inicial em relação à prática de marcação do corpo, pelas condições insalubres em que eram feitas e nas quais os materiais eram submetidos, tornando mais fácil o risco de contaminação. Jeha (2019), ao fazer uma reconstrução histórica da tatuagem, comenta sobre o marco inicial dessas práticas, através de comentários médicos, jornalísticos e prisionais, tendo os marinheiros como aqueles que popularizaram a tatuagem no ocidente. “Aparentemente, a técnica mais utilizada, antes das máquinas de tatuar, consistia em fazer pequenos furos na pele com três ou mais agulhas amarradas.” (JEHA, 2019, p. 23)

A regulamentação dos estúdios de tatuagem, tal qual a expansão da rigorosidade sanitária, se intensificaram a partir dos anos de 1980, devido às epidemias de AIDS, levando os profissionais desses estabelecimentos a adotarem medidas de higienização, como aponta Pereira (2016). O impacto dessa fiscalização, estimulada pelos órgãos de saúde, demonstra influência sobre o discurso que é proferido no vídeo, tendo em vista que tal movimento ajuda o cliente a ter confiança e dar credibilidade ao profissional que, além do estigma que as doenças infecciosas ainda proporcionam, causando um medo, levam os indivíduos que marcam seus corpos a buscarem cada vez mais qualidade nos serviços procurados.

Essa problemática se faz presente não só neste material em análise, mas também no vídeo “MINHAS modificações corporais | Experiencias e explicações :D” do já mencionado canal *Maryanne Davila*, escolhido para compor o *corpus* desta pesquisa, por trazer uma discussão mais específica sobre os cuidados em relação à saúde do corpo marcado, considerando que a *youtuber* que enuncia nesse vídeo tem marcações extensivas e recorreu à prática do *eyeball tattoo*.

Retoma-se o seguinte trecho do vídeo do canal *Julia Pontes*, para após as análises, amarrar as discussões ao outro vídeo mencionado acima:

Quando você fura o nariz é preciso também ter alguns cuidadinhos em casa. Uma vez por dia, você tem que lavar o seu piercing com sabonete antibacteriano.

Trecho extraído do vídeo “Meu primeiro piercing doeu muuuito” do canal *Julia Pontes*.

Além do incentivo à prática de limpeza com sabonete para retirar as possíveis secreções e manter o local seco, também é indicado o uso de *spray* antisséptico para cicatrização e evitar proliferação microrganismos. Ao lado do cuidado com as doenças infecciosas, o tratamento pós perfuração pode ser observado por uma ótica de manutenção da imagem do corpo, uma vez que a prática da marcação corporal tem como uma das intenções as formas de embelezamento do corpo.

Partindo do pressuposto das características textuais que seu discurso possui, como de manual de instruções para de como proceder na procura de um estúdio e como lidar com a dor, é evidente como o *aftercare* é retomado inserindo o tu da enunciação dentro da experiência relatada. No trecho anterior em que a enunciadora diz *dá uma ligadinha no estúdio que você furou pra ver se eles podem te ajudar né* e de forma mais evidente em *Uma vez por dia, você tem que lavar o seu piercing com sabonete antibacteriano.*, seria possível pressupor uma debreagem enunciativa, caso a enunciadora estivesse se referindo a si na terceira pessoa do singular. Entretanto, no momento intersubjetivo que emana da sua interação com o público, ela se refere ao seu tempo da enunciação e a sua experiência na forma de um tu. Ela é a pessoa da enunciação que está entrando em contato com o estúdio, furando o nariz, higienizando o piercing, mas ela se coloca o tu da sua interação dentro da sua prática, como se esse sujeito estivesse fazendo todo esse processo e, na condição de produção que ela se encontra, construindo de um discurso altruísta, ela estivesse no papel de conselheira ou fiscal, vendo tudo do exterior enunciativo.

Essa estratégia que se mostra recorrente nos vídeos instrucionais e gera um efeito de aproximação do seu interlocutor para sua prática discursiva, fazendo com que o outro da interação consiga imaginar a experiência relatada e se sinta seduzido em ceder ao processo pela qual a *youtuber* passou. Isso contribui para uma imagem discursiva positiva sobre a marcação corporal para fins estéticos, já que o processo de assepsia se alinha ao do discurso médico, semelhante às recomendações de um processo pós-cirúrgico, mas com procedimentos simples e eficazes.

Atenta-se ainda, que o sujeito que possui o seu corpo naturalizado, ao fazer marcações corporais, deseja ter apenas a tatuagem ou o *piercing*, tratando-se de modificações invasivas, como prática de mudança da fisionomia do corpo, evitando assim o surgimento de cicatrizes chamativas, protuberâncias, desalinhamento de alguma parte do corpo por motivos de alguma infecção mais grave por pura falta de higiene. Portanto, o processo da forma como é descrito

ao mesmo tempo que é prazeroso e seguro, se demonstra ser específico e restrito em relação a classe de procedimentos invasivos.

No vídeo “MINHAS modificações corporais | Experiencias e explicações :D” do canal *Maryanne Davila*, encontram-se marcas discursivas que também dão indícios de preocupação com a destruição da fisionomia do corpo, devido a complicações causadas pelo material em lugares sensíveis, como é o caso da tatuagem que a enunciativa fez no seu olho. Por não se tratar de marcações corporais em um local comum como a pele, mas em outro órgão, são mobilizados sentidos de persuasão que dizem não somente sobre a integridade física, mas a amplificação dos estigmas morais que se desdobram do olhar sobre essa modificação severa.

Eu tive uma preparação antes, uns 3 meses antes eu fiquei preparando meu olho colocando soro fisiológico, essas coisas, então não foi de um dia pro outro. A recuperação é de uma semana. É muito tranquilo. Eu não enxergo preto, eu enxergo normal, eu só uso óculos porque eu uso grau desde criança. Mas não afetou em nada. É como se eu nem tivesse. É normal. Mas claro que você tem que, você sempre tem que procurar um bom profissional pra fazer se não mancha aqui e tal, pode não ficar bom, a tatuagem pode ficar uns resquícios brancos e tudo dependendo da cor que você quer, mas eu vou repetir: eu não recomendo você fazer, principalmente pelo preconceito [...]

Trecho extraído do vídeo “MINHAS modificações corporais | Experiencias e explicações :D” da *Maryanne Davila*.

Quando se recorre à trajetória da tatuagem e esta é comparada às práticas atuais de marcação corporal, é inegável a notoriedade que as marcações receberam e como se tornaram mais sofisticadas, devido ao material usado e a ousadia na sua inovação. A *youtuber* que fez o *eyeball tattoo* teve a necessidade de ficar preparando seus olhos com bastante antecedência, para realizar o procedimento com o tatuador, para ter a eficácia de uma tatuagem tão delicada e polêmica. Mesmo assim, essa iniciação é descrita como um importante procedimento estético que corresponde a uma realização pessoal.

A sua posição enunciativa se dirige sempre ao tu da interlocução, pontuando sugestões sobre todos os cuidados que devem ser envolvidos antes e depois do procedimento, contudo, ela não recomenda a realização dessa prática, possivelmente, por envolver a pintura de um órgão tão sensível quanto o olho, quando usualmente, pinta-se a pele. Ou seja, ela descreve e informa sobre sua experiência como forma de demarcação de um espaço e uma forma de dar visibilidade às pessoas possuem esse tipo de modificação nos olhos. No caso dela, a bifurcação da língua também é levada em consideração, apesar de não recomendar que aqueles que estão

assistindo ao vídeo façam essa mesma atividade por conta dos riscos do procedimento e dos estigmas dos estereótipos.

Apesar de a *youtuber* dizer levar uma vida normal, a questão da necessidade de um profissional de qualidade é endossada à medida que ela reforça em seu discurso imagens sobre o nível de marcação realizada por ela, que não é tão comum como outras já mencionadas e não se aproxima a um “centro” de padronização social. Essa observação pode ser verificada quando ela diz *Mas claro que você tem que, você sempre tem que procurar um bom profissional pra fazer se não mancha aqui e tal*, em que ela recorre a uma modalização deôntica através da expressão “tem que”, enfatizada duas vezes, para reforçar a extrema necessidade em procurar um serviço de qualidade e de não fazer as mesmas marcações corporais que ela.

Segundo Guiradelli e Santos (2010), a modalização deôntica está relacionada a presença de normas e valores de conduta no discurso, que se manifestam na interação. Entre elas, podem existir um sentido de obrigação ou permissão proferidos pelo enunciador. A partir do levantamento bibliográfico feito pelas autoras e apontado em sua pesquisa, esse tipo de modalização se correlaciona com a modalização epistêmica que diz a respeito do conhecimento sobre um conteúdo, que no caso do vídeo em questão proveniente do canal *Maryanne Davila*, aponta para um discurso de conhecimento através da intimidade com a prática.

Com isso, há uma representação do social que se exterioriza a partir da forma como ela organiza linguisticamente seu discurso, que diz sobre uma ideologia em torno de uma visão de corpo marcado, a qual dificilmente será aceita fora de grupos de pessoas tatuadas, como pode ser visto na passagem *mas eu vou repetir: eu não recomendo você fazer, principalmente pelo preconceito*. Verifica-se ainda como a condição de produção de seu discurso contribui para a organização da sua fala, de modo a persuadir e levar uma verdade ao seu público na condição de *youtuber*. O que é enunciado desse contexto produz um efeito interlocutivo para o tu do discurso de modo a fazê-lo enxergar uma guerrilha ideológica, ao mesmo tempo que sugere um afastamento desse sujeito discursivo da prática da marcação do corpo, como forma de proteção contra discursos preconceituosos.

Apesar desses efeitos de sentido, há ainda uma tentativa de desconstrução dos estereótipos que são delineados sobre a vida da pessoa com marcações corporais extensas e extremas, que recai na afirmação sobre o normal funcionamento dos seus olhos. É demarcada uma posição política ao protagonizar a forma como ela leva sua vida e do que ela teve que abdicar em nome



desse estilo de vida e, mesmo assim, demonstrar sentir-se feliz, apesar de estar constantemente sendo questionada ou sendo comparada a entidades malignas.

Com base nos conhecimentos acerca dos conceitos de interdiscurso e formação discursiva, compreende-se como o efeito da ideologia historicamente recai de forma tão incisiva nos discursos que abordam as questões de saúde e marcação corporal. De fato, verifica-se o fomento relativo a necessidade do cuidado no que concerne à saúde frente a doenças infecciosas graves e deformações irreversíveis da derme. Contudo a condição de *youtuber*, na qual os enunciadores dos vídeos se encontram, permite que seja feito um movimento de conscientização através do discurso e da ressignificação da prática, com a disseminação de informações sobre os processos de higiene, reiterando majoritariamente a boa imagem tanto sobre a tatuagem e o *piercing* quanto sobre o indivíduo que os fazem na modernidade.

Os discursos que recorrem às práticas de saúde e higienização geram um sentido além do simples fato de descrever uma rotina do corpo escarificado, eles funcionam como uma forma de apresentar aos internautas e, conseqüentemente, à sociedade, a regulamentação e a inserção positiva dos estúdios de tatuagens como estabelecimentos credenciados junto a entidades competentes, ajudando a inserir a profissão com devida seriedade no mercado de trabalho. Por isso, é importante demonstrar que há um controle de vigilância pública no combate às possíveis doenças infecciosas e que o cuidado pré e pós-marcação corporal são constituídos por um projeto elaborado na vida das pessoas, demonstrado atos individuais provenientes de reflexão, sendo estes últimos, compreendidos como um novo patamar de cuidado com o corpo, que não somente com profissionais da área da saúde, e que a *body modification* também contribui para o autocuidado em um novo conceito de embelezamento.

Pensar na relação da posse do eu pelos enunciadores como forma de narrar suas experiências, elucidar os demais indivíduos que os cercam e nas condições de produção em que eles estão inseridos, demonstram quão complexo é investigar discursos muitas vezes cotidianos, por vezes muito bem embasados, mas que atingem as massas e influenciam outros dizeres que partirão de outros sujeitos futuramente.

O confronto social pelo direito sobre a individualidade, a posse dos próprios corpos e o protagonismo das vidas de cada pessoa marcada estão presentes na maioria dos vídeos que constituem o *corpus* desta pesquisa. Além da simbologia e das interpretações que podem ser feitas com a análise das figuras retiradas dos vídeos, o discurso materializado na língua torna-se elemento fundamental para compreender a realidade desses sujeitos que decidiram renunciar

à naturalização imposta pela sociedade, em prol de uma ética de constituição moderna da identidade, tomando como parâmetro a perspectiva de Hall (2006). Cada sujeito fala a partir de narrativas das suas vidas, cruzando histórias e dizeres de outros sujeitos, para construir suas posições discursivas, as quais serão sistematizadas e organizadas no próximo capítulo, o qual tomará como base as análises e reconstruções sociais e discursivas, tal como imagens discursivas que já foram geradas nesse capítulo, a partir da problematização dos 10 vídeos que compõem o *corpus*.

Sendo assim, pretende-se mobilizar as formações imaginárias mais gerais que foram inferidas neste capítulo, a fim de dedicar um espaço mais específico a esse conceito e atender melhor ao objetivo geral e aos específicos. Será um capítulo breve, porém substancial e com teor pré-conclusivo em relação ao que foi investigado no *corpus*.

## 4 IMAGENS DISCURSIVAS QUE EMERGEM DOS VÍDEOS SOBRE MARCAÇÃO CORPORAL

Neste capítulo, serão sistematizadas as principais imagens inferidas no capítulo anterior, que dizem a respeito dos vídeos, através dos discursos sobre as marcações corporais dos *youtubers* sobre si mesmos enquanto indivíduos marcados e o desdobramento dessa relação discursiva com seu público.

Antes de partir para os pontos a serem observados sobre as imagens, é importante retomar as questões basilares do quadro das formações imaginárias, formulado a partir duma adaptação da versão original desenvolvida por Pêcheux (1997b), em que são observadas quais imagens emergem do discurso dos enunciadores a partir da interação entre os sujeitos. Sendo assim, este capítulo se será dividido em duas seções, através das quais, serão retomadas respectivamente as questões: “Que imagens os *youtubers* dos vídeos fazem de si próprios para falar sobre marcação corporal aos internautas?”, “Que imagens os *youtubers* fazem da marcação corporal para falar aos internautas?” e “Que imagens os internautas fazem da marcação corporal ao comentar os vídeos dos *youtubers*?”.

Na primeira seção, o objetivo será de retomar as imagens dos *youtubers* sobre si próprios enquanto sujeitos discursivos que tem a possibilidade de influenciar os pontos de vista de outros sujeitos sobre a tatuagem e o *piercing*. Estas imagens não são categóricas a ponto de estabelecer um critério geral comum a qualquer sujeito que fale sobre tatuagem e o *piercing* no *YouTube*, mas trazem dados substanciais que se relacionam às categorias de marcação propostas no capítulo anterior e ao período em que os vídeos foram publicados.

Na segunda seção, as imagens discutidas tomarão como foco o que os sujeitos dizem sobre a tatuagem e o *piercing*, seja ele o protagonista dessas marcações ou aquele que apenas comenta sobre o tema. Isso contempla os discursos de qualquer sujeito no espaço virtual que, na perspectiva do *corpus* oriundo do *YouTube*, proferiu crenças, opiniões e fatos sobre as marcações corporais.

Passa-se, então para as análises dessas imagens que serão retomadas a seguir.

### 4.1 Imagens formuladas pelos *youtubers* sobre si mesmos

De início, não poderia deixar de ser comentado sobre o já mencionado contexto de produção destes discursos, pois as características semelhantes a um manual de instruções atravessam boa parte dos vídeos que constituem o *corpus*. Esse é um elemento que recai sobre as imagens que os *youtubers* constroem sobre si, pois a forma como os discursos foram articulados os colocam na posição de conselheiros que sugerem, argumentam e ordenam determinadas normas de condutas e escolhas para seus interlocutores, a fim de que eles consigam driblar o empecilho pelos quais as pessoas tatuadas passam.

Nos casos em que não há de forma explícita uma sugestão de comportamento ou conduta para aqueles que desejam marcar seus corpos, surge um discurso direcionado aqueles que não concordam com a prática e que precisam parar de discriminar as pessoas com corpos marcados ou refletir melhor sobre a visão que recai sobre essas pessoas.

O que se sobressai, a partir dessas imagens provenientes do discurso direcionado para o internauta, levando em consideração as condições de produção, é que há uma polarização argumentativa, pois enquanto uma parte dos enunciadores adota o tom de aconselhamento para que o indivíduo marcado possa coexistir em sociedade com o mínimo de harmonia social, para outra parte, os discursos se inclinam para imagens de sujeitos revoltados com o fato de não serem aceitos por terem seus corpos marcados.

Essa organização de imagens a partir de duas perspectivas distintas de enunciadores foi exposta para articular melhor as imagens que surgem dos discursos, mas não elimina o fato de o mesmo vídeo poder produzir as duas imagens e do enunciadador conseguir articulá-las de forma coerente.

Destaca-se também, a partir da constante referência ao eu da enunciação, devido as narrativas de suas próprias identidades, um modelo de conduta a ser seguido. Entretanto, houve casos nos vídeos em que algumas experiências narradas apresentaram iniciativas a serem evitadas. Toma-se como exemplo, um caso que relaciona a tatuagem e o *piercing* ao mercado de trabalho e é sugerido que seja priorizada a carreira profissional em detrimento das marcações corporais. Em outro caso, a tatuagem sobrepõe os possíveis desdobramentos negativos que podem ser acarretados no ambiente de trabalho.

Percebe-se como as imagens que os *youtubers* constroem sobre si no aspecto referencial nem sempre é categórico, mesmo no interior do próprio *corpus*, ou quando se fala sobre o mesmo tópico, seja emprego ou marcações extensivas, por exemplo. Mas as experiências

narradas por essas pessoas nos vídeos propõem uma reflexão, principalmente para aqueles que não possuem nenhuma marcação corporal e pretendem fazer ou alguma marcação que seja sutil.

Independente da situação pessoal que é descrita pelo enunciador, a imagem sobre o eu desse discurso é sempre tecido no sentido de ressignificar a conduta da pessoa marcada pela tatuagem e pelo *piercing*. Esse caminho é traçado a fim de construir uma ideia de sujeito, no interior desses discursos, que segue uma ótica de alinhamento com a burguesia, que apesar das marcações, segue as normas de conduta, que é ser bem-sucedido com a família, com os amigos ou pelo menos que se coloca em uma posição de não aceitar não ser visto como um “bom cidadão” por causa de suas marcações.

Outra imagem gerada a partir dos discursos dos enunciadores, se refere a forma como eles enunciam a si mesmos enquanto grupo social que possui o corpo marcado, mas sempre se referindo a esse grupo como um todo, para dissertar sobre coisas que acontecem com eles. Esse caso se repete em todos os vídeos em que os enunciadores falam sobre alguma situação que ocorreu consigo e, em seguida, referem a si mesmos de forma objetiva, utilizando o termo “pessoas” ou “pessoa”. Esse tom de objetividade produzido ao se referirem às suas experiências faz com que haja um respaldo com seu interlocutor, de modo que se subtenda que aquela verdade sobre o que aconteceu consigo, devido ao fato de ter o corpo marcado, não seja apenas uma opinião, ou um caso isolado, mas um fato verídico, pois qualquer pessoa marcada distante deles pode sofrer qualquer efeito negativo proveniente da prática.

Por último, há ainda de se observar as imagens relativas às identidades que perpassam os discursos dos enunciadores dos vídeos. Em um retorno aos postulados de Stuart Hall (2006, 2010), é possível observar as características identitárias dos sujeitos com corpos marcados de uma forma não linear. A prática da tatuagem e do *body piercing* representa para os autores uma exteriorização de uma identidade que já se fazia presente nestes sujeitos, entretanto, quando eles se propõem a marcar seus corpos, a identificação com essa nova perspectiva de individualização passar a ocupar o lugar do eu na enunciação, devido ao fato de os sujeitos começarem a dissertar não mais sobre quem se marca, mas sobre si mesmos enquanto sujeitos marcados.

À vista disso, a tatuagem e o *body piercing* na modernidade não compreendem mais um grupo homogêneo, que faz uma etiquetagem simplista entre aqueles que possuem corpos naturalizados e os que não possuem. Em paralelo com esse traço característico de quem esses sujeitos são, existe o discurso do sujeito mãe, do empregado, do estudante, do adolescente etc.,

além das diferentes visões e normas de conduta que são proferidas ao longo do vídeo sobre qual identidade deve ser colocada em primeiro plano.

Esse panorama demonstra como essas identidades são conflituosas, mas a partir dos discursos analisados, os sujeitos enunciam a si mesmos como alguém que necessita constituir seu eu dessa forma, traçando estratégias e mecanismos que em curto ou longo prazo inserem a marcação do corpo como algo que fará sentido às suas vidas. Colocar as marcações corporais em um patamar de posse do eu e de legitimidade demonstra uma reorganização social progressiva que caminha cada vez mais para o âmbito estético, em detrimento ao da rebeldia. O que acontece, então, é um movimento conscientização para a aceitação da tatuagem e do *piercing* como um ornamento semelhante a maquiagem, adereços de pescoço, braço e orelha, perucas, entre outros.

Essa discussão vai de encontro às imagens que se pretende discutir na próxima seção, mobilizando mais especificamente aquilo que os enunciadores relatam sobre o conteúdo dos vídeos, como será visto a seguir.

#### **4.2 Imagens formuladas sobre a prática da tatuagem e do *body piercing***

Partindo do pressuposto das imagens discursivas sobre a tatuagem e o *body piercing*, destaca-se, como comentado ao final da seção anterior, um movimento de ressignificação da prática. Ao remontar os antecedentes históricos e marginalizados que recaem sobre a marcação corporal, principalmente ligados a criminosos e ao rompimento com uma moral sacra que envolvia o corpo, os enunciadores dos vídeos falam sobre o tema como um elemento essencial constitutivo da identidade na modernidade.

Os estigmas da tatuagem e do *piercing* são sempre retomados em todos os vídeos, onde é possível inferir que na maioria deles, o preconceito é um dos motivos basilares para que o sujeito explicita suas opiniões e argumentos em defesa da prática, em um canal do *YouTube*. Porém, como já mencionado anteriormente, a marcação do corpo passou por um processo histórico de mudanças sobre seu sentido. Isso se deve por dois elementos; o primeiro diz sobre a assepsia do estúdio de tatuagem juntamente com a capacitação profissional do sujeito tatuador; enquanto o segundo se relaciona com a imagem do sujeito que coloca em sim a tatuagem e o *piercing*, que começaram a ser absorvidos por pessoas de prestígio, como famosos e profissionais renomados, contribuindo para esse olhar diferenciado.

Na perspectiva dos *youtubers* enquanto sujeitos do discurso, há uma tentativa de fazer com que a tatuagem comece a ser inserida em um padrão estético. Ao lado do papel da marcação do corpo como sinônimo de autenticidade de uma identidade moderna, que permite a naturalização de algo considerado bizarro como um estilo de vida comum; existe aqueles que enunciam sobre a marcação do corpo como uma meta de tendência e de moda.

Apesar da tatuagem ser algo permanente e, conseqüentemente, não poder ser desfeita tão facilmente, o *piercing*, que é uma categoria de marcação do corpo mais profunda e arriscada do que um brinco comum, é mais almejado como uma tendência sazonal, principalmente entre adolescentes, que estão sempre em busca do novo e é apresentado aos responsáveis como um ornamento temporário no corpo.

Apesar das visões sutis que se desdobram da imagem sobre a tatuagem e o *piercing*, independente da marcação do corpo ser temporária ou não, ela é fetichizada constantemente e colocada em um patamar de desejo profundo, ritualizando ainda todo o processo de feitura do desenho ou de inserção da joia no corpo. Apesar do pouco tempo em que a tatuagem e o *piercing* começaram a se difundir com mais flexibilidade em relação ao século XX, a simbologia de uma bela estética para o futuro atravessa as imagens de forma geral, pois as práticas de marcação têm se tornado cada vez mais uma meta, sobretudo dos jovens, independente do desenho da tatuagem ou do local em que se coloca o *piercing* ter um significado.

Dessa forma, há uma tentativa de deslocamento da marcação do corpo como algo profano, para um novo padrão de beleza que vem tentando se instituir na sociedade e que vem ganhando cada vez mais espaço. Na maioria dos vídeos, os discursos tentam ressignificar tanto a imagem de quem marca o corpo, quanto da própria marcação, pois a memória histórica sobre a tatuagem e o *piercing* ainda se faz muito presente no inconsciente social. Entretanto, esse elemento não é categórico, já que algumas esferas sociais são mais rígidas quanto a isso, enquanto em outros contextos dessa mesma esfera, a citar a família e mercado de trabalho, por exemplo, essa realidade já é mais flexível.

Com relação às imagens que os internautas fazem sobre a marcação corporal, ela se faz de maneira articulada a imagem que é feita sobre os *youtubers*. Não pode deixar de ser reforçado, principalmente em relação às discussões propostas na introdução a partir de Bernadazzi e Costa (2017), que o que classifica o temo *youtuber* está ligado a produção de conteúdo para o entretenimento e para influenciar dos internautas. Assim, muitos dos *youtubers*

acabam enunciando sobre a tatuagem e o piercing em um patamar mercadológico, próprio de quando se anuncia qualquer outro produto no *YouTube*.

A proposta na qual *YouTube* é embasada e a finalidade para quais os vídeos são feitos, acabam por engajar os internautas a se identificarem com o conteúdo discutido nos vídeos e com os próprios enunciadores que estão ali presentes na interação. As imagens que os internautas constroem em seus discursos, através dos comentários postados nos vídeos, se relacionam com o desejo por uma mercadoria que deve ser adquirida a qualquer custo. Por vezes, são relatadas estratégias e situações que se relacionam com as dos *youtubers*, para driblar as dificuldades em marcar o corpo e o preconceito sofrido, o que gera um sentido de empatia por parte dos internautas que têm alguma marcação ou não.

De forma sintética, as análises feitas ao longo da pesquisa demonstram que as imagens construídas pelos internautas são bem alinhadas as imagens produzidas nos discursos dos *youtubers*. Mesmo nos casos em que as marcações são extensas, ao contrário do que se esperava, os internautas enunciavam sobre esses os *youtubers* marcados, categorizando-os como pessoas bonitas, destacando a personalidade como fator positivo, além do entusiasmo por estarem interagindo sobre marcações que em algum ponto são vistas como exóticas, no sentido fetichista da palavra.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo a remontar os caminhos que levaram à justificativa para a realização desta pesquisa, evidencia-se a discussão sobre o ambiente virtual, em que se destaca o *YouTube* como site de onde foi retirado o *corpus*. Devido ao alcance que o *YouTube* conquistou na atualidade, pela possibilidade de os sujeitos terem um meio virtual para se colocarem discursivamente, e exporem opiniões e argumentos sobre temas diversos, foi decidido dar espaço para serem analisados os vídeos de *youtubers* que se dedicavam à discussão do tema fundamental em torno do qual a pesquisa se debruçou; as imagens que são produzidas sobre a tatuagem e o *body piercing* e sobre os sujeitos que marcam seus corpos com essa prática.

A partir das condições de produção, contexto do discurso atrelado a lugares sociais, tal qual proposto por Pêcheux (1997b), foram tecidas análises com o suporte de outra teoria fundamental, a Teoria da Enunciação, na vertente da modalização autonímica, principalmente. Nessa perspectiva, foram retomadas as discussões sobre as heterogeneidades enunciativas que remontam a Authier-Revuz (1990, 1998, 1999); além das discussões sobre modalizações em um sentido mais amplo, que inclui estudos da autora e de outros autores como suporte.

Como forma de estabelecer o resgate de uma memória histórica, os conhecimentos da Antropologia e Sociologia através de LeBreton (2010,2012, 2013), Ferreira (2010, 2014) e Hall (2006, 2011), serviram como suporte para compreender perspectivas possíveis de corpo e como elas estão inscritas no discurso. Assim, a retomada do corpo como um produto da cultura e um espaço de construção do eu, aliou-se às discussões sobre o que se faz com esse corpo, como o sujeito reveste-se de individualidade ao marcar esse espaço de representação da identidade, sobretudo no século XX, período de popularização da tatuagem e do *body piercing* também como ato político.

Ao adotar como caminho metodológico o quadro das formações imaginárias desenvolvido por Pêcheux (1997b) e adaptado para esta pesquisa, foi possível dar andamento às análises dos discursos presentes nos vídeos de forma a focar nas imagens que são produzidas sobre os *youtubers* marcados e sobre o conteúdo que se enuncia por eles. Essas imagens observadas se deram, *à priori*, a partir da observação das condições de produção do discurso em que atravessa não somente os lugares sociais nos quais esses sujeitos estão atrelados na luta de classes, mas também na condição em que discursos anteriores se estruturaram

ideologicamente, para que fosse possível as formações discursivas constituírem um novo discurso.

Assim, foi possível observar com as análises, que os sujeitos demarcam em seus discursos uma busca pelo alinhamento aos padrões de corpo, através da tatuagem e do *body piercing*. O sentido expressado nesses discursos é de um padrão de beleza que, na contemporaneidade, inclui como aspecto de beleza a apropriação da marcação do corpo, ou seja, diferente da proposta de marcar o corpo enquanto ato de rebeldia ou de emancipação enquanto ato político no século XX, como exposto por Ferreira (2014), há uma tentativa de empurrar essas marcações em determinados padrões de normalidade para o núcleo de uma sociedade capitalista.

O que se destaca é que, no contexto do *corpus*, a visão geral não é categórica, mesmo após serem feitas análises de um recorte muito específico de vídeos. Podem ser tomados como exemplos os vídeos das adolescentes que estão presentes nos canais *Unicórnio Azul* e *Julia Pontes*, pois apesar de as enunciantoras aparentarem ter a mesma faixa de idade e falarem do mesmo tema, o *piercing*, elas têm perspectivas argumentativas diferentes sobre o que é dito, principalmente em termos das formações discursivas. Enquanto a primeira recorre a um discurso de resistência e embate contra posicionamentos negativos de familiares e amigos referentes a marcação do seu corpo; a segunda enunciantora protagoniza a colocação do seu *piercing*, ressaltando o apoio familiar, através do desejo em exibir e ostentar sua nova perspectiva de corpo marcado.

As imagens que recaem discursivamente sobre os *youtubers* demonstram perspectivas muito diferentes de prioridades relacionadas ao conteúdo e do objetivo que se adota ao falar sobre a marcação do corpo, sendo comum, entretanto, o esforço que se faz para amenizar a memória social negativa que recai sobre a tatuagem e o *body piercing*.

No que se refere ao segundo capítulo da pesquisa, as discussões específicas sobre as quais recaíram a temática além de retratarem um caminho de pesquisa objetivado pelo desejo do pesquisador, representam também um resultado analítico que é proveniente de uma interpretação prévia sobre o que geralmente se discute em vídeos com a temática. Esse caminho interpretativo aponta para uma necessidade, observada a partir dos discursos dos enunciantores, em se pensar sobre formas de enfrentamento do preconceito em relação ao corpo extensamente tatuado; em relação ao *body piercing* e a tatuagem na adolescência e o papel dos pais no acompanhamento do que os filhos decidem fazer com seus corpos; no considerável peso em

que a marcação corporal ainda tem no mercado de trabalho e a relação consentida com a dor e o cuidado com a saúde.

A necessidade pelo protagonismo pessoal se destaca nas quatro categorias em que a marcação se insere, pontuadas no segundo capítulo. Seja de forma progressiva ou consentida, marcar o corpo se apresenta como uma necessidade constituída por uma instância máxima na vida destas pessoas. Essa análise é verificada pelas constantes retomadas do signo linguístico pelos enunciadores, a fim de problematizarem a validade dos seus significados ou atribuindo novas perspectivas de sentido, caminho que recai no campo das modalizações seja para questionar o significado do termo ou para inserir a posição opinativa de enunciador perante um conhecimento que emerge de suas condições de produção, que no caso são as marcações do corpo, realidade vivenciada pelos *youtubers*.

Os diferentes tipos de pessoas e de trajetórias de vida representam lugares discursivos diferentes, constituindo identidades contraditórias que adicionam o elemento da marcação do corpo como possibilidade de dar um novo sentido a existência. E esse sentido não recobre apenas o resultado, mas cria uma simbologia em torno da decisão de se marcar, do conhecimento que se tem sobre os possíveis estigmas a serem enfrentados, ou seja, a importância do processo de marcação, seja ele fisiológico ou psicológico. Isso reforça a ideia de como o corpo e do discurso sobre esses corpos são ainda considerados como um instrumento de luta socialmente contextualizados, para romper com o tradicionalismo que se insere também de forma ideológica nos discursos que se pretende combater.

Com relação às imagens sistematizadas de forma objetiva e comentadas no capítulo 3, para além da necessidade da inserção da tatuagem e do *piercing* no grupo de procedimentos estéticos naturalizados, destaca-se ainda a importância do ambiente virtual que o *YouTube* proporciona para que os sujeitos marcados se coloquem discursivamente fora do meio midiático. Assim como foi comentado na introdução, essas pessoas intituladas *youtubers* partem de um desejo ou de uma necessidade pessoal para exporem seus argumentos e suas ideologias na internet, por conta própria e por livre e espontânea responsabilidade, a fim de atrair pessoas que se identifiquem e interajam com o conteúdo gerado.

Verifica-se, como de grande importância, o papel desses *youtubers*, sobretudo pela necessidade de disseminar informações fundamentais a respeito da tatuagem e do *body piercing* em uma perspectiva mais atualizada e sobre a realidade das pessoas com corpos marcados, contribuindo para que a difusão do tema seja feita de forma positiva e que a sociedade repense

a forma de tratamento sobre o conteúdo e sobre essas pessoas, a fim fazer com que os estigmas sejam amenizados.

Com esta pesquisa, espera-se que tenha sido possível dar visibilidade às discussões sobre as marcações no corpo, no ambiente virtual. Partindo das discussões realizadas ao longo da dissertação, a internet e os *youtubers* têm um papel importante na veiculação de informações sobre as novas identidades que estão em constante mudança, os estilos de vida que são cada vez mais complexos, além dos novos pontos de vista sobre a posse do corpo. Para além desses aspectos, a internet enquanto veículo de informação possibilita a proximidade das pessoas de forma cada vez mais dinâmica, o que possibilita ainda que as discussões desses sujeitos estejam cada vez mais interligadas.

Sendo assim, acredita-se na possibilidade de continuação de pesquisas com essa abordagem temática no campo da Linguística e de outras ciências humanas, pois é possível concluir, enquanto pesquisador, que as transformações pelas quais a sociedade passa se configuram não só pela modernização nos veículos de comunicação, mas por conta de como essas mudanças produzem novas condições de produção para os encadeamentos das ideologias.

Quanto ao conteúdo dos vídeos, é importante ressaltar o papel da memória e dos silenciamentos, onde as palavras dão espaço para produzir um sentido de latência do passado hostil que situou a marcação do corpo no ocidente. Os gestos de interpretação desses silêncios possibilitam enxergar a entrada da posse do corpo cada vez mais engolida pelo mercado do consumo e da estética, apesar dos sujeitos necessitarem provar seu alinhamento com a moral o tempo inteiro, mesmo que de forma velada.

Nesse sentido, discutir as perspectivas do corpo, do que se faz com ele, e como ele é discursivizado, são pontos fundamentais para a conscientização dos sujeitos e esta pesquisa se coloca ou tenta se colocar nesse processo de conscientização sobre os corpos na atualidade, sobre um corpo enquanto espaço de libertação das identidades, corpos que têm muito a dizer através dos discursos dos seus enunciadores, assim como pela linguagem que o corpo exala na desnaturalização. Espera-se, então, que esses questionamentos sejam também os de outros pesquisadores que tentam compreender em que medida esse corpo, que é também um produto da cultura, gera sentidos no embate discursivo e social para se integrar e coexistir com outros corpos, estando marcado pela tatuagem e pelo *body piercing*, ou quaisquer outras formas de intervenção na pele e na carne.

## Referências

AUTHIER-REVUZ, J. **Heterogeneidade(s) enunciativa(s)**. Tradução Celene M. Cruz e João Wanderley Geraldi. Cadernos de estudos linguísticos. Campinas, v. 19, p. 25-42, jul/dez. 1990.

\_\_\_\_\_. Algumas considerações sobre modalização autonímica e discurso outro. **Letras Hoje**. Porto Alegre. v. 34, nº 2, p. 7-30, junho de 1999.

\_\_\_\_\_. **Palavras incertas: as não-coincidências do dizer**. Campinas: Editora Unicamp, 1998.

AZUL, U. **Preconceito com piercing e cabelo colorido**, 2016. 1 vídeo (3 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yeQIToX-yvs>. Acesso em: 30 mar. de 2020.

BALLOUSSIER, A V. **Evangélicos podem desbancar católicos no Brasil em pouco mais de uma década**. Folha de São Paulo, São Paulo, 14 de jan. de 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/01/evangelicos-podem-desbancar-catolicos-no-brasil-em-pouco-mais-de-uma-decada.shtml>. Acesso em: 01 mar. 2020.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo, Martins Fontes, 1997.

BARBADOS, I: **NOS ARREPENDEMOS DE NOSSAS TATOOS?**, 2017 1 vídeo (12 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AWYJGH4oTzg&t=2s>. Acessado em: 30 mar. 2020.

BATISTA, A. S. **Arranjos de vozes em textos jornalísticos: quem discute educação na cobertura sobre avaliações externas?** 2016. 211 f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

BERNADAZZI, R.; COSTA, M. H. B. V. **Produtores de conteúdo no YouTube e as relações com a produção audiovisual** (ISSN:1676-3475). COMMUNICARE (SÃO PAULO), v. 17, p. 146-160, 2017. Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2017/09/Artigo-7-Communicare-17-Edi%C3%A7%C3%A3o-Especial.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2020.

BOBBIO, N. **O futuro da democracia: uma defesa das regras do jogo**. Trad. Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1989.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 e legislação correlatada [recurso eletrônico]. **Estatuto da criança e do adolescente e legislação correlata**. 12ª ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014. Disponível em: <http://www.tabelionatomanica.com.br/Leis/estatutodacrianca.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2020.

BUGESS, J; GREEN, J. **A cauda longa: do mercado de massa para o mercado de nicho**. Rio de Janeiro: Campus, 2006.

CARNEIRO, J. T. **Tatuagens literárias: o corpo como suporte do texto poético**. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

CARUCHET, W. **Le tatuage ou le corps sans honte**. Paris: Éditions Séguier, 1995.

CHAAR, L. **Preconceito - Tatuagem, modificação corporal e profissões**, 2018 (6 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jC7PpyML7gc&t=311s>. Acessado em: 30 mar. 2020.

CHARAUDEAU, P. **Análise do discurso, controvérsias e perspectivas** in Mari H. et al. (org), Fundamentos e dimensões da análise do discurso, Fale-UFMG, Edit. Carol Borges, Belo Horizonte, 1999.

DAVILA, M. **Como ser FELIZ sendo MODIFICADA? Lutando contra o PRECONCEITO! | + Desabafo!**, 2017. 1 vídeo (8 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z0tZfgjnsO0>. Acesso em: 30 mar. 2020.

DAVILA, M. **MINHAS modificações corporais | Experiências e explicações :D**, 2017. 1 vídeo (3 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oZEoka0lhcY&t=1s>. Acesso em: 30 de março de 2020.

DOSSIN, F. R.; RAMOS, C. M. A. Corporalidades no Urbano Contemporâneo: a body modification e os modern primitives. In: **IV Encontro de estudos Multidisciplinares em Cultura**, 2008, Salvador. Anais IV ENCULT Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Salvador: UFBA, 2008.

FERREIRA, M. C. L. Quadro atual da análise do discurso no Brasil. **Letras (UFSM)**, v. 01, p. 39-46, 2003. DOI 10.5902/2176148511896. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11896/7318>. Acesso em: 30 mar. 2020.

FERREIRA, V. S. F. **A tatuagem e o body piercing como arte corporal de ética da dissidência**. In Correia, V. (org.), Corpologias - vol. I: O corpo humano e a arte (p. 406- 434). Óbidos: Sinapis, 2014

FERREIRA, V. S. Tatuagem body piercing e a experiência da dor: emoção, ritualização e medicalização. **Saúde Soc.** São Paulo, v.19, n.2, p.231-248, 2010. DOI 10.1590/S0104-12902010000200002 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/Sr86fzvB9PCgXjPK4k5YndH/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 30 mar. 2020.

FIORIN, J. L. A pessoa desdobrada. **Alfa. Revista de Linguística**, São Paulo, v.5, n.39, p. 23-44, 1996. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3968>. Acesso em: 30 mar. 2020.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1997.

GALEGA, M. **Tattoo your soul: a dor e o prazer de ser você mesmo**. São Paulo: Quark Press, 2010.

GUIRADELLI, L. A; SANTOS, A. C. O. A modalidade deontica nas bulas de remédio. **Nucleus**, v.7, n.2, out.2010. DOI: 10.3738/1982.2278-388. Disponível em: file:///C:/Users/rails/Downloads/Dialnet-AModalidadeDeonticaNasBulasDeRemedios4039269%20(1).pdf. Acesso em: 30 mar. 2020.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

\_\_\_\_\_. **Quem precisa de identidade?** In: Silva, Tomaz Tadeu (Org); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 10ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

HENRY, P. **Os fundamentos teóricos da “Análise automática do discurso” de Michel Pêcheux (1969)**. Tradução de Tradução Eni Pulcinelli Orlandi. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3ª ed. Campinas, SP. Editora da Unicamp, 1997d. p. 13-37.

JEHA, S. **Uma história da tatuagem no Brasil**. São Paulo: Veneta, 2019.

LEBRETON, D. Escarificações na adolescência: uma abordagem antropológica. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 16, n. 33, p. 25-40, jan./jun. 2010. DOI 10.1590/S0104-71832010000100003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/KJyqh8ryDjNzrsdJx7wF7wv/?lang=pt>. Acesso em: 30 mar. 2020.

LEBRETON, D. **A Sociologia do corpo**. 6.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

\_\_\_\_\_. **Antropologia do corpo e modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2013.

LEMONS, M. **TATUAGEM X EMPREGO – MISCHA LEMOS**, 2017. 1 vídeo (6 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fjgcN98Cj8w&t=1s>. Acessado em: 30 mar. 2020.

MACEDO, S. **O ato de tatuar-se a relação com o eu**. 2014. 136 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Instituto de Psicologia. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.

MALDIDIER, D. **Inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje**. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 2017.

MCCLEARY, L. E.; VIOTTI, E. **Fundamentos para uma semiótica de corpos em ação**. In FIORIN, J.L. (Org.), *Novos caminhos da linguística*. São Paulo, SP: Editora Contexto, 2017, p. 171-193.

MENDES, C. L. O corpo em Foucault: superfície de disciplinamento e governo. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, n. 39, p. 167-181, 2006. DOI 10.5007/%25x. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacf/article/view/17993/16941>. Acesso em: 30 mar. 2020.

MARQUES, T. **O brasil tatuado e outros mundos**. Rio de Janeiro: editora Rocco, 1997.

MILANEZ, N; FONSECA-SILVA, M. C. Corpo e Escrita: memórias do sujeito e lugares de autoria. In: **III Seminário de Estudos em Análise do Discurso**, 2007, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: SEAD, 2007. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/3SEAD/Simposios/NiltonMilanez.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2020.

NETO, I. S. L.; QUEIRÓS, Francimeire Cesário de Oliveira. Sob o olhar de Bakhtin: o gênero discursivo vlog confessional. **VERBUM - Cadernos de Pós-Graduação**, v. 7, p. 137-155, 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verbum/article/view/40175/27393>. Acesso em: 30 mar. 2020.

NOGUEIRA, N. S. **Corporalidades, body modification e a sociedade contemporânea**. 2015. 52 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade de Ceilândia, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

ORWELL, G. A revolução dos bichos. Cornélio Procópio: UNEP, 2015.

MORAES, M. **TATUAGENS E DIFICULDADE DE ARRUMAR EMPREGO**, 2017. 1 vídeo (9 min). Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=6qJEev2S7qU> > Acesso em: 30 mar. 2020.

PIACENTINI, T. **Piercing: como convencer os pais**, 2014. 1 vídeo (9 min). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=OihKGq\\_KSgY&t=302s](https://www.youtube.com/watch?v=OihKGq_KSgY&t=302s). Acesso em: 30 mar. 2020.

PÊCHEUX, M. **A análise de discurso: três épocas (1983)**. Tradução de Tradução Eni Pulcinelli Orlandi. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3ª ed. Campinas, SP. Editora da Unicamp, 1997a. p. 311-319

\_\_\_\_\_. **Análise automática do discurso (AAD-69)**. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3ª ed. Campinas, SP. Editora da Unicamp, 1997b. P. 61-161.

\_\_\_\_\_. Michel; FUCHS, Catherine. **A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975)**. In: GADET, Françoise, HAK, Tony (orgs.). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas, SP: 3ª ed. da Unicamp, 1997c. p. 163-252.

\_\_\_\_\_. **Papel da memória**. In: ACHARD, P. et al. (Org). Papel da memória. Tradução e introdução de José Horta Nunes. 3ª ed. Campinas: Pontes, 2010. p. 49-57.

\_\_\_\_\_. **Semântica e discurso**. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi [et al.]. 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp. 1995.



PEDRO, Fabiano Oliveira; AGUIAR, Helder de Souza. Visual Corporativo: a influência da tatuagem na carreira profissional. **Novos Saberes-Revista Digital Acadêmica**, v. 2, p. 24-44-44, 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/rails/Downloads/VISUAL-CORPORATIVO.pdf>. Acesso: 30 mar. 2020.

PEREIRA, Beatriz Patriota. **“O mais profundo é a pele”**: processos de construção de identidade por meio da tatuagem. 2016. 158 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Centro de Educação e Ciências Humanas. Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2016.

IBGE. **Síntese de indicadores 2005**. Coordenação de Trabalho e Rendimento. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Rio de Janeiro, 2006.

\_\_\_\_\_. **Síntese de indicadores 2009**. Coordenação de Trabalho e Rendimento. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Rio de Janeiro, 2010.

\_\_\_\_\_. **Acesso à internet e à televisão e posse de telefonia móvel celular para uso pessoal**. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Rio de Janeiro, 2016.

PIRES, Beatriz Ferreira. Piercing, O Corpo como Suporte da Arte. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**. v. VI, n.1, p. 76-85, 2003. Disponível em: [http://www.psicopatologiafundamental.org.br/uploads/files/revistas/volume06/n1/o\\_corpo\\_co\\_mo\\_suporte\\_da\\_arte.pdf](http://www.psicopatologiafundamental.org.br/uploads/files/revistas/volume06/n1/o_corpo_co_mo_suporte_da_arte.pdf). Acesso em: 30 mar. 2020.

PONTES, Julia. **Meu primeiro piercing doeu muuuuito**, 2015. 1 vídeo (6 min). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=9DLI6KxcNkU>. Acesso em: 30 mar. 2020.

SANT'ANNA, Thaís. **'Elsa brasileira' diz ser alvo de preconceito: 'Falam que têm nojo'**. Ego, São Paulo, 23 de dezembro de 2015. Disponível em: <http://ego.globo.com/famosos/noticia/2015/12/elsa-brasileira-diz-ser-alvo-de-preconceito-falam-que-tem-nojo.html>. Acesso em: 30 mar. 2020.

STAPASSOLI, Raquel. **HISTÓRIAS REAIS DE TATUAGEM – PROFESSORA**, 2017. 1 vídeo (3 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hiaprsoVagQ>. Acesso em: 30 mar.2020.

SANTOS, Eliane Pereira. O uso de modalizadores epistêmicos no gênero comentário online. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 01, n. 01, p. 168-181, jan./jun. 2012. DOI 10.22297/dl.v1i1.233. Disponível em: <http://periodicos.uern.br/index.php/dialogodasletras/article/view/233>. Acesso em: 30 mar. 2020.

SILVA, Maria da Conceição Fonseca. Sobre La fronteira absente (um biln). In: **1º seminário de Estudos em Análise do Discurso**, 2004, Porto Alegre. Michel Pêcheux e Análise do Discurso: Uma relação de nunca acabar. Porto Alegre: UFRGS, 2003. v. 1. p. 10-11. Disponível em:

<https://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/1SEAD/Paineis/MariaDaConceicaoFonsecaSilva.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2020.

SCHIFFMACHER, Henk. **1000 Tattoos**. Colônia: Taschen. 1996.